

PIERRE MONTLOIN
JEAN-PIERRE BAYARD

OS ROSA-CRUZ

OU A CONSPIRAÇÃO DOS SAPIENTES



COLEÇÃO

e

ESFINGE

edições
70

Os Rosa-Cruz

ou A Conspiração dos Sapietes

Pierre Montloin
Jean-Pierre Bayard

Tradução de Emanuel Lourenço Godinho

Os domínios do mistério prometem as mais belas
experiências

Einstein

PRIMEIRA PARTE

O essencial num livro reside no laço que este estabelece entre as almas, tal como está escrito: «Eis o livro das gerações do homem.» (Zem Sefer Tholdoth Adam) (Gén. VII).

Rabi Nahman de Bratislava

TRÊS OPINIÕES. MUITAS QUESTÕES

Em Francoforte do Meno, em 1628, surgiu um in-fólio intitulado *Summum bonum*⁰⁰¹ que suscitou viva polémica, em toda a Europa, no seio do mundo dos sábios e cientistas. Era subscrito por Joachim Fizzio, pseudónimo de Robert Fludd.

Quando perguntaram ao autor:

--Você pertence aos rosa-cruz?

Respondeu:

--Na verdade, nada fiz para o merecer, mas tal bênção depende, contudo, da graça de Deus.

O halo de mistério em que se envolviam (e envolvem) os rosa-cruz expressa-se continuamente deste modo simultaneamente enigmático e gnómico, o que nos leva a formular o problema essencial, ao qual, precisamente, este livro irá esforçar-se por dar uma resposta:

«O que é, afinal, um rosa-cruz?».

Por enquanto, serão três os autores a guiar-nos nesta busca da Cruz e da Rosa místicas.

O primeiro é um contemporâneo de Robert Fludd,⁰⁰² Gustave Naudé, bibliotecário de Luís XIII e protegido de Richelieu, que afirma:

«Os irmãos da Rosa-Cruz comprometiam-se, nomeadamente, a exercer gratuitamente a medicina, a reunir-se uma vez por ano, a manter secretas as suas assembleias. Pretendiam que a doutrina do seu mestre era a mais sublime que algum dia se concebeu; que eram piedosos e sábios ao mais alto grau; que conheciam por revelação aqueles que eram dignos de pertencer à sua confraria; que não estavam sujeitos nem à fome, nem à sede, nem às doenças; que mandavam nos mais poderosos dos espíritos e dos demónios; que podiam chamar a si, unicamente devido às virtudes dos seus cânticos, as pérolas e as pedras preciosas; que tinham descoberto um novo idioma capaz de exprimir a natureza de todas as coisas; que reconheciam no papa o Anticristo; que reconheciam como seu chefe e chefe de todos os cristãos o imperador dos Romanos; e que lhe forneceria mais ouro e prata do que aquele que o rei de Espanha podia obter com as rendas que lhe vinham das

índias, já que os seus tesouros nunca poderiam esgotar-se...»⁰⁰³

O segundo autor viveu um século e meio depois. Chamava-se Hargrave Jennings. Eis um extracto da sua obra apologética *The Rosicrucians, their rites and mysteries*:⁰⁰⁴

«A sua existência, ainda que historicamente incerta, está envolta num tal prestígio que obriga ao seu reconhecimento e conquista a admiração. Falam da humanidade como situando-se num plano infinitamente inferior ao deles, pois o seu orgulho é grande ainda que externamente afectem a modéstia.

«Amam a pobreza e declaram que esta é para eles uma obrigação, ainda que possam dispor de imensas riquezas. Recusam-se às afeições humanas ou só a elas se submetem enquanto obrigações de conveniência exigidas pela sua estada neste mundo. Comportam-se cortesmente no convívio com as mulheres, ainda que sejam incapazes de ternura e as considerem como seres inferiores. São externamente simples e diferentes, mas o brilho da sua autoconfiança, que lhes enche a alma, só se apaga face aos céus infinitos.

«São as pessoas mais sinceras do mundo, mas o granito é bem macio em comparação com a sua impenetrabilidade. Junto dos adeptos, todos os monarcas são pobres; ao lado desses teósofos, os mais sábios parecem estúpidos; nunca dão um passo que possa levá-los à fama, pois desprezam-na; e, se se tornam célebres, isso é quase como que a contragosto; não buscam as honras, porque nenhuma glória humana lhes pode convir.

«O seu maior desejo é passearem incógnitos pelo mundo; assim, assumem uma atitude negativa para com a humanidade e positiva para com todas as outras coisas...

«Qual a bitola de apreciação a aplicar a esta fantástica exaltação? Os conceitos críticos esfumam-se perante ela. O estado destes filósofos ocultos é o sublime ou o absurdo. Não estando em condições de compreender nem a sua essência nem os seus fins, o mundo declara que ambos são fúteis.

«No entanto, os tratados destes fecundos escritores são férteis em discursos profundamente subtis sobre temas dos mais áridos, contendo magníficas páginas sobre todos os temas e assuntos: sobre os metais, sobre a medicina, sobre as propriedades dos simples, sobre a teologia e sobre a ontologia. Em todas estas matérias, alargam até ao infinito o horizonte intelectual...»

Edward-George, primeiro baronete de Bulwer Lytton (1803-1873), é o autor de um romance medíocre que teve um enorme sucesso, *Os Últimos Dias de Pompeia*, e de numerosas obras de excelente qualidade que vieram a cair no esquecimento. Limitar-nos-emos a lembrar que foi *imperator* da

Societas Rosicruciana in Anglia (SRIA), tendo condensado os seus conhecimentos esotéricos em *Zanoni*. Eis como Bulwer Lytton apresenta o personagem de *Zanoni*:⁰⁰⁵

«Será que Zanoni pertencia a essa sociedade mística, a Rosa-Cruz, que, outrora, se vangloriava de possuir inúmeros segredos, sendo o da pedra filosofal um dos mais insignificantes, a essa sociedade que se considerava como a herdeira de todo o ensino dos caldeus, dos magos, dos gimnosofistas e dos pitagóricos?

«Será que era membro dessa seita oculta, que diferia de todas as outras pela sua prática da virtude, pela pureza da sua doutrina e pela posse da dupla base indispensável à edificação de toda a sabedoria: o domínio dos sentidos e a fé?

«Na verdade, se Zanoni possuía de facto os "poderes" superiores dos sábios que por vezes se encontram, deve confessar-se que o uso que lhes dava não era indigno de um poder tão alargado...»

Nas suas grandes linhas, estas opiniões (ou estas revelações) são concordantes.

Mas será que, apesar disso, são exactas?

Os rosa-cruz terão sido realmente seres quase sobre-humanos, possuidores de tanta ciência como de virtude? Terão tido, de facto, uma profunda influência na evolução dos homens e das ideias? E donde lhes viria tanta sapiência ?

E mais, será que ainda existem hoje em dia rosas-cruzes que pratiquem uma autêntica filiação iniciática?

E (última e insidiosa questão), os rosa-cruz, tal como são evocados por Naudé, Hargrave Jennings, Bulwer Lytton, terão realmente existido?

É a estas questões e a algumas outras, colaterais e conexas, que este livro pretende dar resposta.

A EUROPA, A FRANÇA E PARIS EM 1623

O reino de França esteve a ponto de perecer. E em 1623 continua a ser um organismo enfermo, gravemente atingido, com bruscos acessos de febre e crises imprevisíveis. A partir de 1550, as guerras religiosas tinham-no arruinado, ensanguentado, massacrado. Católicos e protestantes rivalizavam em crueldade, tendo, além do mais, chamado em sua ajuda bandos armados comandados por *condottieri*. Assinado em 15 de Abril de 1598, o édito de Nantes sancionou uma trégua, mas não uma verdadeira e sincera reconciliação. E, a 14 de Maio de 1610, o assassinio de Henrique IV esteve prestes a reavivar a chama do anarquismo.

As guerras religiosas permitiram formular um sombrio diagnóstico: a morte prematura do Estado, devida precisamente ao facto de a sua constituição ser demasiado recente. As perturbações havidas tinham demonstrado que não havia uma França, mas sim várias Franças, todas elas prontas a retomar a sua independência logo que possível. Mas havia outros males, males mais profundos, mais enraizados. Não só a agricultura está devastada e a nobreza desunida e arruinada, como inclusive a própria autoridade monárquica vem sendo posta em causa. Os libertinos (entenda-se, os cépticos ou até mesmo os ateus) pululam. Por uma espécie de equilíbrio psicossociológico de alternativa frequentemente constatado, aquilo que o cristianismo perdeu vem a aproveitar às feiticeiras, aos charlatões, aos escroques.

Mas desçamos aos factos.

Após a morte do rei Henrique IV, a rainha Maria de Médicis demitiu o íntegro e competente Sully, substituindo-o por um aventureiro florentino, Concini, o qual, com a cumplicidade de sua mulher, Leonora Galigai, acaba por pôr o Estado a saque. Aos treze anos, em 1614, o pequeno rei Luís XIII é declarado maior. Trata-se de um adolescente enfermiço e complexado, que a clique da regente vem a afastar do poder.

E em breve a situação económica vem a revelar-se tão grave que os Estados Gerais são convocados. Os debates, confusos, desleais, em mais não resultam do que num processo verbal de carência. Casam Luís XIII com Ana

de Áustria, infanta de Espanha. A nobreza levanta-se contra esta união, já que para tal não foi consultada. Maria de Médicis compra a fidelidade dos mais turbulentos dos revoltosos. Os Concini tornam-se cada vez mais rapaces; o rei confina-se a pueris distrações e a algumas amizades algo inquietantes. Finalmente, o seu favorito, Luynes, consegue levar este tímido a uma acção súbita e fulgurante. Vitry, capitão dos guardas, mata Concini e a Galigai é encarcerada. O cadáver de Concini é ignobilmente profanado pelo povo de Paris. Acusada de bruxaria, a viúva de Concini é condenada e seguidamente executada. Luynes é feito duque e par do Reino. Mas o partido da regente não se dá por vencido, e mais uma vez a nobreza volta a lançar-se na guerra civil. Os protestantes do Sul criam com outros correligionários um autêntico Estado dentro do Estado. Os exércitos reais não conseguem obter qualquer vitória decisiva nos combates que com eles travam. Só em 1622 é que Luís XIII consegue impor uma paz que desagrada tanto aos católicos como aos protestantes.

Maria de Médicis (que fora exilada para Blois)⁰⁰⁶ é autorizada a voltar a Paris. Traz consigo o bispo de Luçon, Richelieu, que só virá a tornar-se primeiro-ministro dois anos depois, passando então a governar com mão de ferro, e vindo em breve a impor aos protestantes a derrota de La Rochelle.

Neste sangrento atoleiro germinam e florescem algumas almas de eleição. Para o catolicismo, o concílio de Trento vem a dar os seus frutos, que durarão até ao Vaticano II.

Em França, uma elite espiritual segue na senda de François de Sales e do cardeal de Bérulle. Cria-se um humanismo devoto, assim definido pelo abade Brémond:

«Trata-se de uma escola de santidade pessoal, de uma doutrina, de uma teologia, sem dúvida, mas de ordem afectiva e totalmente orientada para a prática. A sua propaganda tem em vista chegar a todos os fiéis, até mesmo aos mais simples...»

Eis o que recomenda o fundador da congregação do Oratório, o cardeal de Bérulle:

«Refugiemo-nos em nós mesmos, isolemo-nos do mundo exterior, mergulhemos o nosso espírito no silêncio da meditação, e as noções primeiras, o próprio Deus, surgir-nos-ão em toda a sua evidência!»

Donde um misticismo agostiniano: o homem liberta-se do mundo sensível, procura contemplar adentro de si mesmo o Ser, o Uno, e, por assim dizer, tocá-lo por um contacto de substância a substância.⁰⁰⁷

O cartesianismo começa já a tomar forma. E compreender-se-á toda a sua importância quando descrevermos a busca mística de René Descartes. Está na forja uma enorme revolução no campo da filosofia. A doutrina de S. Tomás de Aquino continua, nos primeiros anos do século, a ser ensinada nas universidades. Frédéric Mauro define-a como substancialista, realista, dualista, dinamista e espiritualista. A filosofia cartesiana nascente irá permanecer muito ligada ao Ser, mas acabará por instalar-se num parâmetro de tensão entre o pensamento e a extensão.

Para Descartes, a filosofia é um método e um método para pensar, não um sistema, não uma arquitectura.

No turbilhão do pensamento religioso e filosófico, o jansenismo, corrente essencialmente francesa, vai em breve começar a manifestar-se; paradoxalmente, irá dar origem a um misticismo confuso e descontrolado.

Quanto ao protestantismo, o seu destino resume-se a progredir segundo a dialéctica hegeliana: tese, antítese, síntese.

Paris condensa e exalta as virtudes, pouco numerosas, mas também os vícios, pululantes, do reino da flor-de-lis. O seu meio milhão de habitantes é agitado por febres endémicas, sendo este termo tomado tanto no seu sentido médico como psicológico. Nas ruas estreitas, sinuosas, apinhadas, reinam toda uma sujeira e um fedor perfeitamente diabólicos. O Verão, nesta grande cidade sem serviços sanitários e sem esgotos, é particularmente infecto. A guarda postada nos portões de acesso ao Louvre é impotente para proteger o rei ou a corte deste flagelo.

Por isso, Luís XIII passa lá o mínimo tempo possível. A pretexto de ir caçar, passa o tempo a cavalgar pelas vastas florestas que circundam a capital ou opta por fixar a sua corte junto às margens do Loire, em Rambouillet ou em Fontainebleau.

Para nos levar à descoberta de Paris no reinado de Luís XIII, Émile Magne será o nosso guia:⁰⁰⁸

«As ruas, sob a sua agitação laboriosa ou frívola, ocultam uma constante efervescência, que explode ao mínimo incidente... A miséria é grande, em todas as classes burguesas ou servis. Os impostos são esmagadores, a moeda é instável, o custo de vida sobe desordenadamente, a miséria e o desemprego

são males tão epidémicos como as "febres pútridas". De acordo com um hábito que lhes é caro, os parisienses exaltam-se no ódio colectivo. Começou-se por execrar a regente e o seu *coglione* Concini. Agora que Concini foi morto juntamente com a megera da mulher, deixou de cristalizar os ódios, que passaram a ter por alvo, segundo o humor ou as circunstâncias, os parasitas da corte, os devotos da religião antagonista, ou até mesmo o próprio rei. Paris é o refúgio, o pandemónio da canalha provincial, englobada sob o vocábulo de "gasções", esses "enlameados sem cavalos".

«Os traficantes da credulidade, adivinhos, astrólogos, charlatões, escroques de todo o género e principalmente os chamados "mercadores mistos" são inumeráveis.

«Pescadores de águas turvas, os "mercadores mistos", continua Émile Magne, criam a confusão para dela tirar partido. Peritos em todo o tipo de negócios e de ofícios, aterrorizam, a fim de melhor os poderem esmifrar, os papalvos que lhes dão ouvidos, anunciando-lhes as piores calamidades. Aproveitando-se desse terror, compram, por uma ninharia, todos os objectos de que os simplórios se desembaraçam, revendendo-os depois por alguns belos luíses de ouro...

«E seria um nunca mais acabar, se nos puséssemos a enumerar a turba de vagabundos que então pululavam... Autores que arrastavam a sua miséria pelas ruas enlameadas, impressores, liveiros, todos aí se misturam, qual multidão equívoca, a soldo da corte ou dos rebeldes, escrevendo, editando, pondo à venda toda a casta de panfletos. Vários milhões destes opúsculos saem, ao longo dos anos, das tipografias clandestinas, indo alimentar a chama das paixões. Os pregoeiros que os difundem, frequentemente com risco da própria vida, enxameiam as ruas como autênticas pragas... Muitas vezes, no meio dos grupos que conseguem reunir, os beleguins da ronda ou dos Paços do Concelho surgem a estragar-lhes a festa. A multidão enfrenta-os, enquanto o pregoeiro, ágil como um macaco, alcança em alguns saltos o dédalo das ruas... Sob as pedras e os apupos, os soldados esforçam-se, as mais das vezes sem o conseguirem, por limpar o terreno. Nem os decretos reais, nem os mandados policiais, nem as leis do Parlamento proibindo os ajuntamentos conseguem ser obedecidos. As encruzilhadas, as pontes, as tascas, as lojas, formigam de conspiradores e de endiabrados tagarelas...»

No centro de Paris, na praça de Grève, os Paços do Concelho emparelham, de certa forma, com o palácio do Louvre. Os primeiros concentram em si a vida administrativa da capital, o segundo a autoridade real. Mas o Louvre só é frequentado pelos cortesãos, pelos príncipes e pela sua criadagem. Os Paços do Concelho são um foco de contínua agitação. «De manhã à noite, escreve Émile Magne, eles fervilham com toda uma frenética efervescência, engolindo e vomitando, pelos seus enormes pórticos, uma

dupla corrente de multidões variegadas e de veículos.»

Espectáculo gratuito e altamente apreciado, é aí que Chalot, o carrasco, enforca, decapita e suplicia.

Os senhores da administração da cidade costumam aí dar igualmente sumptuosas festas, que rivalizam com as do rei.

Os mendigos que por lá andam dedicam-se ao carteirismo e os patifes à mendicidade, enquanto os burgueses comentam as baixas das rendas e os agitadores peroram.

A praça de Grève, por mais apinhada e mal afamada que seja, é um dos raros «passeadores» (nós diríamos passeios públicos) da capital. As outras zonas verdes, logo, arejadas, situam-se nos arrabaldes: passeio público do Arsenal, Cours-la-Reine, áleas da Reine Marguerite, Pré-aux-Clercs.

Foi nestes locais e em algumas encruzilhadas usualmente apinhadas de gente que teve lugar, no Verão de 1623, um acontecimento de importância capital.

O melhor testemunho que ainda subsiste acerca deste acontecimento é o de Gabriel Naudé (1600-1653), personagem que foi ao mesmo tempo erudito e picaresco, interessando-se por tudo, sempre implicado em todas as intrigas, tanto da corte como da cidade.

Cortesão, espião, grande viajante, céptico, foi sucessivamente médico do rei Luís XIII e bibliotecário de Mazarino, após ter sido «denunciante» de Richelieu. Convidado (tal como Descartes) pela rainha Cristina a ir até à Suécia, morreu no caminho, ao fazer escala em Abbeville.

Eis o que pode ler-se na sua *Instrução à França sobre a Verdade dos Irmãos Roza-Cruz* (Paris, 1623):⁰⁰⁹

«Há cerca de três meses que um dos irmãos, vendo que o rei estava em Fontainebleau e o reino tranquilo, e que, estando Mansfeld⁰¹⁰ demasiado afastado para que se pudesse ter notícias todos os dias, havia, pois, falta de informações,⁰¹¹ decidiu, após ter consultado todos os outros grupos, afixar nas encruzilhadas, a fim de no-las dar a conhecer, o seguinte bilhete contendo seis linhas manuscritas:

«"Nós, deputados do colégio principal dos irmãos da Roza-Cruz, estabelecemos residência visível e invisível nesta cidade pela graça do Altíssimo, para o qual se voltam os corações dos justos. Nós revelamos e ensinamos, sem livros nem sinais, a falar todas as espécies de línguas do país em que pretendemos estar, a fim de evitar que os homens, nossos semelhantes, incorram em erros mortais."

«O que muito intrigou os basbaques dos Parisienses, tanto mais que (tal como Naudé o precisa) careciam, nesse Verão escaldante, de novidades com que pudessem alimentar a sua curiosidade ou o seu temor. O povo, não sabendo ler, não reagiu. O clero, e sobretudo os senhores da Companhia,⁰¹² inquietaram-se, já que o cartaz rescendia senão a heréticos, pelo menos a huguenotes. Pois apenas estes últimos se serviam comumente da expressão bíblica "Altíssimo". Nenhuma referência a Jesus Cristo, à Virgem, aos santos, nem, o que é mais grave, à hierarquia. Quanto a essa prometida "poliglota", não seria uma alusão ao "dom das línguas", três vezes citado nos *Actos dos Apóstolos* e que tão maravilhosos temas de discussão tinham fornecido aos teólogos.⁰¹³

«Pouco tempo volvido, os rosa-cruz voltaram à carga, voltando a afixar nos mesmos locais:

«"Nós, deputados do colégio de Rosa-Cruz, prometemos a todos aqueles que quiserem entrar para a nossa Sociedade e Congregação ensiná-los no perfeito conhecimento do Altíssimo, da parte do qual nos reunimos hoje em assembleia, e torná-los, tal como nós, de visíveis em invisíveis e de invisíveis em visíveis, passando a poderem transportar-se para todos os países estrangeiros aonde o seu desejo os quiser levar. Mas, para alcançar o conhecimento destas maravilhas, advertimos o leitor de que conhecemos os seus pensamentos e que, se lhe apetecer conhecer-nos apenas para satisfazer a sua curiosidade, nunca conseguirá comunicar connosco, mas que, se, pelo contrário, tiver realmente intenção de se inscrever nos registos da nossa confraternidade, nós, que julgamos os seus pensamentos, far-lhe-emos ver a verdade das nossas promessas de tal modo que não damos qualquer indicação quanto à nossa morada, já que os pensamentos, juntos à vontade real do leitor, serão quanto basta para a ele nos darmos a conhecer e ele a nós."»

Tão habilmente orquestrada, esta «campanha de afixação» veio a dar os seus frutos. E eis que as disputas entre papistas e huguenotes recomeçam. Se não fizesse tanto calor, pela certa se bateriam.

Gabriel Naudé, «bufo» do poder, leva a cabo uma discreta investigação. E isso é-lhe tanto mais fácil quanto serve precisamente os desígnios daqueles que fingem esconder-se para melhor chamarem sobre si a atenção do público.

Eis, portanto, o que Naudé recolheu, e serviu, fresquinho, no memorial atrás citado. A dar-lhe crédito (e porque é que lho negaríamos?), os «roza-cruz» afirmam:⁰¹⁴

«Que estão destinados a executar o restabelecimento de um novo e melhor

estado de coisas, antes que chegue o fim do mundo;

«Que possuem ao mais alto grau a devoção e a sabedoria e que, no respeitante a tudo aquilo que alguém pode desejar das graças da natureza, são os seus pacíficos detentores, podendo dispensá-las conforme julguem ou não adequado;

«Que, seja em que sítio for que se encontrem, conhecem melhor as coisas que ocorrem no resto do mundo do que se estas lhes fossem patentes;

«Que não estão sujeitos nem à fome, nem à sede, nem à velhice, nem às doenças, nem a qualquer outra indisposição da natureza;

«Que conhecem por revelação aqueles que são dignos de serem admitidos na sua sociedade;

«Que podem, em qualquer altura, viver como se existissem desde o princípio do mundo ou como se devessem permanecer até à consumação dos séculos;

«Que possuem um livro no qual podem aprender tudo aquilo que está contido nos livros já escritos ou por escrever;

«Que podem forçar os espíritos e os demónios, por mais poderosos que estes sejam, a porem-se ao seu serviço e chamar a si, devido à virtude do seu canto, as pérolas e as pedras preciosas;

«Que Deus os envolveu numa nuvem a fim de os furtar aos ataques dos seus inimigos e que ninguém os pode ver, a menos que disponha de uma visão mais penetrante do que a da águia;

«Que os oito primeiros irmãos da Roza-Cruz possuíam o dom de curar todas as doenças, a tal ponto que estavam sempre rodeados pela multidão dos aflitos que lhes chegavam, e que um deles, muito versado na cabala, tal como o testemunha o seu *Livro M*, curara da lepra o conde de Norfolk, em Inglaterra;

«Que Deus deliberou multiplicar o número dos membros da sua confraria;

«Que descobriram um novo idioma a fim de explicar a natureza de todas as coisas;

«Que, por seu intermédio, o triplo diadema do papa será reduzido a cinzas;

«Que afirmam publicamente, sem qualquer receio de por isso serem atacados, que o papa é o Anticristo;

«Que condenam os blasfemos do Oriente e do Ocidente, isto é, de Maomé e do papa, e só reconhecem dois sacramentos, a par das cerimónias da Igreja primitiva, renovada pela sua congregação;

«Que reconhecem a quarta monarquia, e o imperador dos romanos como seu chefe e chefe de todos os cristãos;

«Que lhe fornecirão mais ouro e prata do que aquele que o rei de Espanha alguma vez conseguiu retirar das Índias, tanto orientais como ocidentais, tanto mais que os seus tesouros são inesgotáveis;

«Que o seu colégio, ao qual chamam Colégio do Espírito Santo, não pode ser vítima de qualquer agressão, mesmo que cem mil pessoas já o tivessem visto;

«Que possuem nas suas bibliotecas vários livros misteriosos, um dos quais -- aquele que lhes é mais útil depois da *Bíblia* -- é o mesmo que o reverendo pai iluminado R.C. segurava na própria mão direita aquando da sua morte; «Finalmente, que estão certos e seguros de que a verdade das suas máximas durará até ao último período.»

Por mais enigmática que esta profissão de fé possa ter parecido, não deixou por isso de ser menos explícita, em alguns pontos, para aqueles que, como Gabriel Naudé, possuíam algumas noções de história e de teologia.

Este sonho do Santo Império, da quarta monarquia, de um último período do mundo, era o reflexo do grande desígnio dos Gibelinos, de que Frédéric de Hohenstaufen, Dante e Joachim Flore tinham sido os intérpretes. Um só poder temporal, uma só autoridade espiritual. Uma Igreja subtraída ao cesaro-papismo.

A Idade do Ouro, tal como seria de desejar neste período de cinismo, de concussão, de pilhagem e de sangue.

A colocação «em pé de igualdade» do papa e do califa afastava as suspeitas de conivência com os templários que, ainda que massacrados ou dispersos em 1314, continuavam a sobreviver clandestinamente e que, na verdade, tinham sido condenados por terem declarado esperar o advento de uma religião totalmente espiritual que transcendesse o islão e a cristandade.⁰¹⁵

Quem era esse «pai iluminado R. C.»? Em França, dentro em breve o virão a saber; mas em terras germânicas já desde há alguns anos que o sabiam.

Percursos da publicidade e das relações públicas, os emissários da Rosa-Cruz deixaram escapar novas revelações, de que Gabriel Naudé se fez eco. Eis, portanto, segundo ele, os «votos» a que se comprometiam aqueles a que se começava a chamar os irmãos do Invisível Colégio ou até mesmo os Invisíveis:

«Exercer caritativamente a medicina e sem receber de ninguém qualquer recompensa;

«Vestir-se conforme os usos dos países em que se encontrem;

«Dirigirem-se, uma vez por ano, ao local da sua assembleia geral ou fornecerem por escrito uma desculpa legítima para a sua ausência;

«Escolher, quando de tal sentirem necessidade -- isto é, quando estiverem prestes a morrer --, um sucessor capaz de ocupar o seu lugar e de os

representar;

«Ter o carácter da R. C. como sinal de reconhecimento entre si e como símbolo da sua congregação;

«Tomar as precauções necessárias para que o local da sua sepultura seja desconhecido, nos casos em que aconteça a algum deles morrer em país estrangeiro;

«Manter a sua sociedade secreta e oculta durante cento e vinte anos e crer fortemente em que, se lhe acontecesse vir a desmoronar-se, poderia ser reintegrada no sepulcro e no monumento do seu primeiro fundador.»

Mas ninguém se ficava por aqui. A Rosa-Cruz era o tema de inúmeras conversas. E todos procuravam poder vangloriar-se de saber mais a respeito deles do que os seus interlocutores. O que acarretava, como é natural, que se dissesse toda a casta de tolices e de calúnias. Contudo, alguns, mais bem informados (por quem?), asseguravam -- e tinham razão -- que um dos textos fundamentais da Rosa-Cruz devia ler-se do seguinte modo:

«Mais alguns anos, e espero que o dinheiro passe a ser tão desprezado como todas as escórias, e que possa ver-se ruir essa besta contrária ao espírito de Jesus Cristo. O povo deixou-se enlouquecer por ele, e as nações insensatas adoram esse metal inútil e pesado como se de uma divindade se tratasse. Será que é ele que deve servir para a nossa próxima redenção e para as nossas esperanças futuras? Será que é por seu intermédio que entraremos na Nova Jerusalém, quando as suas praças forem pavimentadas a ouro, quando as suas portas forem formadas por pérolas e por pedras preciosas, e quando a Árvore da Vida colocada no centro do Paraíso devolver, pela acção das suas folhas, a saúde a todo o género humano?

«Prevejo que os meus escritos serão tão apreciados como o ouro e a prata, por mais puros que estes sejam, e que, graças às minhas obras, estes metais passarão a ser tão desprezados como o esterco. Acreditem-me, jovens, e vocês também, anciãos, pouco falta já para que chegue esse tempo. E não o digo por um qualquer assomo imaginativo de inútil exaltação, mas sim porque vejo no espírito que todos, tantos quantos somos, nos iremos reunir vindos dos quatro cantos do mundo; e então já não temeremos as emboscadas que armaram contra a nossa vida e daremos graças a Deus, Nosso Senhor. O meu coração faz-me pressentir maravilhas desconhecidas. O meu espírito faz-me sobressaltar com o sentimento do Bem que dentro em breve atingirá todo o Israel, o povo de Deus.»

Por outras palavras, os rosa-cruz, ao profetizarem o fim do reinado do ouro, estavam já a colocar a questão social.

Há, nesta maldição das riquezas temporais, um certo antegosto do comunismo, um eco das esperanças anabaptistas e uma condenação implícita do luteranismo, tão afeiçoado à bênção do sucesso material.

OS TEXTOS FUNDAMENTAIS DA ROSA-CRUZ

A Rosa-Cruz vinha-nos da Alemanha, e os prelados de França pressentiram-no desde as suas primeiras manifestações parisienses. Melhor do que ninguém, estavam ao corrente da ofensiva diplomática em curso, a qual não só viria a alterar profundamente as fronteiras das nações como inclusive as próprias estruturas dos Estados. Porque o Santo Império se inflamava no ardor dessa guerra revolucionária a que agora se chama a Guerra dos Trinta Anos e que foi tão, quando não mesmo mais importante do que o advento do III Reich na inflexão dos destinos germânicos. É necessário, para abordar os rosa-cruz, lembrarmo-nos das origens do cataclismo político que arruinou pela pilhagem, pela peste, pela anarquia, as mais prósperas regiões da Europa. Os desastres da Guerra dos Trinta Anos equivalem, a todos os níveis, aos que tiveram lugar na sequência da Grande Guerra (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As suas origens são de ordem religiosa, numa época em que os problemas religiosos, políticos e sociais estavam de tal modo imbricados que os contemporâneos não os conseguiam distinguir uns dos outros.

A paz de Augsburgo (3 de Outubro de 1655) mais não conseguira do que estabelecer uma trégua precária entre as potências católicas e protestantes: o Império germânico encontrava-se dividido entre as crenças romana e luterana, tendo os príncipes o direito de impor aos seus súbditos aquela que escolhessem, segundo o princípio *cujus regio, ejus religio*. Esta paz continha em si inúmeros conflitos potenciais. Em primeiro lugar, entre as duas grandes correntes da Reforma: pois apenas o luteranismo fora reconhecido. Ora, o calvinismo fora-se espalhando pela região renana até acabar por vir a tornar-se na crença oficial de diversos Estados, um dos quais o do Eleitor palatino.

Ao mesmo tempo, os protestantes, unanimemente, alarmaram-se com a Contra-Reforma. Roma vem a reconquistar uma grande parte da influência que tinha perdido.

A situação torna-se de tal modo crítica que vem a formar-se, em 1608, a União Evangélica (calvinista), sob a égide do Eleitor palatino. O Eleitor do

Saxe recusa-se a aderir e os católicos opõem-lhe a Santa Liga, dirigida pelo duque Maximiliano da Baviera. Este negocia com o rei de Espanha enquanto a União Evangélica se alia ao rei de França, Francisco I. A tensão europeíza-se, facto que acaba por tornar a guerra em algo de inevitável.

O imperador Fernando II, em 1618, tenta restaurar o catolicismo nos seus Estados. A Boémia revolta-se. Os «defensores da fé» convocam para Praga um sínodo protestante. O conde de Thurn, a quem as querelas religiosas deixam indiferente mas cuja ambição não tem limites, vê numa tal situação uma óptima oportunidade de derrubar em proveito próprio a dinastia imperial. Onde, em 23 de Maio de 1618, a defenestração de Praga: os intendentess-governadores do imperador são mortos ou ignominiosamente expulsos.

Um ano mais tarde, o conflito desencadeado na Boémia alastra ao Santo Império e, seguidamente, a toda a Europa. Os soberanos rivalizam em cinismo, jogando o destino dos seus povos com dados viciados. Os «facínoras armados»⁰¹⁶ de Wallenstein, de Mansfeld, de Waldstein, pilham e saqueiam os países que «defendem».

Será preciso esperar por 1659 para que seja finalmente assinada uma paz precária. Mas tudo isto não passa de jogos palacianos, em que só os príncipes participam. As pobres gentes, a arraia-miúda, arruinadas, dizimadas, embrutecidas pela dor, perseguidas por todos os lados, bebem até à última gota o cálice do fel da miséria humana. Uma religião que se diz ser arauto do amor e da fraternidade é a causa directa de todos os seus males. Ela promete o paraíso depois da morte, mas transforma num autêntico inferno a vida dos homens nesta terra. O protestantismo passa por uma crise tão aguda como aquela que faz tremer a Igreja de Roma. Os seus teólogos dispersam-se num labirinto de questiúnculas escolásticas em que todos os sentimentos fraternos desaparecem. Onde uma enorme proliferação de seitas e de conventículos que se injuriam uns aos outros, odiando-se e denunciando-se mutuamente ao braço secular. Em virtude do adágio *cujos regio, ejus religio*, estar em desacordo com os capelães do príncipe equivale a uma revolta, de consequências facilmente previsíveis.

Seria supérfluo e ultrapassaria o âmbito do nosso tema estarmos agora aqui a enumerar as «variações das igrejas protestantes». Assinalemos apenas, de entre os luteranos, aqueles que possuíam regras de estrita observância, apegados a uma teologia que utrapassava o dogmatismo de Lutero, e que partilhavam gananciosamente entre si as honras, as prebendas e a direcção

espiritual dos problemas dos poderosos deste mundo; e, depois, alguns grupos independentes, que os seus adversários denominam, com maior ou menor desdém, de *místicos* e de *devotos*. O termo pejorativo entusiastas (*Schärmerisch*) implica uma espécie de excomunhão. Estes últimos buscam a verdade, pelo menos tanto como na *Bíblia*, nos escritos, impressos ou manuscritos, de Jacob Böhme e dos seus continuadores directos, tal como Scheigarth e Sébastien Frank.⁰¹⁷

Tal como o assinala Émile G. Léonard, na sua *História do Protestantismo*:⁰¹⁸ «Esta preocupação dominante com os problemas teológicos e eclesiásticos tinha por dupla consequência aumentar a importância dos especialistas, entediando e desinteressando os simples fiéis, e, desse modo, dar ao clero uma influência que este ainda nunca tivera na maioria das Igrejas protestantes, e isso em detrimento do interesse e da actividade dos laicos.»

Entre os «entusiastas», retenhamos os nomes de Jean Arndt e Valentim Andrae. Ora, este foi, senão o criador, pelo menos um dos fautores do ressurgimento da Rosa-Cruz, tal como esta veio a manifestar-se no início do século XVII.

Se os rosa-cruz corresponderam a uma aspiração subconsciente, logo, profunda, da espiritualidade ansiosa das elites, tal foi devido ao facto de terem tido o maior cuidado em não se perderem no labirinto dos verbalismos teológicos. Transcenderam pelos seus escritos, pelo seu ensino, pelo seu exemplo, as estéreis querelas escolásticas. No mistério das suas pessoas e no segredo dos seus colégios encontraram uma serenidade, uma abertura de espírito (talvez até um certo cepticismo) que contrastavam com a mesquinhez, com a frivolidade das disputas de tantos clérigos em princípios do século XVII.

Foram buscar às Escrituras, mais do que às suas próprias tradições, símbolos activos e temas de meditação pessoal. Para empregar a sua própria terminologia, não consideravam nada acima do estudo do *Liber Mundi*, isto é, da natureza. Contudo, encontramos nos seus textos (ou esquemas simbólicos), à semelhança da urdidura de uma trama, uma psicoteologia que os aparenta estranhamente com os pensadores e poetas italianos do século XV, todo ele impregnado de um claro neoplatonismo, e de que a *Divina Comédia* fora a mais pura expressão.

Assim, os rosa-cruz distinguem no Homem três planos:

--O da natureza pura privada da graça divina.

--O da natureza humana pela graça e a caminho do contemporâneo beatífico da Tri-Unidade.

--O da natureza humana, salva e magnificada pela Graça santificante cuja expressão mais acessível é a Sabedoria, tal como é evocada no *Livro dos Provérbios*: «Pela Sabedoria, Yaweh fundou a Terra e firmou os céus» (III, 19). «... Numa época em que não havia abismos, foi quando "eu" (a Sabedoria) fui gerada... Quando Ele dispôs os céus, eu estava lá, e quando Ele traçou um círculo à superfície do abismo...» (VIII, 24, 27).

Esquema que virá a ser retomado e precisado, em fins do século XVIII, por Louis-Claude de Saint-Martin, o Filósofo Desconhecido, que distingue três graus de humanos: o homem da torrente, o homem do desejo, o homem-espírito.

Para os rosa-cruz da primeira geração, tal como para os seus sucessores martinistas, existem inúmeras redes, complexas, subtis, harmoniosas, de «correspondência», de analogias, de inter-reacção entre os três planos.

Facto que, tanto ao nível do destino individual como ao da sociopolítica, possui consequências de ordem prática que estão longe de ser estranhas aos tempos actuais. O homem deve ser ajudado pela sociedade a tornar-se ele próprio, isto é, a atingir o plano supremo, o do homem-espírito. Pois ele só consegue sentir em si a presença divina, não retirando-se do mundo imperfeito, pecador, mas sim se, pelo contrário, souber identificar-se com a alegria harmoniosa do cosmo, o qual toca, jubilosamente, uma sinfonia cósmica. O Sábio está à escuta da «harmonia das esferas», sendo esta imagem tomada no seu sentido mais lato.

O macrocosmo, o universo, é um coro agrupando em si, ao serviço do belo e do bem, todas as «correspondências», e fazendo sentir os laços admiráveis que unem a matéria e o espírito, o visível e o invisível, o vivo e o inerte.

Segundo esta hipermística concebida na base do acordo fundamental (via, verdade, vida), a sociedade dever-se-á transmutar, quando chegar o fim dos tempos, numa unidade viva, nupcial, em que será posto termo a todos os erros, a todos os conflitos, a todo o ódio.

Lúcifer, devolvido à dignidade seráfica, saberá, *in illo tempore*, que sempre contribuiu para a obra divina. Ter-se-á reconciliado com Deus, consigo próprio, com a Luz.

Formulação grandiosa, e tanto mais admirável quanto foi concebida

numa época em que os acontecimentos levavam a duvidar cada vez mais do homem, da sociedade, da providência.

Como é possível, apesar das vicissitudes temporais, guardar em si uma luz de esperança? Possuindo uma fé baseada nessa doutrina de amor:

«Existe uma força mágica, adormecida pelo pecado, que permanece latente no homem. Pode ser despertada pela graça de Deus ou pela arte real. Descobriremos em nós o conhecimento puro e santo se conseguirmos isolarmos de toda e qualquer influência exterior e nos deixarmos conduzir pela luz interior.» É adentro desta expectativa de luz interior que devem ser abordados os textos fundamentais da Rosa-Cruz.

Tal como já o dissemos, este Colégio invisível dera-se a conhecer em Paris durante o Verão de 1623. Mas já em 1614 haviam surgido na Alemanha dois manifestos que já então tinham alcançado uma larga audiência, e que é hábito designar pelos títulos de *Fama* e *Confessio*. A abundância e a diversidade destas edições, assim como o número de resumos, de traduções e de ataques polémicos a seu respeito, provam a enorme curiosidade que vieram a despertar.

Segundo a bibliografia de Mrs. Jouin e de Descreux, eis a notícia da primeira edição latina:

Fama fraternitatis et Confessio fratrum Rosae-Crucis, Cassel, 1614, in-4.º (Glória da fraternidade e confissão dos irmãos da Rosa-Cruz).

No mesmo ano e na mesma cidade surgiu uma versão alemã, mais volumosa: *Allgemeine und General Reformation der ganzen weiten Welt. Beneben der «fama Fraternitatis» des höblichen Ordens des Rosenkreutzes, um alle Gelehrte und Häupter Europa geschrieben*, Cassel, 1614, in-8.º, 417 páginas.

Segundo Kloss, este título, extremamente longo, deve ainda ser completado com um subtítulo: *Auch einer kürtzen Responsion von dem Herrn Haselmeyer gestellt. Itzo öffentlich in Druch verfectiget, und allen treven communiciret worden.*

O que poderá traduzir-se do seguinte modo:

«A reforma geral e universal de todo o vasto mundo. Com a *Fama Fraternitatis* da ilustre ordem da Rosa-Cruz, dirigida a todos os sábios e dirigentes da Europa. Tendo, igualmente, uma curta resposta do Sr. Haselmeyer, preparada, do mesmo modo, para a sua impressão e difusão e comunicada a todos os corações fiéis.»

E foram-se sucedendo, ao longo de uma quinzena de anos, diversas edições mais ou menos revistas e corrigidas.

Uma dentre elas, datada de 1615, acrescenta uma curiosa precisão acerca de Haselmeyer:⁰¹⁹ «... Uma curta resposta dada pelo Sr. Haselmeyer que, por causa disso, foi detido e aprisionado pelos jesuítas, tendo sido condenado às galés. A qual é presentemente publicada e comunicada a todos os corações fiéis da Europa.»

A *Confessio* confirma e precisa a *Fama*. Esta última começa assim: «Nós, irmãos da fraternidade da R.C., oferecemos a nossa salvação, o nosso amor e as nossas preces a todos aqueles que lerem a nossa presente obra, *Fama*, de inspiração cristã...»

Eis um extracto característico dessa prosa que hoje em dia nos parece redundante, até mesmo apocalíptica, mas que é característica do estilo da época. Após uma história algo embrulhada, facto que é, sem dúvida, intencional, das desventuras acontecidas ao infortunado (talvez mesmo mítico) Haselmeyer, o redactor da *Fama* objurga o leitor, num prefácio solene que extraímos de uma tradução devida a E. Coro:⁰²⁰

«A sabedoria (disse Salomão) é para os homens um imenso tesouro, pois ela é o sopro da potência divina e a dimanação radiosa da magnificência do Todo-Poderoso. Ela é um reflexo da eterna luz, um espelho imaculado do poderio divino e uma imagem da sua bondade. Ela ensina a disciplina, a inteligência, a justiça e a força. Ela compreende as fórmulas ocultas e conhece a chave de todos os enigmas. Ela conhece antecipadamente indícios e milagres, assim como aquilo que virá a acontecer no futuro.

«Este tesouro possuía-o o nosso pai Adão antes da queda, e possuía-o na sua totalidade -- donde resulta que, tendo-lhe o Senhor Deus trazido todos os animais do campo e todas as aves do céu, ele pôde dar a cada um deles o nome que lhe pertencia de acordo com a sua natureza.

«A triste queda no pecado embaciou essa magnífica jóia da sabedoria, difundindo a orgulhosa obscuridade e a incompreensão por sobre o mundo; e, contudo, o Senhor Deus desvendou-a por instantes aos seus amigos, porque o sábio rei Salomão dá ele próprio testemunho desse facto: ter obtido, na base da sua oração aplicada à sua aspiração, uma tal sabedoria ao ponto de conhecer como é que o mundo foi criado, a força dos elementos, o princípio, o meio e o fim dos tempos, como é que o dia começa e acaba, como é que as estações se transformam, como é que o ano evolui, como é que as estrelas se mantêm e também ao ponto de compreender o instinto dos

animais domésticos e selvagens, as tempestades, o pensamento dos homens, a natureza de todas as plantas, a força das raízes e muitas outras coisas.

«Ainda que eu não possa acreditar em que seja possível haver quem não queira compartilhar deste tesouro, quem não queira desejá-lo de todo o coração, este não pode, contudo, ir ao encontro de ninguém a menos que seja o próprio Deus a conceder a Sabedoria e a enviar o seu Espírito Santo lá das alturas -- portanto, mandámos imprimir abertamente este pequeno tratado da *Fama* e das confissões da afável fraternidade dos rosa-cruz, no qual vem claramente designado e exposto aquilo que neste caso deve ser esperado relativamente ao futuro do mundo.

«Ainda que, é certo, estas coisas possam parecer um pouco estranhas e que muitos desejem crer em que não há nisto nada mais para além de um oco ensaio de filosofia, em vez de uma história verdadeira naquilo que foi publicado concernente à fraternidade dos rosa-cruz, tornar-se-á, contudo, amplamente patente ao longo das confissões que há algo mais do que aquilo que se crê *in recessu* e todo aquele que não seja um ignorante poderá facilmente detectar e compreender o sentido da relação existente com os dias de hoje e os tempos actuais.

«Naquilo que respeita aos verdadeiros discípulos da sabedoria e herdeiros da ciência oculta, esses saberão encarar as coisas com a devida atenção; e esses saberão igualmente lançar sobre isso um mais vasto *ludicium*, tal devendo suceder, portanto, pelo menos em parte, com as pessoas nobres, e, particularmente, com Adem Haselmeyer Notario, pub. em casa de S.A. o arquiduque Maximiliano, que elaborou igualmente um resumo *ex scriptis theologicis theophrasti* e escreveu uma brochura intitulando-se jesuíta, no sentido de que cada cristão deve ser um verdadeiro jesuíta, isto é, caminhar, viver, ser, estar em Jesus, acerca do modo como os jesuítas lhe deram semelhante recompensa apenas porque ele nomeou, na sua resposta à *Fama*, os irmãos rosa-crucianos como sendo homens altamente iluminados, e os jesuítas, como sendo impossíveis de enganar, e estes, não podendo suportar semelhante coisa, prenderam-no e condenaram-no às galés, mas eles, por causa disso, também virão um dia a receber a sua paga.

«Vai irromper a aurora celeste que trará, com a pureza do seu esplendor, o dia sagrado pelo qual anseiam angustiadamente inúmeros corações devotos após o fim da sombria noite saturnal, do reflexo da lua ou das parcas centelhas da sabedoria celeste que ainda é possível encontrar entre os homens, já de brilho bastante esmaecido, e que é um mensageiro do sol magnânimo. À luz desse dia, todos os tesouros celestes, *assim como todos os objectos invisíveis e ocultos nos segredos do mundo*, poderão ser reconhecidos como verdadeiros e vistos de acordo com a doutrina dos primeiros padres e dos antigos sábios.

«E será então que surgirá o verdadeiro rubi real, a nobre e brilhante pedra vermelha a propósito da qual foi dito que brilha nas trevas com reflexos

luminosos, que é um medicamento dos mais completos para todos os corpos, que transforma os metais em ouro puro e que afasta para bem longe todas as doenças, angústias, penas e melancolias dos homens.

«Que o leitor favorável se sinta, pois, solicitado, juntamente comigo, a suspirar ardorosamente por Deus a fim de que, tendo-se aberto os corações e os ouvidos de todos os surdos, de todos os que não querem ouvir, estes desejem realmente mostrar-lhe a sua gratidão e queiram reconhecê-lo em todo o seu poderio, como uma maravilhosa visão da natureza, para seu louvor, sua honra e sua estima, amor, ajuda, consolação e força do próximo, assim como para devolver a saúde a todos os pobres homens. Amén.»

O FUNDADOR EPÓNIMO: CHRISTIAN ROSENCREUTZ

Este sermão dá-nos uma ideia suficientemente clara do tom geral do manifesto para que valha a pena continuar com a citação. Voltaremos adiante ao que há de essencial no documento, a biografia do *Pai*, de Christian Rosencreutz (ou Rosenkreuz).

Mas, antes, analisemos sucintamente a «Informação comum»:⁰²¹ depois de ter feito o elogio do imperador Justiniano, que compilara as leis de Roma, o areópago signatário convida cada um dos sábios a submeterem-lhe as suas sugestões. E o texto ganha então um certo tom humorístico:

O primeiro considera que todo o mal advém da insinceridade e propõe que se arranje uma janelinha no peito de cada um de nós: assim, ver-se-iam de imediato todas as nossas mentiras. Mas os cirurgiões protestam contra um tal projecto: e este vem a ser abandonado. Um outro sábio propõe a redistribuição das riquezas, a supressão da circulação do ouro e da prata. Mas como substituí-los e porquê?

Nesse caso, que a sociedade humana passe a basear-se no mérito, na virtude, na fidelidade. Mas isso equivaleria ao retomar do rochedo de Sísifo. Um misantropo pede a Deus um novo dilúvio que extermine, de uma vez para sempre, os homens maus e todas as mulheres. É assassinado; a assembleia implora ao Altíssimo para poupar o belo sexo. E este simpósio termina num tumulto.

«Sátira mordaz, observa Paul Arnold, das reformas sociais e morais, demonstração jocosa da inutilidade dos filósofos e da filosofia. Modo algo rebuscado e colorido de defender que a redenção do homem não pode ser feita do exterior, mas sim, e unicamente, do interior, através da obra pessoal, espiritual, individual, não através do pragmatismo dos ritos e da petrificada estrutura das Igrejas, mas sim através da religião do coração e do impulso místico.»

Mas os planos de reformas sociais (tal como as sátiras) abundavam nesta época funesta. *Confessio* e *Fama* não teriam tido tamanha repercussão se não houvessem consagrado a maior parte das suas páginas à tarefa de dar a

conhecer a biografia do seu fundador epónimo, Christian Rosenkreuz. Biografia mítica. Parece que os contemporâneos, acostumados a estas narrações utópicas (no pleno sentido do termo), não se deixaram enganar a seu respeito. Só muito mais tarde os leitores ingênuos passaram a admitir que Christian Rosenkreuz tivesse tido uma existência real. Basta o nome que lhe atribuem, segundo nos parece, para, só por si, precisar tal facto.

Eis as etapas dessa vida simbólica:

Nascido em 1378 (nas margens do Reno), filho de pais pobres mas nobres, Christian Rosenkreuz é levado, aos 6 anos de idade, para uma abadia, onde aprende o grego, o latim, o hebraico e a magia. Aos 16 anos, parte em peregrinação para a Terra Santa, levando consigo um companheiro, que vem a morrer em Chipre. Christian prossegue a viagem a sós, mas a doença obriga-o a deter-se em Damasco, onde alguns Sábios lhe ensinam os seus conhecimentos secretos. Eles curam-no, confiam-lhe os arcanos da natureza e levam-no até à sua «cidade filosófica», onde passa três anos. Em seguida, Christian percorre o Líbano, a Síria e Marrocos, fazendo inclusive um estágio em Fez. Alguns Fassis conduzem-no ao conhecimento supremo, ou *adeptat*. Christian será doravante denominado o *Pai*. Recebeu por missão comunicar a toda a cristandade a sabedoria que acaba de adquirir e fundar uma sociedade secreta que «disporá à saciedade de ouro e de pedras preciosas e que ensinará os monarcas». Leva a cabo, num lugar ermo e selvagem, um retiro de cinco anos. No fim desta prova, recruta três fiéis companheiros, três Mitbrüder, de quem só nos são reveladas as iniciais do nome: *frater* G. V.; *frater* I. A.; e *frater* I. O. Todos os três lhe juram fidelidade e redigem, sob a sua orientação, alguns escritos fundamentais. Constroem o novo Templo do Espírito Santo, curam os doentes e consolam os desesperados.



Sete anos depois, o Pai recruta novos estudiosos na Santa ciência e constitui, assim, a «fraternidade». Para aí se ser admitido, é preciso ser celibatário e casto.

Estes irmãos, *nobres viajantes*, partem em missão pelo mundo, mas reúnem-se anualmente num local misterioso: o Templo do Espírito Santo.

E, diz a *Fama*: «Estes homens, dirigidos por Deus e por toda a máquina celeste, escolhidos dentre os mais sábios desde há vários séculos, viveram na mais perfeita união, no maior mutismo e na mais total bondade.»

Doze anos depois, o Pai morre em Engelland (Inglaterra ou país dos anjos?). I. A. morre na Gália narbonense.

Tendo deixado este mundo aos 106 anos de idade, o Pai tinha então junto de si alguns novos discípulos; o seu sobrinho R. C., o pintor B., G. G. e P. D.

O ensino é condensado em três textos:

Axiomata: o mais douto.

Rotae Mundi: o mais subtil.

Protheus: o mais útil.

Alguns séculos depois, um sucessor do Pai, o *imperator* N. N., descobriu o seu mausoléu, cuja descrição é a seguinte:

«Ele ocupa o centro da casa do Espírito Santo. Tem sete lados, tendo cada um deles cinco pés de largura por oito de altura. É continuamente iluminado por lâmpadas inextinguíveis. Ao centro situa-se um altar cilíndrico, com a seguinte inscrição: *A. C. R. C. Hoc universi compendium vivis mihi sepulcrum feci* (mandei que me fosse erguido este sepulcro [que será] para os vivos um compêndio do universo), tendo, como exergo: *Jesu mihi omnia* (Jesus é tudo para mim).

Depois, quatro figuras inscritas em círculos e contendo as seguintes divisas:

Nequaquam vacuum (o vazio não existe).

Legis (as leis).

Libertas Evangelii (liberdade do Evangelho).

Dei gloria intacta (a pura glória de Deus).

A abóbada está dividida em triângulos com enigmáticas figuras e excertos do livro *Concentratum*.

O corpo mumificado do Pai tem na sua mão direita o *Liber T*. De ambos os lados do corpo, um vocabulário, um itinerário, e a sua biografia em

caracteres misteriosos.

Pode igualmente ler-se a divisa da fraternidade:

Ex Deo nascimur, in Jesu morimur, per Spiritum reviviscimus (nascidos de Deus, mortos em Jesus, ressuscitamos pelo Espírito Santo).

Mas esta «legenda dourada» comporta uma conclusão que aqui retomamos na íntegra, pois ela esclarece o sentido da verdadeira mensagem da Rosa-Cruz. Aí, todas as palavras, até mesmo as mais anódinas, adquirem uma ressonância simbólica. O que leva a crer que tudo aquilo que ficou para trás só foi «revelado» a fim de tornar público «o ensino que era perfeitamente claro para os extractores da quintessência, porque está redigido num estilo igual ao das obras "químicas" (isto é, alquímicas), as quais, se hoje em dia nos parecem obscuras, quando não mesmo indecifráveis, tal é apenas devido ao facto de termos perdido as chaves que no-las tornariam acessíveis. (O leitor tomará conhecimento disso nos anexos.)

O carácter mítico de Christian Rosenkreuz é admitido pela maioria dos historiadores da Rosa-Cruz. Contudo, a imparcialidade obriga-nos a assinalar uma opinião oposta. Um *junker* batávio, Roesgen von Floss, personalidade respeitável e ponderada, afirmou a Wittemans aquilo que este nos relata na sua *Histoire des Rose-Croix* (Paris, 1925):

«Segundo uma tradição existente na família Von Roesgen Germelshausen, os seus membros teriam feito parte dos iniciados nos mistérios germânicos; o assassinio, em 1208, do legado pontifício Pierre de Castelnau forneceu ao papa Inocêncio III o pretexto para confiar aos dominicanos a tarefa de exterminarem a Ordem dos Albigenses. O castelo de Germelshausen foi sitiado, incendiado, saqueado. Toda a família foi exterminada o mais barbaramente que possa imaginar-se. O mais novo dos descendentes, Christian, conseguiu escapar e pôr-se em fuga, dirigindo-se cada vez mais para leste. Ajudado pelos seus correligionários, teria finalmente chegado à Turquia e à Arábia, onde o julgariam digno de lhe desvendarem os segredos da Ordem dos Rosa-Cruz, que desde há muito florescia nesse país. Voltando à Europa, Christian renunciou ao seu nome de família e adoptou o de Christian Rosenkreutz».

OS ENIGMAS DAS *BODAS* *QUÍMICAS*

A *Fama* e a *Confessio* são manifestos. Um terceiro texto rosa-cruciano, cuja repercussão foi considerável, é um conto fantástico, um *Märchen*, como se diz em alemão. O *Märchen* é um género especificamente germânico, de que os românticos usaram e abusaram. O *Märchen* não tem por fim distrair, moralizar ou instruir. É fascinante: trata-se de uma narrativa a que hoje em dia chamaríamos surrealista, e que, regra geral, é urdida na base de uma trama de viagens, de descobertas.

O seu interesse não se baseia na psicologia dos personagens (habitualmente sumária ou incoerente), mas sim num apelo aos arquétipos do inconsciente colectivo, segundo a doutrina de Jung. É simbólico, não de um simbolismo didáctico, mas sim de um simbolismo insinuante.

Numerosos episódios da Busca do Graal aparentam-se com os *Märchen*. Podem igualmente citar-se a admirável *Viagem dos Príncipes Afortunados*, de Béroalde de Verville, e *A Rainha das Fadas*, de Spenser.

Mais tarde, iremos encontrar alguns textos de Novalis e certos episódios de *Wilhelm Meister*, como a evocação de Mignon.

Na literatura romântica francesa filiada nesta linha de inspiração, destaquemos *Aurélia*, de Gérard de Nerval, e *Smarra*, de Charles Nodier.

O texto que ora retém a nossa atenção possui uma bibliografia algo incerta. Parece ter, de facto, surgido em primeiro lugar em Estrasburgo, por volta de 1614, e simultaneamente em duas edições: uma francesa e outra alemã. Eis o duplo título: *Les noces Chymiques du père Rosen-Creutz* e *Chymische Hochzeit Christian Rosen-Kreuz*.

É anónimo, mas a crítica é unânime em atribuir a sua paternidade a Johann-Valentin Andreae, personalidade fora de série a respeito da qual voltaremos dentro em breve a falar.

As *Bodas Químicas* decorrem durante sete dias. Possuem uma clara analogia com as sete operações da Grande Obra alquímica, e remetemos o leitor, para esta exegese, para os comentários assinados *Auriger*, que acompanham uma das recentes edições francesas desta obra-prima.

Obra-prima? Sim, porque as *Bodas Químicas* estão escritas num estilo e

de acordo com uma gradação que se enquadram perfeitamente nas intenções do autor.

Christian Rosencreutz narra-nos o seu périplo iniciático, que começa assim:

«Uma tarde, algum tempo antes da Páscoa, eu estava sentado diante da minha mesa de trabalho, conversando longamente, conforme era meu hábito, com o meu criador, numa humilde oração. Meditava profundamente nos grandes segredos que o pai da luz, na sua majestade, me permitira contemplar com tanta profusão, repleto do desejo de preparar no meu coração um pão ázimo imaculado, com a ajuda do meu bem-amado Cordeiro Pascal. De súbito, eis que o vento começa a soprar com tamanha violência que me chegou a parecer que a montanha na qual a minha casa fora edificada se iria desmoronar sob os golpes da ventania...»

O narrador «sente que lhe tocam nas costas». Volta-se e vê uma mulher de admirável beleza, vestida com um manto azul semeado de estrelas douradas, à semelhança do céu...

«Na sua mão direita, segurava uma trombeta de ouro, onde pude facilmente ler um nome que seguidamente me proibiram de revelar; na sua mão esquerda, apertava um grosso maço de cartas, escritas em todas as línguas do mundo... Tinha umas asas grandes e belas, cobertas de olhos em toda a sua extensão...»

Esta aparição convida Christian para as bodas do rei. A carta do convite está selada com um símbolo mágico: a mónada hieroglífica.

O convidado prepara-se para a viagem. Veste um manto de burel, monacal, espeta quatro rosas no chapéu e prende ao peito uma fita escarlata.

Parte para a floresta e encontra-se diante de três caminhos. O seu destino dependerá da sua escolha: um carreiro curto mas perigoso, uma estrada real reservada a alguns predestinados e, finalmente, um caminho desprovido de obstáculos mas tão longo que lhe seria preciso um milhar de anos para chegar ao fim. Existe uma quarta via, mas está encerrada aos mortais.

Não sabendo qual o caminho a escolher, penetra na floresta, onde salva uma pomba perseguida por um corvo. Durante esta corrida, perde as parcas provisões de que se munira, mas não se preocupa muito com isso, encomendando-se à graça de Deus, e opta pela via real.

A subida é difícil. Ao crepúsculo, o convidado chega à porta do castelo

no preciso instante em que a iam fechar. Um velho guarda, humilde e idiota, é quem o recebe. Traz consigo um anel mágico e expia uma falta. Nessa altura, Christian volta a encontrar a virgem alada que o convidara e que, de momento, se ocupa em suspender lanternas que servirão de guias aos outros convidados; ela conduz Christian para um dos paços do palácio do rei.

Christian franqueia uma porta, guardada por duas estátuas, tendo por divisa: «Dá e receberás», e encontra-se no meio dos inúmeros convidados. Mas nem todos são puros. A virgem, cada vez mais luminosa, anuncia que, no dia seguinte, terá lugar a prova que separará os justos dos indignos. Os piedosos passam a noite mergulhados num santo terror. Os outros dormem ou divertem-se.

A prova do dia seguinte consiste numa pesagem (das virtudes): Rosenkreuz revela-se o mais puro. É recebido com todas as honras, enquanto os outros convidados são condenados ao exílio. Só ficam com ele uns quantos justos.

Aqueles que triunfaram é conferido o toão de ouro. Os indignos são ignominiosamente escorraçados após terem bebido a taça do esquecimento.

Aos eleitos, a *hospedeira alada* propõe um enigma: o seu próprio nome (na verdade, a solução é ALCHEMIA).

Chega uma procissão de púdicas virgens, uma das quais, coroada, não cessa de perscrutar o firmamento. Será ela quem irá guiar os seleccionados até junto de Deus Todo-Poderoso.

No dia seguinte, os eleitos, incluindo Christian, são apresentados ao rei. Este felicita-os por terem ultrapassado tantas etapas com perigo para o seu espírito e para o seu corpo, e exige da parte deles um juramento de absoluta fidelidade.

Duas mulheres estão sentadas junto do rei: a primeira, uma mulher jovem e bela, a rainha; a segunda, uma velha mulher velada. Mais afastado, Cupido brinca. A rainha parece officiar diante de um altar em que estão colocados:

- um livro encadernado a negro,
- um vaso contendo um líquido vermelho (ou rosa),
- uma caveira com uma serpente, que entra e sai pelas órbitas.

O nome dos eleitos está inscrito no livro negro. Todos os assistentes

bebem pela mesma taça a poção do silêncio. Em seguida, a sala é atapetada a negro. Vendam os olhos ao rei, à rainha e a mais dois outros pares reais que acabam de chegar. Seis caixões. Um carrasco (um mouro), decapita sucessivamente os seis monarcas: o sangue é recolhido num vaso de ouro. Os corpos são estendidos nos féretros. Seguidamente, um assistente decapita o mouro. Os eleitos estão aterrorizados; mas a sua guia alada tranquiliza-os.

Durante a noite, os seis caixões são embarcados em barcos que navegam nas trevas à superfície de um lago. No dia seguinte, e diante dos eleitos, têm lugar os simulacros das exéquias reais. A «guia» exige um novo juramento de fidelidade antes de conduzir os eleitos à torre Olympi, situada numa ilha no meio do lago. Uma nau condu-los lá. Vêm um edifício de sete torres imbricadas umas nas outras e tendo sete degraus.

Aí, os corpos dos soberanos e a cabeça do carrasco mouro são fervidos sob a orientação de um jardineiro já idoso. Da cozedura emerge uma bola vermelha que é exposta ao Sol. Dela sai uma fénix. As suas cinzas são içadas com extrema dificuldade até ao alto da torre e entram na preparação de dois *homonculi*. A alma dos seis reis animá-los-ão, serão ressuscitados, e constituirão um par real ao nível de um arquétipo.

Os novos monarcas proclamam os eleitos «cavaleiros do ouro». Todos são mandados de volta excepto Christian, que, durante um lapso de tempo indeterminado, deverá, para expiar uma falta não expressa, substituir o guarda à entrada do castelo.

As *Bodas Químicas* não são explicáveis. Elas despertam o fascínio próprio das obras, poemas, ou quadros surrealistas. Pela nossa parte, limitar-nos-emos a aplicar-lhes a definição dada por mestre Janus, em Axel: «Eu não ensino, estímulo.» Esta obra estimula, segundo a terminologia jungiana, os arquétipos fundamentais da psique individual e colectiva.⁰²²

Não obstante, não deixaremos de mencionar os comentários alquímicos com que Auriger faz acompanhar a sua tradução, feita em 1928, das *Bodas Químicas*.

Auriger oferece-nos sete chaves; compete-nos a nós descobrir o buraco desta séptupla fechadura.

Citemo-lo: «Conformando-me à divisão em sete dias destas *Bodas Químicas*, dividirei igualmente em sete partes as poucas verdades essenciais que me sinto feliz de poder enunciar aqui, ainda que *sub rosa*, a fim de evitar aos meus verdadeiros irmãos em Hermes erros duradouros e muitas vezes

ruinosos.

«1) Não te comprometas na via se não possuis o tempo e o dinheiro necessários para levares a bom termo os teus trabalhos;

«2) Se tens um amigo, está bem! se estás só, ainda melhor, a menos que esse amigo te tenha sido enviado pela providência para te guiar na tua corrida filosófica pela pista onde se cruzam tantas veredas e onde os precipícios abundam.

«3) Lê pouco e pensa muito, procurando compreender o sentido oculto das diversas alegorias comparando-as entre si. Os autores pouco ou nada disseram dos trabalhos de Hércules pelos quais se inicia o magistério, do mesmo modo que pouco ou nada disseram da natureza da Matéria-Prima ou da do Fogo secreto dos sábios. É a ti que compete penetrar sozinho nestes arcanos. Ninguém no mundo tos poderá dizer em linguagem clara, pois eles são "incomunicáveis".

«4) Age em relação aos outros tal como eu ajo em relação a ti, mas não te lances no magistério se o teu coração e as tuas intenções não forem puras, pois isso seria correres para a tua própria perdição.

«5) Assim como na natureza há três reinos, existem, na nossa arte, três *medicinas* ou três graus diferentes da perfeição do nosso elixir, pois está escrito no *Triunfo Hermético*: "Dado as operações das três obras terem bastantes analogias entre si, os filósofos falam muitas vezes delas em termos intencionalmente equívocos, baralhando-as para confundir o artista ignorante. Em cada obra, tu deves fundir o corpo no espírito, cortar a cabeça ao corvo, embranquecer o negro e avermelhar o branco." *Quod ex corvo nascitur, hujus artis est principium*, escreve Hermes.

«6) O artista que já chegou a este ponto pode trabalhar com segurança, na condição de manter uma fé inextinguível no sucesso da obra. E que não se esqueça de que há dois mercúrios; o branco é o banho da lua e o vermelho o do sol. Eles devem ser alimentados com carne da sua espécie: o sangue dos inocentes degolados de que fala Nicolas Flamel, isto é, os espíritos dos corpos que são o banho em que o sol e a lua se vão banhar. Nota bem que devem ser conservados separadamente, para que não venham a criar-se monstros.

«7) Na segunda obra, converte a Água em Terra através de uma simples cozedura; o mercúrio dos sábios transporta em si próprio o Enxofre que o coagula. Depois, deixa cair sobre ela o orvalho do Céu. Terá aí o verdadeiro mercúrio e o verdadeiro enxofre dos filósofos, o macho e a fêmea vivos, que

contêm em si a semente que é a única a poder engendrar um filho mais ilustre do que os pais.»

A PRIMEIRA GERAÇÃO DOS ROSA-CRUZ

Nesta dupla perspectiva de coragem pessoal e de libertação social, as ideias abstractas só valem na medida em que forem tornadas vivas, dinâmicas, logo humanas, e, de certa forma, incarnadas.

É por isso que, nesta expedição em busca da Rosa-Cruz, só nos deixaremos guiar por autênticos rosa-cruz. Eles não eram nem sonhadores, nem charlatões, nem extractores da quintessência, mas sim homens de acção e de pensamento preocupados com os grandes problemas, não só do seu tempo, mas também com tudo aquilo que de algum modo se relacione com o trágico destino do homem. As suas ideias eram demasiado avançadas para o seu tempo.

Comecemos por evocar o autor incontestado das *Bodas Químicas* e muito provavelmente também da *Fama* e da *Confessio*: Johann-Valentin Andreae.

JOHANN-VALENTIN ANDREAE (ou Andras) nasceu em Herrenbery (Württemberg) a 17 de Agosto de 1586; morreu em Estugarda a 27 de Junho de 1654. O seu pai era o sétimo filho do chanceler Jacob Andreae, abade comandatário, de Königsbronn. A sua mãe, Maria Moser, era tão piedosa que o filho a comparou com Santa Mónica, a mãe de Santo Agostinho.⁰²³

Desde muito cedo que Johann-Valentin manifestou possuir dons excepcionais e uma curiosidade quase universal. Após a morte de seu pai, em 1601, sua mãe foi estabelecer-se com os seus outros seis filhos em Tübingen, onde Valentin aperfeiçoou os seus estudos durante seis anos, sob a direcção de Maestlin, o mestre de Kepler.

Uma biografia anónima afirma que Valentin consagrava o dia às ciências e a noite às letras, donde o seu persistente cansaço mental e miopia. E, à parte isso, passa também grande parte do tempo em companhia da juventude estudantil, com quem discute ardentemente os problemas do seu tempo e de todos os tempos.

Em 1603 é *baccalaureus*, e, em 1605, *magister*. Tem 17 anos (1603) quando escreve duas peças de teatro de estilo elisabethiano, que não

chegaram até nós. A lenda pretende que foi então que escreveu *As Bodas Químicas*, o que desmente a data da primeira edição, 1614 ou 1616.

Sofreu a crise da adolescência, facto que veio interromper a sua carreira eclesiástica e o constrangeu a uma vida errante, movimentada, análoga à de Paracelso.⁰²⁴

Vamos encontrá-lo em Lavingen, como professor, mas os seus escândalos obrigam-no a fugir. É acolhido, como docente, pelos jesuítas de Dillingen, mas, tendo sido perdoado, regressa a Tübingen, onde trabalha como músico, pedagogo, relojoeiro.

Em 1610, passa uns tempos em Genebra, que é para ele aquilo que Damasco foi para Paulo de Tarso: aí vem a encontrar uns teólogos calvinistas possuidores de grande ciência e de hábitos austeros. Viaja até França, parando uns tempos em Bâle e em Zurique. Chamado a Tübingen, dá lições particulares, ao mesmo tempo que se dedica ao estudos das línguas vivas europeias; apaixona-se pelas matemáticas e pela astronomia. Visita a Itália e a Áustria, demorando-se em Veneza e em Roma. Criticaram-lhe o seu «humor instável». Na verdade, ele era o emissário da Rosa-Cruz, um *nobre viajante*, tal como o fora Paracelso, tal como o será Cagliostro. Segundo a sua própria expressão, «esvoaça de cidade em cidade».⁰²⁵

Finalmente, estabiliza: casamento e cargo pastoral em Vaihingen.

A Germânia, a Europa Central, estão a ferro e fogo. Imperturbável, seguro da sua missão, Valentin Andreae publica sucessivamente seis obras, que são glosas da *Fama* e da *Confessio*.

A mais conhecida foi o seu *Menippe*,⁰²⁶ que é um testemunho vivo do seu talento de polemista, mas sobretudo da sua coragem. Assim, no seu prefácio, escreve:

«... Desejaria que os príncipes fossem mais devotos e menos devassos; que os ministros fossem mais corajosos e menos egoístas; que os pastores fossem mais misericordiosos e menos baixos; que os nobres fossem mais ousados e menos soberbos; que os teólogos fossem mais virtuosos e menos ambiciosos; que os juízes fossem mais justos e menos gananciosos; que os pedagogos fossem menos severos e menos subtis; que os homens de Estado fossem mais sinceros e menos ateus; que os estudantes fossem menos debochados e mais assíduos; que os soldados fossem mais religiosos e menos obscenos...»

Os anos que se seguiram foram, intelectualmente falando, os mais fecundos da vida de Valentin Andreae. A sua mensagem rosa-cruciana depura-se e precisa-se. «Não reterei, escreverá, senão aquilo que é certo: saber que nos devemos ligar a Cristo e só a ele, em perfeita obediência.

«Os cristãos, todos os cristãos, devem amar-se e unir-se numa sociedade *totalitária* cujo ideal está em reunir todas as coisas no Cristo; tanto aquilo que existe sobre a terra como aquilo que existe nos céus.»

Esta fé é sustentada por uma metafísica que, muitos séculos mais tarde, Paul Valéry definirá do seguinte modo: «Toda a política implica uma certa ideia do homem e, sobretudo, uma opinião sobre o destino do homem.»

Para Valentin Andreae, esta «opinião sobre o destino do homem» é simples: «O homem é a oração da terra.»⁰²⁷ À força de orar e de amar, o homem acabará por apagar o pecado original, e voltará a tornar a sociedade imperfeita num novo jardim do Éden.

Esta sociedade ideal obedecerá a dois imperativos: a *Autoridade espiritual*, incarnada no papa, e o *Poder temporal*, confiado ao imperador. Ora, nestes tempos pré-apocalípticos, o papa e o imperador estavam a falhar nas suas missões.

E é aí que, segundo Valentin Andreae, intervêm os rosa-cruz. Eles constituem a autoridade espiritual, a Igreja invisível, pobre, pura, nem administrativa nem venal. A verdadeira *Ecclesia*, esposa do Cristo.

Por meio dos seus conselhos, os rosa-cruz trarão o poder temporal de volta ao bom caminho.

Dante já tinha expresso este mesmo ponto de vista no *De monarchia*. Santo Agostinho pressentira-o em *A Cidade de Deus*.

E, mais tarde, no século XIX, sob uma forma abastardada, surgirão várias profecias a anunciar o Grande Monarca e o Grande Pontífice.

Não podemos deixar de admirar uma tal fé, esperança e caridade, já que os acontecimentos as enfermavam cruelmente. A Guerra dos Trinta Anos aproximava-se do seu «período palatino», que foi o mais cruel, o mais devastador, aquele em que as hordas dos *condottieri* pareciam anunciar os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.⁰²⁸

Ninguém era poupado, e Valentin menos do que qualquer outro. Contudo, em 1620, criou em Calw a Fundação dos Tintureiros (Pourber Stiff), a qual, aparentemente, era uma corporação de oficiais do mesmo

ofício, mas que, na realidade, não passava de um círculo alquímico, porque os fervorosos adeptos da arte real chamavam «tintura» à pedra filosofal.

Às exacções das hordas inimigas vieram juntar-se as perseguições eclesiásticas. O clero luterano encarniçava-se contra Andreae com um ódio tanto mais feroz quanto a sua fama não parava de crescer, possuindo numerosos correspondentes. Foi com grande dificuldade que se conseguiu manter em Calw.⁰²⁹

Em 1634, após a batalha de Nordlingen, os exércitos imperiais tinham posto a saque esta próspera região. Num total de meio milhão de habitantes, já não restavam mais de trinta e quatro mil!

Calw foi particularmente atingida. A moradia de Andreae foi incendiada. Perdeu então todos os seus bens, incluindo a sua biblioteca e os seus arquivos. Esquecendo a sua própria angústia, tratou de organizar socorros para os sobreviventes.

A sua fama espalhou-se por todo o Sul da Alemanha. Em 1639, o duque Eberhard de Württemberg fê-lo seu pregador e seu conselheiro. Viveu dez anos em Estugarda. Knoss, o seu biógrafo, revela-nos o seguinte:

«Fez muito pela Universidade e pelo clero de Tübingen e obteve consideráveis resultados na sua luta contra a simonia e contra a libertinagem, tendo recebido um precioso auxílio da parte de três irmãs do duque.»

Vamos encontrá-lo em 1650 como abade de Bebenhausen. E é então que, mais do que nunca, se desencadeia uma onda de ódio contra ele. É qualificado de *entusiasta* (pietista boémio). Mas é defendido pelo duque Augusto de Brünswick, que o cumula de honras e de presentes.

Morre a 27 de Junho de 1654, em Estugarda, ditando uma carta ao seu benfeitor, a quem chamava o seu «Sol».

Em alguns dos seus escritos, Valentin Andreae infirma o seu papel preponderante no seio da Rosa-Cruz. Mas uma tal atitude explica-se muito facilmente e por várias razões. Em primeiro lugar, a humildade. Pois não pretendia ser mais do que *Servus servorum Dei* e não *imperator*. Podia igualmente dar-se o caso de recear um processo de heresia, que o teria levado à fogueira. Ou, pura e simplesmente, ter-se-á lembrado de que é próprio das sociedades secretas serem secretas, como diria o Senhor de La Palice, que, muitas vezes, denota possuir mais sentido prático do que muitos grandes espíritos.

FRANÇOIS BACON DE VERULAM (1561-1626).

Filho de Nicolas Bacon, que foi chanceler e ministro das Justiças da Grande Elizabeth, François Bacon começou por fazer os estudos de Direito. Foi eleito em 1593 para a Câmara dos Comuns. É então protegido pelo conde de Essex, favorito da rainha. Mas, em 1601, tendo Essex caído em desgraça, Bacon torna-se no seu acusador. Ganha o favor de Jaime I, que o cumula de títulos, de pensões e de cargos honoríficos. Em 1618 já é grande-chanceler. Os seus inimigos acusam-no de concussão. É constrangido a demitir-se, retirando-se da vida pública e consagrando os seus últimos anos de vida à ciência e à filosofia.

As suas duas principais obras são *Novum Organum* (1620) e *Nova Atlantis* (1624). Tem-lhe sido por vezes atribuída a paternidade das obras de Shakespeare.

É o fundador do método científico, tendo substituído à antiga lógica, apriorística e dedutiva, uma nova lógica, experimental e indutiva.

A sua pertença à fraternidade dos rosa-cruz não está provada, mas é provável.

A *Nova Atlântida* é uma «utopia» rigorosamente conforme à mensagem rosa-cruciana. E corresponde igualmente ao ideal da franco-maçonaria escocesa. Eis o seu resumo:

Alguns navegadores desembarcam na ilha desconhecida de Bensalem, onde são autorizados a assistir a uma festa cívica e familiar, durante a qual lhes são revelados alguns dados sobre as instituições do país. «A mais notável destas instituições é uma sociedade secreta a que é dado o nome de Templo de Salomão. A Sociedade propõe-se fazer a felicidade dos homens revelando-lhes os segredos da natureza. Por isso, os filiados, que se denominam de "irmãos", entregam-se ao estudo das ciências, mas em segredo. Estão divididos num certo número de "classes", cada uma das quais tem os seus trabalhos específicos. Tudo isto é seguidamente objecto de reuniões (*conventus*), em que os irmãos discutem em conjunto estes primeiros trabalhos; depois, três irmãos, a que se chamam as "três luzes", entregam-se a experiências de uma "luz mais sublime", e outros, finalmente, estão encarregados de passar à prática os resultados assim obtidos.

«Nestas reuniões, tomam-se decisões acerca dos conhecimentos que convém difundir entre o público e dos que lhe é preciso ocultar. Os irmãos

comprometeram-se mediante juramento a nada revelar daquilo que foi decidido manter-se secreto.

«O Templo de Salomão tem noviços e aprendizes, cuja iniciação assegura a sua continuidade; possui cânticos e formas litúrgicas, possui recursos, instrumentos, todo o tipo de provisões, sendo inclusive possível, numa das suas casas (a casa dos prodígios), e por meio de máquinas aperfeiçoadas, impor aos homens, fazendo-os passar por milagres, certos efeitos naturais habilmente apresentados.

«O Templo de Salomão envia para o estrangeiro irmãos encarregados de trazer informações sobre a vida e os problemas dos outros povos. Estes irmãos levam consigo enormes somas em dinheiro, a fim de poderem pagar com a necessária liberalidade aos personagens a quem têm de pagar para esse efeito.»

JOHN HEYDON (1629-1667).

John Heydon é um personagem pitoresco, que foi, sem dúvida, um nobre viajante. Da sua autobiografia, destaquemos:

«O meu destino fez-me viajar por numerosos países, e, em primeiro lugar, com um mercador que morreu. Fui militar em Espanha e na Turquia. Após não poucas aventuras, cheguei a Zant (?), donde fui transportado para Sevilha, e depois para Sjaw (?) e daí, finalmente, para Inglaterra... Aí me apaixonei por uma viúva rica e bela, a quem prometi casamento. Mas, tendo examinado o seu horóscopo, descobri que a sua Casa VII estava "com problemas". Rompi com ela, tendo os acontecimentos que se vieram a seguir provado que fiz bem.»

Escreveu diversos tratados sobre os rosa-cruz, dos quais *The Glory of the Rosy-Cross* (Londres, 1664) e *The Rosie-Crucian infallible axiomata* (Londres, 1661).

Eis alguns extractos da obra de John Heydon, que são característicos do seu estilo e da sua mensagem «por chaves»:

«A oferenda de si mesmo é um sacrifício tão agradável a Deus, que um homem piedoso e bom não conseguirá encontrar outra que lhe possa agradar mais, tal como isso pôde confirmar-se relativamente a um "*gentleman*" que descendia da linhagem dos Plantagenetas, e que foi até ao Egipto, à Itália e à Arábia, tendo depois regressado para vir frequentar a Sociedade dos Cristãos Inspirados, que veio a conhecer do seguinte modo:

«Encontrando-se em Inglaterra, estava numa taberna de Cheapside, mais ocupado em melhorar o seu juízo através das máximas dos sábios do que em

beber vinho, estando então estes a discorrer sobre a natureza e a dignidade dos anjos, quando um desses sábios disse a uma outra pessoa do grupo: "Senhor, vós não estais afastado do reino de Deus." Ao ouvirem estas palavras, alguns rogaram ao desconhecido que não se fosse embora; mas ele recusou, e como alguns insistissem, deu ao "*gentleman*" um saquinho com um pó branco e amarelo e disse-lhe para ler o capítulo da *Bíblia* que tinha no seu quarto, no sítio em que esta ficara aberta; então, a janela abriu-se e o estrangeiro desapareceu.

«Só lhe restava, pois, o seu saquinho com o pó mágico. Tendo agido como lhe tinha sido recomendado, o "*gentleman*" viu aparecer na *Bíblia* uma mosca brilhante. Adormeceu e sonhou. Ora, isto passava-se por volta das 8 horas da manhã, sendo *Gêmeos* o ascendente e estando *Mercúrio* em *Virgem*.⁰³⁰ O "*gentleman*" reconheceu então que o homem do saquinho do pó era um génio e que esse génio fora seu companheiro durante toda a vida. Recebeu, assim, inúmeros avisos acerca dos perigos que corria e dos vícios aos quais estava sujeito.»

«J. Heydon tinha um outro génio familiar. Tratava-se de uma jovem bastante bela chamada Eutérpia. Eutérpia ensinou a Heydon os axiomas dos rosa-cruz, os segredos dos Números, e deu-lhe permissão para os publicar. São segredos de grande utilidade, tal como poderá avaliar-se pelo exemplo seguinte: "O tempo verdadeiro para a impressão dos caracteres, nomes, anjos e génios dos homens é quando os princípios são *Spermade* e *Callado*; mas assim que a coagulação tiver chegado a um corpo perfeito, o tempo da estelificação terá passado."

«... Eutérpia entregou a Heydon duas medalhas de um metal desconhecido mas muito belo, caindo depois num silêncio melancólico: tinha chegado a hora em que iria ser separada dele, e assim se dissipou no éter natural. Heydon encontrou, no local onde ela desaparecera, algumas moedas de ouro, com marcas de nomes e de moradas, e um papel dobrado. A emoção desta separação inspira Heydon, que escreve de imediato um poema em que descreve os encantos dessa aparição. Em seguida, parte em viagem para o país dos rosa-cruz. Ora, só se lá pode chegar por mar: assim, embarca em Sidmouth para chegar a Londres, e daí atinge a Espanha, levando consigo víveres para um ano; vogam rumo a Leste, permanecendo no mar durante mais de cinco meses. Após uma tempestade, o navio voga à deriva, tendo por único guia a providência. Mais tarde, os viajantes avistam ilhas, um continente. Querem desembarcar, mas hesitam perante os clamores de uma multidão hostil: vêem aproximar-se uma canoa com oito homens dentro: um deles tem na mão um pau de junco, amarelo e verde nas duas extremidades; sobe a bordo sem manifestar qualquer desconfiança; desenrola um rolinho de pergaminho que entrega ao capitão. Nesse pergaminho estavam escritas as seguintes palavras: "Não venham a terra, e façam de maneira a afastarem-se desta costa num prazo de quinze dias, a menos que entretanto vos tenha

sido indicado um novo prazo. Enquanto esperam, se tiverem necessidade de água fresca, de víveres, de socorros para os vossos doentes, ou se o vosso navio precisa de reparações, digam por escrito tudo aquilo que vos faltar e isso ser-vos-á graciosamente concedido." Este rolo tinha por assinatura a marca das asas de um querubim.

«A continuação desta viagem e a recepção feita aos viajantes nestas ilhas lembram bastante a *Nova Atlantis* de Bacon.»

COMENIUS, DESCARTES E ALGUNS OUTROS PENSADORES

Em Dezembro de 1958, a conferência geral da UNESCO rendeu uma homenagem solene a Jan Amos Comenius por ocasião do terceiro centenário da sua obra capital *Opera Didactica Omnia*. Um orador qualificou Comenius de «um dos primeiros pregadores das ideias em que a UNESCO se inspirou aquando da sua fundação».

Ora, Comenius era rosa-cruz. Se é certo que na Europa Ocidental o seu nome só é conhecido por alguns raros eruditos, já na Europa Oriental e particularmente na sua pátria, a Checoslováquia, continua a ter uma considerável audiência.

A sua obra é, em muitos aspectos, genial, nunca perdendo, além disso, a sua actualidade.

Podê-lo-ão julgar lendo os extractos que fomos buscar a uma antologia saída em 1958, em francês, com uma introdução de Jean Piaget e editada pela UNESCO.

Eis a biografia de Comenius resumida por Jean Piaget:

À semelhança de inúmeros sábios do seu tempo, Jan Amos Komensky latinizara o seu nome. Nasceu na Morávia a 28 de Março de 1592 e morreu em Naarden (Países Baixos) a 15 de Novembro de 1670. A sua família pertencia à Igreja dos Irmãos Morávios, a de Jean Huss.⁰³¹ Tendo ficado órfão muito cedo, Jan Amos foi confiado a uns tutores, que acabaram por se desinteressar dele. Só começou os seus estudos com 16 anos de idade. Como demonstra possuir dons excepcionais, é enviado pela Unidade dos Irmãos (Morávios) para a Universidade de Herborn (Nassau), onde leva a cabo estudos teológicos e vem a apaixonar-se pelas línguas vivas. Lança mãos à obra de elaborar um manual de pedagogia e um glossário latim-checo.

Diplomado, começa como pastor-mestre-escola em Fülnek (Morávia), mas a Boémia insurge-se contra o imperador: início da Guerra dos Trinta Anos. A casa de Comenius é pilhada, a sua mulher e os seus filhos são mortos. Ele passa a errar de aldeias em mansões senhoriais, consagrando o pouco tempo que lhe resta da sua existência de animal acossado a escrever obras de piedosas consolações em intenção dos seus correligionários.

Escorraçado da Boémia, refugiou-se em Leszno, na Polónia, aonde a Unidade dos Irmãos possuía um colégio famoso. Aí vem a instaurar uma nova pedagogia baseando-se nas ideias de dois rosa-cruz, Francis Bacon e Campanella, a quem qualifica de «felizes restauradores da sabedoria». Redige o seu «curso de língua» e expõe as suas ideias pedagógicas em duas obras, *Janua linguarum reserata* e *A Grande Didáctica*. Estes dois livros granjeiam-lhe uma larga audiência entre a *intelligentsia* europeia.

Protegido por um mecenas sueco, Louis de Geor, publica um prólogo à *Pansofia*, doutrina que tenta estabelecer uma metodologia conciliadora das diversas correntes religiosas, assim como das ciências e das técnicas. Em diversos pontos, o seu *Prodomus pansophiae* anuncia o actual estruturalismo.

Em 1641, Comenius está em Londres para aí fundar um Círculo Pansófico. Mas na Inglaterra alastra a revolução. O projecto é abandonado. Dirige-se, então, à Suécia e encontra Descartes -- que o admira -- em Endegeest. Vendo-se a braços, em Estocolmo, com a hostilidade dos luteranos, fixa-se em Elbing, na Prússia (que estava sob dominação sueca), onde vem a escrever novas obras de pedagogia.

Em 1645, toma parte, em Thorn, num colóquio eclesiástico, facto que perturba as suas boas relações com os suecos. Mas, apesar disso, não abandonou a prossecução do seu grande desígnio:

1.º -- Unificação do saber e universalidade da sua propagação sob a superior direcção de uma academia de sábios.

2.º -- Coordenação política sob a direcção de instituições internacionais, arbitrando os conflitos políticos.

3.º -- Reconciliação entre as Igrejas cristã e judaica.

Promovido a bispo da Unidade dos Irmãos, Comenius regressa a Leszno, estabelece-se momentaneamente na Transilvânia, e depois, em 1654, regressa a Leszno. A cidade é pilhada pelos exércitos suecos a 25 de Abril de 1656. Comenius perde a sua casa, os seus bens, os seus arquivos, a sua biblioteca; e só por milagre consegue escapar à morte.

Refugia-se em Amsterdão, onde vem a morrer em 15 de Novembro de 1670.

Toda a sua vida, Comenius viveu obcecado pela criação de uma pansofia, ou doutrina universal, projecto que veio a ser retomado pelos nossos enciclopedistas do século XVIII...

«Para Comenius, escreve Jean Piaget, a educação constitui um todo com o

processo formador que anima todos os seres. À descida ou procissão em que consiste a multiplicação dos seres corresponde uma nova subida ao nível do trabalho humano, e esta nova subida, preparando a Idade do Ouro, funde num mesmo todo o desenvolvimento espontâneo da natureza e o processo educativo. É por isso que este não está limitado à acção da escola e da família, sendo antes solidário com a vida social no seu conjunto: a *sociedade humana é uma sociedade de educação*.

Eis aqui, retiradas dos textos de Comenius, algumas aplicações práticas destas ideias gerais:⁰³²

1.º -- Envia as crianças para as lições públicas o mínimo de horas possível, deixando outro tanto para os seus estudos pessoais.

2.º -- Sobrecarrega o menos possível a memória. Não obrigues a aprender de cor mais do que aquilo que é fundamental, abandonando o resto aos exercícios livres.

3.º -- Regula o teu ensino pelas capacidades dos alunos, que se vão desenvolvendo por si mesmas com a idade e os progressos escolares.

4.º -- Que nas escolas se passe a aprender a escrever escrevendo, a falar falando, a cantar cantando, a raciocinar raciocinando.

Ideias que nos parecem agora simples truísmos, mas que naquela época iam de encontro aos métodos de ensino vigentes. Tanto mais quanto Comenius era extremamente preciso.

Violenta-se a inteligência:

1.º -- Todas as vezes que se obriga o aluno a executar uma tarefa para além da sua idade ou das suas forças.

2.º -- Todas as vezes que se lhe manda decorar coisas que não foram claramente explicadas e compreendidas.

Donde as seguintes regras de ouro pedagógicas:

1.º -- Proceder por etapas.

2.º -- Examinar tudo por si mesmo, sem abdicar perante a autoridade do pedagogo.

3.º -- A *autopraxia*: em relação a tudo o que seja apresentado ao intelecto, à memória, à mão, que sejam os próprios alunos a procurá-lo, a descobri-lo, a discuti-lo, a fazê-lo, a repeti-lo pelos seus esforços. O papel do mestre não deve, pois, ultrapassar o de um guia.

Mais tarde, Comenius virá a insistir no papel educativo dos jogos colectivos. Mas há um ponto em que foi de tal modo revolucionário que levantou todos os seus colegas contra si:

«Toda a juventude, dos dois sexos, deve ser enviada para as escolas públicas... Não há nenhuma razão válida para privar o sexo fraco do estudo das ciências... As raparigas são dotadas de igual inteligência... Tanto para nós como para elas está aberta a via dos mais altos cometimentos...»

Comenius imaginou um esboço de sinarquia:

- a. Plano de reforma universal cuja preparação incumbe aos povos cristãos;
- b. Exposição dos males sociais e dos seus remédios;
- c. Exposição das reformas da filosofia, da política, da religião;
- d. Criação de instituições internacionais;
- e. Criação de um concílio internacional (Parlamento mundial);
- f. Descobertas de sábios, de *Superiores Desconhecidos*.

Estes últimos eram assim descritos:

«Importa colocar junto dos letrados guardiões vigilantes; a sua tarefa consistirá em ensinar-lhes, exortando-os, qual a sua principal missão, a qual consiste em eliminar todos os resíduos da ignorância ou dos erros nos espíritos humanos. Devem-se colocar guardiões junto dos sacerdotes a fim de expulsar, com a sua ajuda, tudo aquilo que ainda possa subsistir de ateísmo, de epicurismo e de impiedade. Devem-se colocar guardiões do poder junto dos poderosos a fim de evitar que, por excesso de zelo, a semente da discórdia possa voltar a germinar; ou, caso já tenha começado a germinar, para que ainda possa ser extirpada a tempo e horas.

... «Instituir-se-ão três corpos de dirigentes. O chefe supremo de cada um destes corpos será o Hermes trimegisto (o três vezes grande intérprete das vontades de Deus relativamente aos homens, o supremo profeta, o supremo sacerdote, o supremo rei), isto é, o *Cristo*, que é o único a deter o poder de tudo dirigir. Mas, para manter a ordem, uns estarão sempre e em toda a parte subordinados aos outros, a fim de que, graças a esta subordinação graduada, a escola do Cristo, o templo do Cristo e o reino do Cristo estejam sempre solidamente estabelecidos.

«Não seria, pois, necessário, instituir três tribunais arbitrais, aos quais seriam submetidos todos os diferendos que pudessem vir a surgir entre os letrados, os sacerdotes e os príncipes? Os seus vigilantes cuidados não seriam de molde a impedir, em cada um dos três estados, a eclosão de discórdias? A paz e a tranquilidade seriam mantidas. Senão seria preciso abandonar toda a esperança de estabilidade de melhores condições de vida.

«Será útil adoptar diferentes denominações para estes tribunais; o tribunal dos letrados chamar-se-ia o *Conselho da Luz*, o tribunal eclesiástico, o

Consistório Mundial, e o tribunal político, a Corte da Justiça.»

O *Conselho da Luz* velará para que não haja em lado algum ninguém que ignore seja o que for de indispensável. Este conselho permitirá a todos os homens do mundo inteiro voltarem os olhos para essa luz na qual todos verão, por si mesmos, a Verdade. O *Consistório Mundial* velará para que todos os guizos de todos os cavalos, todas as caldeiras, etc., sejam consagradas ao Eterno (*Zac.*, 14, 20), e para que Jerusalém não continue a estar entregue ao interdito, passando, sim, a estar doravante em segurança (*Zac.*, 14, 11); isto é, para que toda a terra seja consagrada a Deus; para que não existam escritos, nem gravuras, nem pinturas, etc., escandalosos, passando antes a haver em toda a parte grande profusão de símbolos santos de modo a que cada um passe assim a encontrar matéria para santas reflexões.

Finalmente, a *Corte da Justiça* velará para que não haja em lado algum nenhuma nação que se levante contra uma outra nação, a fim de que as espadas e as lanças sejam transformadas em foices e em relhos de arado.

ROBERT FLUDD (1574-1637).

Robert Fludd nunca escondeu o facto de pertencer à fraternidade. Pelo contrário, sempre o proclamou abertamente, tanto sob o seu nome real como sob os seus pseudónimos de Joachim Frizzio, de Rodolphe Otreb e de Robertus a Fluctibus.

Robert Fludd nasceu em Milgate (Kent) em 1574 e morreu em Londres a 8 de Setembro de 1657. O seu pai era o tesoureiro de guerra da rainha Elizabeth. Após ter feito alguns estudos formais, viajou por toda a Europa durante sete anos. E foi na Alemanha que veio a filiar-se nos rosa-cruz.

De retorno a Inglaterra, veio a diplomar-se em Medicina pela Universidade de Oxford; e exerceu a sua arte, em Londres, até à data da sua morte.

As obras de Robert Fludd comportam nove volumes, alguns dos quais são ilustrados com admiráveis gravuras saídas das oficinas de Théodore de Bry.

Citemos:

- *Apologia compendiaria fraternitatis R. C.* (Leyde, 1616).
- *Tractatus apologeticus integritatem societatis de Rosea Cruce defendens* (Leyde, 1616).
- *Utriusque Cosmimetaphysica, physica, historia* (Oppenheim, 1617) (2 vol. in-fólio).

- *Summum Bonum, quid est verum verae Magiae, Cabalae, Alchymiae verae fratrum Rosae Crucis verorum subjectum* (1628, Francoforte) (in-fólio).
- *Tractatus theologo-philosophicus, in libros tres distributus...* (Oppenheim, 1617).

Desta obra gigantesca, eis um extracto que exprime bem aquilo que eram os rosa-cruz.

«... Foi demonstrado em termos suficientemente explícitos o que é esta Sociedade da Rosa-Cruz, e o que são os irmãos desta admirável assembleia e se são realmente sediciosos, heréticos, ou os ministros de uma infame magia...

«Com efeito, seja quem for que percorra atentamente esta obra reconhecerá que, na base dos dados obtidos no seio da própria fraternidade, isto é, na base das razões extraídas da sua *Confessio*, ela defende eficazmente e com toda a justiça a integridade desta contra as calúnias de gente mal intencionada que lhe imputa o crime de sedição, de exorcismo e de heresia. Tal é, pois, o motivo que me levou a defender a causa da fraternidade, a dedicar-me fervorosamente a uma tal empresa e a publicar a presente apologia mais vasta do que a primeira, dedicando-me com o maior zelo à tarefa de desviar as suspeitas de necromancia, de magia perniciosa, de cabala ímpia, de prática de uma astrologia supersticiosa, que têm sido lançadas sobre os irmãos; a lavar, por assim dizer, nas águas cristalinas da verdade, a purificar o seu modo de vida das nódoas da infâmia, recorrendo, por um lado, às razões divinas e, por outro, à misteriosa operação da luz oculta nas entranhas da natureza...»

RENÉ DESCARTES (31 de Março de 1596 -- Estocolmo, 11 de Fevereiro de 1650).

O. U. de Lubicz Milosz foi um dos raros iniciados dos inícios do século XX. Receberá o conhecimento da parte dos reis-sacerdotes de Lusace, de quem descendia, assim como por via da sua linha materna, em que todos eram cabalistas, oriundos dos países bálticos.

A sua obra maior são *Os Arcanos*.

Eis o versículo 5: «Humilhá-lo-ei diante de ti, meu filho Hiram, rei do mundo unificado, arquitecto da verdadeira Igreja Católica de amanhã, essa regente universal da fé, da ciência e da arte.»

Cada versículo dos *Arcanos* é seguido por algumas notas exegéticas. Naquela que se refere ao versículo 5, Milosz escreve:

«... É sobretudo como testemunho da veneração devida a alguns dos seus

membros, e, singularmente, ao Kadosh Dante Alighieri... e ao rosa-cruz Polybius, o Cosmopolita, aliás René Descartes...»

Logo, para Milosz, Descartes era rosa-cruz. Esta asserção, contudo, é negada por diversos historiadores.

Eis como deve pôr-se o problema.

É certo que René Descartes, intrigado pelos rosa-cruz, tentou entrar em contacto com eles. Mas será que o conseguiu? Será que o Colégio Invisível o admitiu no seu seio? Sem que lhe tenham revelado na sua totalidade os segredos e os mistérios da sua fraternidade, será que lhe foi concedido um certo grau de conhecimento cujos indícios seriam particularmente detectáveis na sua obra matemática e no *Discurso do Método*?

Antes de nos lançarmos a fundo no calor da controvérsia, lembraremos que Descartes admirava Comenius e que o encontrou por diversas vezes.

Dito isto, comecemos por citar o próprio Descartes:

«Se os rosa-cruz são impostores, não é justo deixá-los usufruir de uma fama mal conquistada a expensas da boa-fé dos povos. Mas se, de facto, ofereciam qualquer coisa de novo ao mundo, que valesse a pena ser conhecida, teria sido desonesto pretender desprezar todas as suas ciências, pois poderia suceder que entre elas houvesse ao menos uma realmente inovadora, cujos fundamentos ele teria, assim, ignorado.»

«Descartes, precisa Jean Marquès-Rivière,⁰³³ procurou entrar em contacto com esta fraternidade e aproveitou-se das suas viagens aos Países Baixos e à Alemanha, com as tropas do duque da Baviera, para os encontrar.

«Ao regressar a França, escreveu, em 1622, nada ter conseguido saber ao certo a respeito deles. E soube então que a sua estada na Alemanha lhe valera a fama de pertencer à confraria dos rosa-cruz.»

Na sua *História de Descartes antes de 1637*, Milliet precisa:

«No seu refúgio (na Alemanha), Descartes ouvira falar dos rosa-cruz. Ele próprio chegou mesmo a afirmar, numa obra que Baillet teria tido entre mãos, terem-lhe feito elogios absolutamente surpreendentes a respeito desta confraria.⁰³⁴

«No estado de espírito em que se encontrava, devia estar desejoso de os conhecer. Pôs-se, pois, à sua procura com um duplo fim: desmascará-los, caso fossem impostores, ou aproveitar-se dos seus conhecimentos, caso estes fossem reais; mas declara depois que não lhe foi possível encontrar nenhum. Esta declaração é tanto mais espantosa quanto é certo que lhes dedicou a

obra cujo título é: *Polybii Cosmopolitan thesaurus mathematicus*.»

O título é seguido de um anúncio:

«Obra na qual é apresentado o verdadeiro meio de resolver todas as dificuldades desta ciência, e onde se demonstra que, relativamente a ela, o espírito humano não pode ir mais longe; para lançar a dúvida ou para provocar a temeridade daqueles que prometem novas maravilhas em todas as ciências; e, ao mesmo tempo, para aliviar dos seus penosos esforços os irmãos da Rosa-Cruz que, aprisionados noite e dia nos nós górdios desta ciência, aí consomem ingloriamente a chama do seu génio. Novamente dedicada aos sábios do mundo inteiro e, muito em especial, aos mui Ilustres Irmãos Rosa-Cruz da Alemanha.

«Quando Descartes voltou a Paris, viu-se acusado, precisa Milliet, não só de ter conhecido alguns rosa-cruz, como também de ter passado a ser membro da sua confraria. O que ele sempre negou. Mas o que provam estes desmentidos se o primeiro dever dos rosa-cruz era, precisamente, o de guardar segredo, a isso estando comprometidos pelo juramento prestado? Não pretendo resolver a questão, nem num sentido, nem noutro; mas confesso que quando comparo os escritos de Descartes com os projectos e os programas traçados por Andreae... e sobretudo quando reflecto na sua conduta, prudente e submissa para com a Igreja, sinto-me tentado a acreditar em que ele fazia parte da misteriosa confraria, cujo objectivo principal consistia em operar a união da Ciência com a Religião.»

Editor das *Obras Completas* de Descartes, Charles Adam, autor de *Descartes, a Sua Vida e a Sua Obra*,⁰³⁵ afirma que René Descartes foi iniciado na Rosa-Cruz pelo matemático Faulhaber (1580-1635).

Esta opinião é igualmente partilhada por G. Persigout, em *Renatus Picto, O Nobre Viajante*.⁰³⁶

SEGUNDA PARTE

Ai! Falar e escrever, vejam lá se não é uma bem miserável virtude! Porque isso não tem nada a ver com comungar, pois isso não passa do propor de um qualquer tema para meditação.

O. V. Milosz «*Ars Magna*»

SINCERUS RENATUS E A ROSA-CRUZ DE OURO

Tal como já o vimos anteriormente, a Rosa-Cruz passou periodicamente por fases de crescimento, seguidas de outras de eclipse, à semelhança do que sucede com uma mesma roseira, em que a flor rebenta, desabrocha, estiola e acaba, depois, por se desfolhar. A árvore, apesar disso, não está morta, não obstante o seu aspecto hibernar. Só está à espera de que chegue a Primavera para recuperar a beleza perdida.

É quase impossível resistir à tentação de citar aqui Rainer Maria Rilke:⁰³⁷

*Verão: ser por algum tempo
o contemporâneo das rosas;
respirar o que flutua em torno
das suas almas em botão*

*Fazer de cada uma que morre
uma confidente,
e sobreviver a esta irmã
noutras rosas ausentes.*

O autor dos *Duinos Elegien*⁰³⁸ era, senão um rosa-cruz, pelo menos um autêntico neófito. E foi por isso que reproduzimos aqui estes oito versos, tão pesados de significações ocultas, que nos atreveríamos mesmo a dizer de quintessência.

Após ter brilhado com tamanho fulgor, após ter iluminado homens de valor como Comenius e Valentin Andreae, a primitiva Rosa-Cruz eclipsou-se, murchou; uma tradição impossível de confirmar, mas inúmeras vezes repetida, assegura que logo após a assinatura do tratado de Vestefália (1648), que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos, os dirigentes do Invisível Colégio abandonaram a Europa ao seu lastimoso destino, indo refugiar-se no Magrebe e no Próximo Oriente, pelo que tiveram de refazer, em sentido inverso, o périplo do fundador epónimo.

E foi apenas por volta de 1720 que um iniciado, que assinava com o nome de Sincerus Renatus, veio a erguer uma segunda versão da Rosa-Cruz, baseando-se na Tradição universal. Tal como em 1620, a Europa atravessava

uma crise bastante dolorosa, dilacerada por lutas intestinas. E a França era uma das suas vítimas mais duramente atingidas. Luís XIV morrera em 1715, deixando o país empobrecido pelas guerras, ao que veio ainda juntar-se o êxodo dos protestantes, após a revogação do édito de Nantes. A Regência levava o país à bancarrota de Law. Principiava o reinado dos arrematadores; o cinismo da corte do Regente contaminava a nobreza e a burguesia. E da miséria popular subia já o rumor crescente e surdo da revolta latente...

Dois reis de menor idade, duas regências abusivas: Luís XIII e Luís XV. O paralelismo é flagrante. Mas será que isso basta para explicar o ressurgimento da Rosa-Cruz?

Sincerus Renatus era um pastor luterano de Breslau; o seu nome profano era Samuel Richter. Nada se sabe da sua vida. Obedecendo ao sábio e já imemorial hábito dos adeptos, ele apagou-se perante a sua obra, a qual se resume essencialmente a um tratado editado por duas vezes em Breslau, a primeira em 1710 e a segunda em 1714. Conforme era de regra na época, o seu título é extremamente longo. Transcrevemo-lo *in extenso*, porque, por si só, ele constitui como que um prefácio:⁰³⁹

«A verídica e perfeita preparação da pedra filosofal, da fraternidade da ordem da Cruz de Ouro e da Cruz Rosa (*ou vermelha*), onde a matéria deste segredo é designada por estes nomes, e onde é indicada a sua preparação, do princípio ao fim, com todos os truques mágicos necessários; tendo, em apêndice, as leis e regras às quais está submetida a fraternidade em questão. Obra publicada com a inclusão de algumas particularidades úteis e seguras, que são como que uma introdução ao que se segue, havendo ainda, no fim deste tratado, e a título de ensaio, a narração de algumas experiências efectuadas pelo próprio editor e oferecidas de boa vontade a todos os pobres investigadores.»

O livro começa com uma rectificação, cuja importância é escusado assinalar:⁰⁴⁰

«A fim de ser honesto para com o leitor benevolente, é preciso que ele saiba que este tratado não é da minha autoria, mas sim de um professor da arte, cujo nome não devo nomear, tendo sido ele quem me enviou uma cópia do mesmo.

«Convém ainda que saiba que este tratado não chegou publicamente nas mãos de ninguém. Ele revela a verdadeira prática da fraternidade da Rosa-Cruz e, ao mesmo tempo, qual a sua organização, nomeando, além do mais,

os dois locais onde eles sempre se reuniram, locais esses que presentemente já não são os mesmos; e isto porque tanto um como o outro já não se situam na Europa, mas sim, desde há já alguns anos, nas Índias, para onde se dirigiram os irmãos a fim de aí poderem viver tranquilamente.»

A obra de Sincerus Renatus está dividida em três partes. A primeira e a terceira são consagradas à alquimia. Sédér analisa-as na sua *Histoire de la doctrine des rose-croix*.⁰⁴¹ Apenas a parte central apresenta agora interesse para nós. Mas, antes de a analisar, recapitulemos com Sédér:

«Se se compararem os "artigos" editados por Sincerus Renatus com os manifestos de 1614 a 1620, podem encontrar-se apreciáveis diferenças.

«Nestes últimos predomina o puro espírito do Evangelho... ao passo que nos outros se nos depara o reino do silêncio, do incógnito austero, do afastamento da beleza, do celibato, da prática de uma caridade fria e desdenhosa, do trabalho de anos e anos de esforço para um fim desconhecido...

«Aqueles que vão passar a servir-se do nome de Rosa-Cruz denotam agora uma tendência sempre crescente para começar a acantonar-se na prática da alquimia e da magia.»⁰⁴²

Sédér emite a hipótese de que a segunda floração da Rosa-Cruz teria passado a ser dominada por religiosos católicos, sob cuja influência jazia toda a confraria. Tal foi igualmente a opinião de H. P. Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, e do escritor maçónico Georges Findel.⁰⁴³

Mas houve um tempo em que a maioria dos eruditos obcecados pelo ocultismo viam em todo o lado a sombra da Sociedade de Jesus, e a falta de provas não os impedia de participarem acaloradamente nas inúmeras polémicas a esse respeito, hoje em dia já ultrapassadas.

Eis a tradução dos cinquenta e dois artigos publicados por Sincerus Renatus, artigos que permitiam estruturar a Rosa-Cruz não enquanto «colégio» de Invisíveis, iguais entre si, mas sim enquanto sociedade secreta, hierarquizada:

1. O número dos membros da fraternidade, que era inicialmente de vinte e três, poderá ser agora elevado até sessenta e três, mas nunca a mais desse número.
2. Um dos trinta e seis artigos da *Confessio* proíbe que se aceitem papistas no seio da sociedade enquanto não houver unanimidade de opiniões, sendo também proibido

procurar saber quais as crenças dos irmãos, pois cada um deles viverá de acordo com a sua religião, sem que ninguém disso lhe possa pedir contas.

3. Aquando da morte do nosso actual *imperator*, eleger-se-á um outro, passando então este a manter a sua dignidade a título vitalício; o antigo hábito de o substituir de dez em dez anos será, pois, abolido.
4. O *imperator* deverá conhecer o nome e a prática de todos os membros, assim como a localização do país onde habitam, a fim de que possam ajudar-se uns aos outros em caso de necessidade. O *imperator* será eleito por unanimidade. Com vista às nossas futuras reuniões, tratámos já de preparar as nossas duas casas de Nuremberga e de Ancône.
5. É decretado que dois ou três irmãos não podem ocupar-se da iniciação de um novo irmão sem a prévia aprovação do *imperator*.
6. Cada discípulo deve obedecer ao seu mestre até à morte.
7. Os irmãos não devem comer em conjunto, a não ser ao domingo. No entanto, quando trabalham em conjunto, podem viver e comer juntos.
8. Se um pai tem o seu filho para eleger, ou um irmão o seu irmão, que só o faça depois de ter examinado cuidadosamente e posto à prova a sua natureza... a fim de que ninguém possa dizer que a arte é hereditária.
9. Os irmãos não podem obrigar um discípulo a seguir a sua profissão, sem que antes lhe tenham demonstrado na prática em que consiste e terem procedido a bastantes operações (alquímicas).
10. São precisos dois anos de aprendizagem. Os irmãos devem ir instruindo a pouco e pouco o discípulo sobre a grandeza da congregação; depois, informa-se o *imperator* do seu nome, qualidade, profissão, pátria e antecedentes.
11. Quando dois irmãos se encontram, o primeiro saúda o outro com estas palavras: *Ave, frater*; o segundo responde: *Roseae et Aureae*; o primeiro torna a responder: *Crucis*; então, ambos devem dizer em conjunto: *Benedictus Dominus, Deus Noster, qui debet nobis signum*; e mostram um ao outro a sua marca. Se sucedesse desmascarar-se um falso irmão, seria preciso deixar imediatamente a cidade e não voltar sequer a passar por sua casa.
12. É expressamente exigido, sempre que um irmão tiver recebido o magistério, que se comprometa perante Deus a nunca se servir dele em proveito próprio; nem para perturbar a tranquilidade de um reino ou para servir tiranos, devendo antes fazer-se de ignorante e dizer que esse magistério não passa de um logro.
13. É proibido mandar imprimir livros (*explicitos*) acerca do nosso segredo, assim como publicar seja o que for contra a arte.
14. Quando os irmãos quiserem falar entre si dos nossos mistérios, pois que escolham um local secreto.
15. Um irmão pode dar a pedra (filosofal) a um outro irmão, mas nunca a pode vender ou trocar.
16. É proibido fazer qualquer projecção diante seja de quem for se esse alguém não é dos nossos.
17. Os irmãos não devem tomar mulher.⁰⁴⁴

18. É igualmente exigido que não se provoque o êxtase, e que não se ocupem com as almas dos homens e das plantas.
19. É proibido dar a pedra a uma mulher grávida, pois, caso contrário, abortaria.⁰⁴⁵
20. É igualmente proibido servir-se dela na caça.
21. Quando trazemos a pedra connosco, é proibido pedir uma graça seja a quem for.
22. É proibido fabricar pérolas e pedras preciosas mais grossas do que aquelas que habitualmente se vêem.
23. É proibido revelar qualquer manipulação, congelação ou solução da matéria-prima.
24. Se um irmão quiser dar-se a conhecer numa qualquer cidade, pois que vá no dia de Páscoa, ao nascer-do-sol, até ao campo, junto da porta oriental; ao mostrar quem é, deve ter à vista uma cruz vermelha, se é irmão da Cruz de Ouro; mas, se é um irmão da Rosa-Cruz, já deve ter uma cruz verde. Se vir um outro irmão dirigir-se-lhe, saúdam-se.
25. O *imperator* mudará, de dez em dez anos, de nome, de residência e de pseudónimo, sendo tudo feito no maior segredo.
26. Cada irmão, após ter sido recebido, mudará de nome próprio e de apelido, e rejuvenescerá através da pedra, devendo tudo isto voltar a ser feito sempre que tiver de mudar de país.
27. Não ficar mais de dez anos fora da sua pátria; informar o *imperator* dos países pelos quais vão viajando e dos pseudónimos escolhidos.
28. Não se deve trabalhar antes de se ter permanecido pelo menos um ano num lugar qualquer, para aí passar a ser conhecido: evitar os *professores ignorantes*.
29. Que nenhum chefe venha alguma vez a revelar qual é a sua riqueza; que tome o devido cuidado com os fanáticos; que nada seja aceite da parte dos monges.
30. Quando os irmãos trabalham, que arranjem pessoas já idosas para ajudas subalternas.
31. Quando um irmão quiser renovar-se (rejuvenescer), terá de mudar de país; e não deverá regressar ao seu antigo reino antes de ter voltado ao estado em que estava quando dele partiu.
32. Quando os irmãos comem em conjunto, aquele que os convidou deve procurar aconselhá-los.
33. Que os irmãos se reúnam na Páscoa, em casa de um de nós, a fim de tomarem conhecimento do nome e da residência do *imperator*.
34. Quando os irmãos viajam, não devem ocupar-se com mulheres, mas sim aterem-se a um ou dois amigos, se possível não iniciados.
35. Quando um irmão parte de um dado local, que nunca diga aonde vai; que venda tudo aquilo que não pode levar consigo, e que dê ao seu hospedeiro ordem para distribuir o resultado dessa venda pelos pobres, isto no caso de ele não voltar ao fim de seis semanas.
36. O viajante levará consigo a pedra filosofal em pó (e não em óleo).
37. Não haverá qualquer descrição escrita da operação do magistério, a não ser em código.
38. O viajante não comerá nada que já não tenha provado; a menos que tenha tomado de

manhã, antes de sair, uma dose da medicina, à sexta projecção.⁰⁴⁶

39. Nenhum irmão dará a um doente da sexta projecção, a não ser que se trate de outro irmão.
40. Se, estando a trabalhar com os outros, um irmão for interrogado sobre o seu estado, deve responder que é um noviço e um ignorante.
41. Quando um irmão aceita ocupar-se de um discípulo, não lhe deve mostrar logo tudo.
42. Um homem casado não será aceite. Quando se pretender escolher um sucessor, este deve ter o menor número de amigos possível; e ele jurará não lhes comunicar o mínimo segredo.
43. Quando um irmão quiser ter um herdeiro espiritual, pode fazê-lo nomear *professo*, após dez anos de disciplinato; mas só após a confirmação do *imperator* é que ele poderá constituí-lo seu herdeiro.
44. Se, por acidente ou imprudência, um irmão viesse a ser descoberto por um potentado, deveria preferir morrer a trair o seu segredo; nós estamos prontos a arriscar a vida para libertar um dos nossos; caso morra, considerá-lo-emos um mártir.
45. A recepção deverá ser feita num dos nossos templos, na presença de seis irmãos, após o neófito ter sido instruído durante três meses. Eis a fórmula:
«Eu, N. N., prometo ao Deus eterno e vivo não revelar a nenhum homem o segredo que vós me comunicastes; passar a minha vida com o símbolo oculto; não revelar nada acerca dos efeitos deste segredo, por mim descobertos, lidos ou aprendidos da vossa boca; nem dizer seja o que for sobre o local de reunião da nossa fraternidade ou sobre o nome do *imperator*, e não mostrar a pedra a ninguém. Mesmo com risco da própria vida, prometo guardar um eterno silêncio a respeito de tudo isto; para o que espero que Deus e o seu Verbo me dêem forças.»
Seguidamente, cortam-se seis madeixas de cabelo ao recipiendário, que são embrulhadas num papel com o seu nome. No dia seguinte, é servida em silêncio uma refeição comum, e os convivas, ao sair, saúdam-se com as seguintes palavras:
«*Frater Aureæ (ver Roseæ) crucis, Deus sit tecum cum perpetuo silentio Deo promissio et nostrae sanctae congregationi.*» Esta cerimónia repete-se durante três dias.⁰⁴⁷
46. Findos estes três dias, cada um deve dar uma esmola aos pobres.
47. Podem, em seguida, habitar juntos numa das nossas casas, mas não por mais de dois meses.
48. Durante esse tempo, o novo irmão será instruído pelos outros.
49. Enquanto estiverem nas nossas casas, os irmãos estão proibidos de terem mais de três êxtases.
50. Os irmãos devem tratar-se pelos nomes que lhes foram conferidos no dia da sua profissão de fé.
51. Mas, diante de estranhos, devem chamar-se pelos seus nomes do estado civil.
52. Deve dar-se ao novo irmão o *nomen* do último falecido.

A Rosa-Cruz original, a da *Fama* e da *Confessio*, fora um colégio invisível, uma Igreja interior, uma fraternidade. Sem qualquer organização administrativa, congregava num mesmo ideal homens predestinados, ou que como tal se consideravam, a quem o Altíssimo confiara uma missão: sábios, eruditos, clérigos, iniciados. Não estavam separados por quaisquer graus hierárquicos. Raramente se encontravam, mas estavam unidos por uma estima recíproca, pela oração e pela comunidade das aspirações. Correspondiam-se segundo uma linguagem ininteligível para os profanos. Numa palavra (e para nos servirmos de um termo hoje em dia na moda), não estavam «estruturados». E é precisamente esta ausência de organização e de arquivos que tem levado certos autores, embebidos de juridismo, a negarem, contra toda a evidência, a existência do Invisível Colégio.

A organização da Rosa-Cruz de Ouro já era totalmente diferente. Tratava-se de uma sociedade secreta e não de uma fraternidade livre. Comportava uma hierarquia de graus, uma ou várias cerimónias de iniciação e uma prévia investigação antes de ser aceite qualquer nova admissão, a qual, por seu turno, estava sujeita, tanto a um voto como ao *nihil obstat* do *imperator* e de um conselho directivo. O rosa-cruz de ouro usava um anel ou uma jóia peitoral, fazendo-se reconhecer, segundo a fórmula corrente, «por palavras, sinais ou toques particulares», de tal modo que a Rosa-Cruz de Ouro bem depressa começou a ser vista como uma franco-maçonaria específica. Ver-se-á, aliás, até que ponto o termo Rosa-Cruz fascinou os organizadores de vários outros ramos ou credos da franco-maçonaria espiritualista, aquela que o historiador R. le Forestier qualifica de «ocultista e templária».⁰⁴⁸

Eis o que nos revela Sédir:⁰⁴⁹

«Eles possuem sinais de reconhecimento que mudam todos os anos.

«Usam uma jóia formada por uma cruz e por uma rosa que trazem sob o fato, do lado esquerdo, pendurada de uma fita de seda azul.

Possuem um diploma com o selo do seu *imperator*. Quando se encontram, trocam as seguintes palavras de passe:

«--*Ave frater.*

«--*Rosæ et Aureæ.*

«--*Crucis.*

«--*Benedictus Deus Dominus qui nobis dedit signum.*»

No seu fundamental, Sincerus Renatus fornece algumas precisões sobre o rito de iniciação, que apenas fora enunciado em traços gerais no 45.º preceito. Depois de um período probatório de dois anos e três meses, o neófito é recebido no templo na presença de seis rosa-cruz. Entregam-lhe o símbolo da paz (uma folha de palma) e abraçam-no três vezes, recomendando-lhe o mais absoluto segredo.

Posto o que, vestido com um «traje pontífico» e flanqueado, à direita, por um padrinho e, à esquerda, por um «director», o candidato se ajoelha diante do *imperator* (ou do seu mandatário) e jura guardar silêncio sobre os segredos e os mistérios que lhe vão ser revelados. O mestre corta-lhe sete madeixas de cabelo, introduzindo-as em sete sobrescritos, que são imediatamente selados por um assistente. Seguidamente, têm lugar as ágapes, no decurso das quais todos se servem do mesmo pão e bebem vinho pela mesma taça. Ao separarem-se, despedem-se com estas palavras:

--Irmão da Cruz de Ouro (ou da Rosa Vermelha), que Deus esteja contigo no eterno silêncio prometido a Deus e à nossa santa assembleia!

--Amén!, responde o recipiendário, ao qual é entregue a jóia da ordem: uma cruz de Santo André, timbrada, em cada canto, com a letra C, tendo por baixo uma rosa de cinco e de doze pétalas concêntricas. Os quatro C significam: *Crux Christi Corona Christianorum*:

Para se corresponderem, os adeptos serviam-se de um alfabeto secreto, dito Enochiano.⁰⁵⁰

Inicialmente, a hierarquia da Rosa-Cruz de Ouro comportava nove graus: júnio, teórico, prático, filósofo menor, filósofo maior, adepto exemplar, magista, mago, mago dos magos.

Mais tarde, foi-lhe acrescentado o grau de vigário de Salomão e do rei Salomão. O que elevava a pirâmide dos graus a onze níveis, sendo o décimo segundo constituído pelo *pyramidon*, o *Elias Artista*, de que voltaremos mais adiante a falar.

Ao contrário dos primitivos rosa-cruz, os rosa-cruz de ouro reuniam-se, em data fixa, num *templus* secreto e a isso consagrado. Cada círculo possuía uma mesa análoga à comissão de uma loja maçónica (ou tesoureiro). Cinco círculos constituíam uma *cadeia*, que obedecia a uma direcção superior composta por três adeptos, dos quais apenas um era conhecido pelos graus inferiores. Finalmente, cada direcção suprema obedecia, *perinde ac cadaver*,

a um ou a vários superiores desconhecidos, cuja identidade ninguém conhecia. Correspondiam-se através de bilhetes, que queimavam logo após a sua leitura.

Os rosa-cruz de ouro eram pouco numerosos, mas possuíam uma certa influência no mundo profano. Alguns dentre eles eram potentados, ministros, favoritos de príncipes... ainda que outros não passassem, reconheçamo-lo, de hábeis charlatões que, pela sua facúndia, não deixavam, por isso, de se impor durante mais ou menos tempo.

O rosa-cruz de ouro devia prestar culto, pela fé e pela prática, a Elias Artista.⁰⁵¹

Mas quem era este misterioso personagem? Seria o chefe real da ordem, o indispensável intermediário entre iniciados terrestres e as potências do Além? O *imperator* seria o seu vigário na terra no mesmo sentido em que o papa é o vigário de Jesus Cristo?

Mas será que Elias Artista vivia realmente num corpo material? Não seria antes um ser espiritual? Ou não passaria, afinal de contas, de um símbolo prenhe de esperanças potenciais?

Sem pretendermos resolver este complexo problema, vamos, pelo menos, procurar esclarecê-lo um pouco mais. Começemos, para isso, por nos reportar a Stanislas de Guaita:⁰⁵²

«Ele (Elias Artista) não é a luz. Mas, tal como S. João Baptista, a sua missão consiste em prestar homenagem à luz de glória que virá a brilhar, dimanando de um novo céu, sobre uma outra terra, uma terra rejuvenescida. Que se manifeste por avisos concretos e que purifique a pirâmide das santas tradições, desfigurada por todas essas camadas heteróclitas de detritos e calíça que vinte séculos acabaram por acumular sobre si!

«E que, finalmente, por seu intermédio, sejam desbravados os caminhos para o advento do Cristo glorioso, em cuja auréola superior virá a desvanecer-se, tendo completado a sua obra, o precursor dos tempos futuros, a expressão humana do Santo Paracleto, o arauto da ciência e da liberdade, da sabedoria e da justiça integrais: Elias Artista.»

Guaita também já escrevera:

«Elias Artista é infalível, imortal, inacessível tanto às imperfeições como às baixezas e aos ridículos dos homens de carne e osso através dos quais se manifesta. Espírito de luz e de progresso, ele incarna nos seres de boa

vontade que o evocam.»

Alguns séculos antes, no seu *De mineralibus*, Paracelso profetizara:

«Helias Artista! Génio orientador dos rosa-cruz, personificação simbólica da ordem! Embaixador do Santo Paraclete! Paracelso-o-Grande predisse a sua vinda, respondendo ao apelo colectivo das generosas reivindicações, qual espírito da liberdade, da ciência e do amor que deve reinar sobre o mundo.»

E, na sua *Prognosticação*, Paracelso afirmava igualmente:

«Triste época a nossa em que tudo é feito de qualquer maneira, na mais total desordem... Mas tu, sempre de acordo contigo mesmo, tornas todos os teus negócios estáveis; porque tu construístes na boa pedra. Tal como a montanha de Sião, nada poderá abalar-te. Todas as boas coisas te sucederão como que à exacta medida dos teus desejos, de tal modo que, confundidos, os homens ficarão mudos de espanto e de admiração, crendo num milagre... Quem é que, pois, deve vir deste modo? Ele, o espírito irradiante do ensino dos rosa-cruz: Elias Artista!»

O que nos leva a fazer esta observação accidental: Paracelso morreu em 1540; a Rosa-Cruz só veio a manifestar-se, na Alemanha, por volta de 1610. Assim, ou bem que (como é frequentemente afirmado) a *Prognosticação* é uma obra apócrifa, ou bem que a Rosa-Cruz já existia, na maior clandestinidade, antes da impressão da *Fama*.

Sob a suposta assinatura de Helias Artista, surgiu em Hamburgo, por volta de 1701, um *Mutus Liber*, obra de grande interesse porque sugere, através de figuras simbólicas, a tradição rosa-cruciana, sem que, por outro lado, contribua para esclarecer o mistério de Elias Artista.

Mas houve uma outra obra que foi, de certa maneira, o *vademecum* dos adeptos da Rosa-Cruz de Ouro, e que foi a *Aurea Catena Homeri*,⁰⁵³ que surgiu, simultaneamente, em Berlim e em Leipzig, em 1781.

O seu presumível autor é Herwerd von Forchenbrunn, cujo *nomen mysticum* era *Homerus*. No seu manual bibliográfico, A. L. Caillet escreve: «Esta obra notável foi provavelmente escrita por um rosa-cruz de Utrecht e o seu manuscrito encontra-se na biblioteca de Viena.»

Poucos livros tiveram, indirectamente, uma tão grande repercussão na história das ideias e das letras como este *Aurea Catena*. Com efeito, em

Poesia e Verdade, Goethe confessa-nos:

«Miir wollte besonders die Aurea Catena Homeri gefallen, wodurch die Natur, wenn auch vielleicht auf phantastische Weise, in einer schönen Verknüpfung dar gestellt wird» (II, 16).

(A *Aurea Catena Homeri* agrada-me particularmente porque, se é certo que a natureza aí nos é descrita, por vezes, de uma forma fantástica, a verdade é que ela é apresentada de uma forma perfeitamente harmónica [ou sincrónica.])

Esta homenagem à *Aurea Catena* virá a ser renovada por Goethe, tanto em diversas passagens da sua autobiografia íntima como na sua própria correspondência e, inclusive, na sua teoria das cores. Que Goethe tenha sido franco-maçon é um facto comprovado. Que tenha pertencido à Rosa-Cruz de Ouro é que já não é tão certo, mas que foi profundamente influenciado pelo influxo da sua doutrina, cujas ideias marcaram claramente a sua obra, é um facto igualmente indubitável, tal como o veio a provar Christian Lepinte na sua tese *Goethe e o Ocultismo*.⁰⁵⁴

WOLFGANG GOETHE E ZACHARIAS WERNER

Em 1768, Johann Wolfgang tem 19 anos. Há já três anos que estuda direito na Universidade de Leipzig quando, vítima de uma hemorragia, se vê às portas da morte. Doença psicossomática seria o diagnóstico actual, já que mais tarde, ao evocar esta crise mórbida, Goethe confessará: «Eu era um náufrago, vogando à deriva, mais doente da alma do que do corpo.»

A 28 de Agosto, quase moribundo, levam-no de volta ao lar materno, em Francfort-sur-le-Main. Os seus pais confiam-no ao Dr. John-Friederich Metz, o qual -- contrariamente a todas as expectativas -- não só consegue curá-lo, e em muito pouco tempo, como ainda restituir a este adolescente frágil uma saúde que lhe permitirá viver até aos 85 anos.

«O Dr. Metz, escreve Christian Lepinte, é um personagem enigmático, talvez mesmo preocupante em certos aspectos, mas não deixa de ser um homem activo, caritativo, cheio de compreensão e consolo para com os seus doentes. *É um verdadeiro médico na tradição dos rosa-cruz*, para quem a cura do corpo deve acarretar a conversão da alma. Possui o segredo de misteriosos remédios que ele próprio prepara. Quando o jovem Goethe sofre de uma pequena afecção de garganta, aplica-lhe um "sal" que só devia ser empregue para casos extremos.

«Mas o Dr. Metz, pressentindo a disponibilidade predestinante, recomenda-lhe -- e comenta-lhe -- algumas obras rosa-crucianas. Fá-lo descobrir o mundo maravilhoso de Jacob Böhme, de Paracelso, de Van Helmont e de alguns contemporâneos, como Gottfried Arnold e Johan-Heinrich Jung-Stilling.»

Quando de tal o julga digno, Metz, o rosa-cruz, introduz o seu novo discípulo no cenáculo de Susanna von Klettenberg. E eis agora o futuro autor de *Fausto* frequentando um círculo rosa-cruciano, provavelmente da Rosa de Ouro, ou, para sermos mais precisos, da *Cruz de Ouro e da Rosa Vermelha* (ACRR). «Susanna confirmava, pela sua elevação de espírito e pela sua serenidade de alma, tudo aquilo que o estranho ar do Dr. Metz talvez só parcialmente pudesse sugerir.»⁰⁵⁵

Ela era depositária de uma tradição esotérica que remontava a Jacob Böhme, e na qual os ensinamentos cristãos se uniam aos mistérios da Arte real.⁰⁵⁶

Neste conventículo existiam duas obras esotéricas tidas em particular estima:

O *Opus mago-cabalisticum et théosophicum*, de George von Welling (1652-1727), cujo hierónimo era Angelus Gregorius.

Mas sobretudo o *Aurea Catena Homeri*, que acabámos de citar, e que desempenhou, repitamo-lo, um papel essencial na evolução do pensamento goethiano e, mais tarde, na formação do de Rudolf Steiner, digno continuador do verdadeiro Goethe esoterista e depositário da tradição da Rosa-Cruz.

Para o misterioso Homerus, a natureza é um organismo vivo que nasce e que morre, obedecendo a leis trinitárias.

O universo, o macrocosmo, é constituído por uma Matéria-Prima, um *Urelemento*, cujas diversas modalidades determinam os inúmeros aspectos do todo.

Este *Urelemento* é uma água primordial, sendo o termo água (Primordial Wasser) tomado aqui no seu sentido mais hermético, isto é, não como uma substância, mas sim como um estado particular da criação. Uma hipótese análoga é igualmente exposta em diversas passagens de Novalis.

É esta Matéria-Prima que dá origem aos quatro elementos fundamentais (água, fogo, terra, ar), os quais, ainda que perfeitamente diferenciados entre si, não deixam, por isso, de possuir uma certa «simpatia» uns pelos outros, no sentido etimológico do termo.

E, na sequência desta «simpatia», estabelece-se um ciclo evolutivo constante e, poder-se-ia dizer, espiralóide: a *água* dissolve a *terra*. O *ar* subtiliza a *água* e a *terra*. Finalmente, o *fogo* subtiliza o *ar*, a *água*, facto que constitui um retorno transitório ao *Urelemento*.

Além disso, e simultaneamente, o universo está animado de um ritmo bipolar, o qual se exprime pelo inspirar-expirar da respiração, e do qual vimos a encontrar uma «aplicação» no ciclo aquoso: evaporação-água das nuvens.⁰⁵⁷

Esta metamorfose universal anima os inúmeros ciclos das mutações orgânicas, tanto animais como vegetais, devendo igualmente poder constatar-se, se a brevidade da vida humana não limitasse as nossas faculdades de observação, o seu alargamento ao mundo mineral.

A Aurea Catena Homeri dá como exemplo:

«O animal transforma, pela digestão, os vegetais nutrientes em carne viva. Da decomposição do cadáver renasce o vegetal. Este absorve os elementos minerais da terra, e assim por diante, eternamente.»

E insiste no «neptunismo» biológico:

«O animal é formado por um esperma -- substância aquosa -- e todo o seu organismo depende de um equilíbrio dos humores aquosos. A água é o elemento capital de todos os corpos vivos.»

Como dirá mais tarde o Dr. René Quinton:

«O homem é um aquário interior.»

Sendo princípio de vida, a água é também, inelutavelmente, princípio de morte, sendo a morte uma simples etapa para o renascimento.

As metamorfoses são reversíveis; são os ciclos perpétuos. Todas estas coisas não passam das múltiplas diversidades existentes na unidade, de especificações da vida universal.

Se a Matéria é uma na sua essência, se a vida circula de «reino» em «reino», porque é que o alquimista não poderá estar de posse da verdade ao afirmar que não há diferença de essência entre os metais?⁰⁵⁸

Na base de um estudo aprofundado, de uma profunda mediação sobre o *Aurea Catena*, o rosa-cruciano Goethe deduziu, pelo menos, três ideias-mestras, três linhas de força, que podem encontrar-se ao longo de toda a sua obra, tanto literária como científica:

- a incessante metamorfose do todo em um e do um em todo,
- o ritmo polar que determina a metamorfose universal,
- a natureza, a vida universal, age através de uma evolução lenta, majestosa, rítmica.

Mas não foi só a *Aurea Catena* que maravilhou Goethe. Ficou também profundamente impressionado com os rosa-cruz, que o tinham rodeado das maiores solitudes e que o tinham «transmutado» de profano em iniciado.

Fundindo numa grandiosa síntese as duas individualidades de Susanna von Klettenberg e do Dr. Metz, virá a criar a personalidade de Makária, o Sábio, o rosa-cruz, do *Wilhelm Meister*. Tanto nos *Anos de aprendizagem* como nas *Viagens*, podem encontrar-se traços da sua própria evolução. Começa por ser Wilhelm Meister; acaba por tornar-se em Makária.

Makária é a mais estranha e uma das mais atraentes criações do génio goethiano. O seu sexo é indeterminado, ou, mais exactamente, «ela-ele» transcende a sexualidade. O seu dom de dupla visão estende-se a todo o cosmo, e «ela-ele» possui já um antegosto da luz seráfica. Makária está desligada do corporal, do físico, só havendo já um fino mas resistente «cordão umbilical» a prendê-la ao mundo das aparências: a fraternidade universal.

Ao mesmo tempo, «Makária exige acção» e comanda com autoridade e competência os seus «irmãos-irmãs» da Sociedade da Torre.

Um dos personagens, Leonardo, define-a do seguinte modo no seu *Diário*:

«Ela é a confidente, a directora espiritual de todas as almas aflitas, de todos aqueles que se perderam, que desejariam voltar a encontrar-se e não sabem como nem aonde.»

Nas suas visões, Makária distingue um sol interior e um sol celeste; ela-ele é o microcosmo do macrocosmo. Makária autodefine-se:

«O Céu estrelado por cima de mim; a lei moral dentro de mim.»

O rosa-cruz Makária é Goethe «tal como a eternidade em si mesmo acabou finalmente por vir a torná-lo».

E é a Christian Lepinte que vamos buscar uma conclusão sobre esta esquematização do rosa-cruz Goethe-Fausto:⁰⁵⁹

«A ideia de que uma sociedade de eleitos ou de iniciados perpetua uma mensagem sagrada (que é a própria essência de todas as doutrinas religiosas) domina todo o pensamento de Goethe... O poema dos *Geheimnisse*, nascido de preocupações espirituais em que a influência rosa-cruciana é bastante importante, obceca o espírito do poeta e irá ficar inacabado... A ordem monástica, cujos mistérios nos são apresentados nos diversos fragmentos do poema, participa simultaneamente da ordem dos Templários, da Rosa-Cruz,

da franco-maçonaria e da confraria do Santo-Graal.

«Depositária da tradição universal, esta ordem ideal seria a síntese das diferentes formas de espiritualidade: cristã, maçónica, rosa-cruciana, spinozista (logo, cabalista); a influência de Martines de Pasqually é aí perfeitamente evidente. No esoterismo, o mistério é uma forma superior de ascese...

«Zacharias Werner virá a ganhar a estima de Goethe, porque ele procura conciliar o cristianismo e os mistérios maçónicos numa forma superior de religião universal. Neste sentido, *Os Filhos do Vale* influenciaram o pensamento goethiano.»

Zacharias Werner (1768-1823) é o protótipo do romântico alemão.⁰⁶⁰ Em primeiro lugar pela sua vida tumultuosa; depois, e sobretudo, pela inspiração das suas obras. Após uma juventude algo agitada, torna-se secretário de Schrötter (de quem se disse ser rosa-cruz), ministro do rei da Prússia, Frederico Guilherme II.

Faz-se iniciar na franco-maçonaria, frequenta os círculos pietistas e ocultistas, e tudo isto enquanto vai multiplicando o número das suas amantes... Erra de cidade em cidade sem conseguir fixar-se em nenhuma. Podemos encontrá-lo, nomeadamente, em Weimar, em companhia de Goethe, e em Coppet, no círculo de Germaine de Staël.

Em 1810, no decurso de uma estada em Roma, converte-se ao catolicismo. Entra para o seminário e é ordenado sacerdote, dando, então, mostras de um misticismo exacerbado. Deixa de escrever e consagra-se à sua missão pastoral.

A sua obra literária é abundante. Começou com um drama, *Die Söhne des Tals* (Os Filhos do Vale) (1805), que pertence a um género especificamente germânico: a peça de teatro destinada, não a ser representada, mas sim lida; sendo o seu protótipo os dois *Fausto*. Citemos também *Das Kreuz an der Ostsee* (A Cruz em Direcção ao Báltico), que evoca o «*Drang nach Osten*»⁰⁶¹ dos cavaleiros teutónicos, a conversão pelo ferro e pelo fogo dos Borussos e de outros povos bálticos pagãos.

Estas duas obras estão profundamente imbuídas do rosa-crucianismo concomitante do romantismo. *Os Filhos do Vale*, a obra werneriana que encantou Goethe, revela um ensinamento secreto bebido nas raízes do eterno germanismo.

Segundo este drama, a ordem do Templo teria sido (até à sua destruição em 1309) o «braço secular» de uma ordem secreta, a dos rosa-cruz, aqueles a

quem Werner chama «Os Filhos do Vale». Tendo prevaricado, os templários foram abandonados à sua trágica sorte pelos seus chefes espirituais. Este agruparam à sua volta alguns raros templários ainda dignos da sua confiança, e incorporaram-nos nas corporações de construtores de catedrais. Estas estariam, segundo Werner, na origem da franco-maçonaria. Esta seria uma síntese do esoterismo da ordem do Templo e da tradição hermética dos Construtores (*Steinmetzen*). Ela obedeceria, não a uma hierarquia conhecida dos irmãos, mas sim a superiores desconhecidos, isto é, a um colégio de autênticos rosa-cruz.

Zacharias Werner evoca, no seu drama, duas cerimónias iniciáticas. O seu texto liberta uma certa impressão de autenticidade, mas não é possível separar aquilo que cabe ao talento, à imaginação de Zacharias, daquilo que cabe aos seus conhecimentos ocultos. Limitar-nos-emos a dar aqui um seu curto extracto; a tradução francesa é de Louis Guinet.

«Se quiseses sondar as profundezas do mundo / É em ti e só em ti que poderás fazê-lo / Mas, para veres, terás de tornar-te cego.»⁰⁶²

Mas recordemos um pouco de história: o Santo Império romano-germânico compunha-se de uma multitude de mais de duzentos Estados, alguns dos quais se reduziam a pequenos burgos.

Entre os príncipes, potentados e monarcas do Santo Império, eram inúmeros aqueles (sobretudo entre os luteranos) que se sentiam literalmente fascinados pelas ciências ocultas. À margem dos estudos oficiais, pululavam os magos, os videntes, os astrólogos e, sobretudo, os alquimistas. Os príncipes, sempre de cofres vazios, contavam com o ouro filosofal para pagarem as suas dívidas... Esperanças sempre renovadas, esperanças continuamente goradas, que levavam, por vezes, os «extractores da quintessência» à prisão por vigarice, quando não mesmo à fogueira por feitiçaria.

Esta tradição esotérica era, desde há alguns séculos, particularmente vivaz na casa de Hesse que, no século XVIII, estava dividida em diversos ramos: Hesse-Darmstadt, Hesse-Nassau, Hesse-Cassel, etc., os quais remontavam, todos eles, a Renier au Long Cou, conde de Haspingau e do Hainaut (por volta de 910), da casa de Brabant, descendendo as duas linhas principais (Cassel e Darmstadt) dos dois filhos de Luís, o *Magnânimo* (1504-1567).

Abramos aqui um parênteses para lembrar que a quarta filha de um grão-duque de Hesse, Ernst-Ludwig, foi Alix-Victoria-Helena, a qual,

nascida em Darmstadt a 6 de Junho de 1871, e tendo-se convertido à fé ortodoxa com o nome próprio de Alexandra, veio a casar, em 26 de Novembro de 1894, com Nicolau II, último czar da Rússia. A sua triste sorte é bem conhecida, sorte essa que foi, em grande parte, causada pelos encantamentos do feiticeiro siberiano Rasputine.

Mas regressemos ao século XVIII. O chefe patronímico e militar desta linhagem foi um dos membros mais influentes da Rosa-Cruz de Ouro, a qual chamara a si um grande número dos príncipes reinantes:

O landegrave cristão Luis de Hesse-Darmstadt (1753-1830) e o seu primo Georg (1754-1823), assim como um seu parente, Charles-Constantin de Hesse-Rothenburg (1752-1821), que foi general ao serviço da França, sob a Revolução, e que a si mesmo se chamava o «general-cidadão-filósofo».

Mas sobretudo o príncipe Charles de Hesse-Cassel (1744-1836), governador dos ducados de Slesvig-Holstein por delegação do seu cunhado, o rei Cristiano VII da Dinamarca, e, mais tarde, genro do rei Frederico VI, rei da Dinamarca e da Noruega, grão-mestre da ordem da Estrita Observância, tendo por hierónimo *Carolus, Eques a Leone resurgente*.⁰⁶³

Charles de Hesse manteve relações pessoais ou epistolares com todos os esoteristas do seu tempo. A Rosa-Cruz de Ouro gravitava à sua volta.

No seu laboratório-oratório do castelo de Götterp, entregou-se a experiências mediúnicas e alquímicas. Descoberta e comentada pelo martinista batávio G. van Rijnberk, a correspondência do príncipe Charles é uma autêntica mina de documentos sobre as actividades ocultas daquilo a que se chama a Escola do Norte.⁰⁶⁴ Por aí fica a saber-se, em particular, que os rosa-cruz de ouro acreditavam na reencarnação, a que chamavam «a rotação das almas».

O príncipe admite, escreve Van Rijnberk, que, depois da morte, a alma tem três possibilidades:

- Pode, sem corpo material, conhecer um longo período de retrospectão; trata-se daquilo a que a Igreja católica chama o purgatório.
- Uma segunda hipótese é a de a alma reincarnar prontamente num novo corpo humano.
- Finalmente, pode ainda suceder que a alma entre «numa matéria análoga às suas tendências», isto é, que suceda uma metempsicose mineral, vegetal ou animal.

O príncipe Charles era um homem bastante bondoso (mais ainda, ingênuo) e foi muitas vezes vítima de excêntricos, de charlatões, de visionários.

E de entre estes transviados citemos, a título de exemplo, Bernard Müller. O seu estado civil é incerto. Em 1816, quando jovem, vivia em Salzbουργ. Seguidamente, vimos a encontrá-lo em Offenbach.

Era um espírito exaltado, que foi bastante influenciado por um espírito ainda mais exaltado, Poeschel (1769-1837), padre católico que terminou os seus dias num asilo de alienados.

Bernard Müller anunciava nos círculos místicos, e principalmente nos dos rosa-cruz de ouro, que o retorno do Cristo estava iminente e que tal facto inauguraria uma nova idade do ouro. Autodenominava-se de João Baptista II, duque de Proli, profeta de Jerusalém.

Foi protegido, por algum tempo, pelo príncipe Chrétien de Hesse-Darmstadt; mas o monarca em breve se cansou das extravagâncias do novo precursor. Este percorreu, então, toda a Alemanha meridional. Em 1820, fixou-se em Mogúncia, onde conseguiu agrupar à sua volta alguns ingênuos e entusiastas. Acusaram-nos da prática das mais diversas torpezas. Perseguido pela polícia de Estado, Bernard Müller deixou precipitadamente a Europa, em 1831, e, acompanhado por um «pequeno rebanho de ovelhas fiéis», dirigiu-se à América do Norte. Aí fundaram uma colónia agrícola e mística que, após não poucas vicissitudes, conseguiu vegetar até 1871. Depois, acabou por dispersar-se e os últimos «mulleristas» fundiram-se entre os *quakers*. *Hans-Georg Schrepfer* (1739-1774) foi igualmente um estranho rosa-cruz de ouro.⁰⁶⁵

Nascido em 1730 de uma humilde família, Schrepfer iniciou uma espantosa carreira de médium como doméstico (irmão criado) de uma loja maçónica de Leipzig, ligada à Rosa-Cruz de Ouro. Quer fosse por dispor realmente de um dom natural de vidência, quer fosse por a sua facúndia ter causado boa impressão, quer fosse ainda por ser apenas um hábil ilusionista, a verdade é que atingiu muito rapidamente os mais altos graus da hierarquia da Rosa-Cruz e da franco-maçonaria ocultista. Apesar das suas humildes origens, manteve correspondência com alguns altos personagens apaixonados pela arte real, tal como o príncipe Charles de Hesse e o duque de Courlande.

Para viver, possuía uma estalagem que em breve se tornou em teatro de aparições de fantasmas. Segundo Frédéric Bulau, Schrepfer procedia a essas evocações de fantasmas na base de uma espantosa encenação, e Bulau, que

impiedosamente o desmitifica, precisa: «Ele nunca deixava assistir a estas sessões pessoas nas quais tivesse reconhecido um carácter frio e judicioso, resolução e presença de espírito.»

Schrepfer começava por dar a beber umas poções inebriantes àqueles que consentia em iniciar, sendo ao mesmo tempo feitas fortes fumigações por toda a sala, de tal modo que os assistentes acabavam por ficar num estado de sobreexcitação aguda. Exigia igualmente dos seus discípulos longos jejuns e uma absoluta continência.

Ao mesmo tempo, extorquia-lhes dinheiro. Seguido de perto pela Igreja luterana, vigiado pela polícia, escarnecido por alguns franco-mações, Schrepfer julgou poder restabelecer o seu crédito, tanto moral como pecuniário, anunciando que possuía um tesouro depositado no banco Bethmann, em Francoforte. Com base neste tesouro, cujos recibos exhibia, contraiu avultados empréstimos. Mas cometeu a imprudência de se dirigir a alguns ricos burgueses. Estes, menos crédulos do que os nobres, exigiram ver, mas aquilo a que se chama ver, o tal tesouro secreto. Após inúmeras tergiversações, Schrepfer resignou-se a isso. Um correio trouxe de Francoforte um rolo selado, o qual deveria ser aberto na presença dos credores.

Schrepfer esquivou-se a um primeiro encontro, fazendo correr o boato de que «fora enfeitiçado pelos jesuítas». Finalmente, a 7 de Outubro de 1774, o necromante, tendo «conjurado o feitiço de que fora alvo», convidou os seus credores para um sumptuoso jantar.

--Esta noite, disse, ao levantar-se da mesa, não nos deitaremos, porque amanhã de manhã, ao alvorecer, far-vos-ei ver qualquer coisa de extraordinário. Até agora tenho-vos mostrado mortos que, por meu intermédio, eram momentaneamente chamados à vida. Mas amanhã tereis o espectáculo de um vivo a quem ides julgar morto.

Estendeu-se num sofá e dormiu durante várias horas. Por volta das cinco horas da manhã, levantou-se e disse:

--Meus senhores, está na hora!

E todos se dirigiram para o *Rosental*.⁰⁶⁶ Uma vez lá, distribuiu os seus compatriotas pelos diversos lugares, dizendo-lhes:

--Não se mexam daqui até que eu os chame. Vou postar-me por detrás daquele tufo de árvores; depois, pouco terão de esperar até avistarem uma estranha aparição.

Afastou-se e, pouco tempo depois, ouviu-se um tiro: Hans Schrepfer,

encostando a pistola à cabeça, fizera saltar os miolos. Uma busca policial levada a cabo no seu domicílio revelou um laboratório de alquimia e alguns formulários mágicos. O total foi imediatamente disperso e vendido em hasta pública.

Num documento que foi posteriormente descoberto, o infortunado rosa-cruz de ouro afirmava que estava prestes a descobrir a pedra filosofal «no momento em que as indignas suspeitas daqueles que, de seus amigos, se tinham volvido em seus inimigos o tinham impedido de levar até ao fim a execução da Grande Obra».

O seu «tesouro» continha um rolo de fórmulas alquímicas que foram de imediato destruídas sem que se tentasse sequer decifrá-las. Schrepfer manteve alguns fiéis seguidores que acusaram os cépticos de terem sido os causadores de todos os seus dissabores e do seu lamentável fim.

A tragicomédia de Schrepfer não nos deve fazer esquecer que houve outros rosa-cruz de ouro que desempenharam um papel bastante importante na evolução da Europa. Acção as mais das vezes subtil e que escapa frequentemente aos testemunhos impressos, logo, que se pressente mais do que se afirma.

Há, contudo, um incidente, de incalculáveis consequências, que tem sido objecto de demasiados comentários para poder ser totalmente imaginário. Eis aquilo que pode ler-se na *Vida de Cazotte*, de Gérard de Nerval:

«... Ninguém ignora a importância que adquiriram os Iluminados (os rosa-cruz) nos movimentos revolucionários. As suas seitas, organizadas sob a lei do segredo e mantendo estreitos contactos entre si, em França, na Alemanha e na Itália, influíam particularmente sobre alguns grandes personagens mais ou menos conhecedores dos seus reais objectivos.

«José II e Frederico-Guilherme II agiram muitas vezes sob a sua inspiração. Sabe-se que este último, tendo-se colocado à cabeça da coligação dos soberanos, penetrara em França e estava já a pouco mais de trinta léguas de Paris, quando os rosa-cruz, numa das suas sessões secretas, evocaram o espírito do Grande Frederico, seu tio, que o proibiu de ir mais além. Foi, segundo se diz, na sequência desta aparição (que veio depois a ser explicada de diversas maneiras) que este monarca retirou subitamente do território francês e veio mais tarde a concluir um tratado de paz com a República...»

Os analistas da época fornecem-nos alguns detalhes concordantes: os exércitos aliados tinham invadido a França, tendo Verdun acabado de capitular, a 2 de Setembro de 1792, após ter sido cercada a 29 de Agosto

pelos Prussianos do rei Frederico-Guilherme. Na sua maioria, os notáveis verdunenses eram realistas. Para festejarem o triunfo dos inimigos da sua pátria, deram um grande baile a 4 de Setembro. Frederico-Guilherme, os seus ministros e todo o seu estado-maior estavam presentes; foram alvo de todo o tipo de lisonjas e de adulações, até que um misterioso personagem se aproximou do soberano, dizendo-lhe algumas palavras em voz baixa. Surpreendido, perturbado, Frederico-Guilherme seguiu sozinho o desconhecido, que o conduziu até uma câmara subterrânea francamente iluminada.

O fantasma de seu tio, o Grande Frederico, apareceu-lhe e ordenou-lhe que não levasse mais além a invasão da França, mais ainda, que batesse em retirada. Aterrado, Frederico-Guilherme obedeceu ao espectro.

Nas suas *Memórias*,⁰⁶⁷ Beaumarchais refere esta cena, mas, sendo um espírito forte, vê nela uma fraude muito bem montada e encenada. O espectro de Frederico II não teria sido outro senão o actor Fleury (1750-1822), da Comédie-Française, que, alguns anos antes, desempenhara numa peça o papel do Grande Frederico, tendo conhecido então um dos maiores sucessos de toda a sua carreira.

Nas suas *Recordações*, Fleury nada diz acerca do caso de Verdun, mas não esconde que na data indicada andava em viagem pelo Leste da França. Mas estas *Recordações* surgiram no reinado de Luís XVIII, numa época em que a prudência obrigava a que não se falasse demasiado no passado revolucionário.

Teríamos, assim, uma explicação para a retirada prussiana após Valmy, essa batalha (20 de Setembro de 1792) a que, por vezes, se tem chamado a mais estranha vitória da História.

Frederico-Guilherme estava inteiramente sob o domínio dos seus ministros, os quais eram todos ou franco-mações, ou rosas-cruzes, ou iluminados.

E sobretudo de Jean-Christophe Wölner (1732-1800). Pastor protestante em Berlim (1759), abandonou o sacerdócio para se consagrar à administração dos seus bens e à expansão da agricultura. Em 1786, tornou-se (sem dúvida graças às lojas) no favorito de Frederico-Guilherme, que o nomeou ministro de Estado para os Assuntos Culturais, passando deste modo a ter sobre o seu rei um considerável ascendente.

«Wölner, escreve Van Rijnberk, foi um fervoroso adepto da Rosa-Cruz de

Ouro e foi aquilo a que hoje em dia se chamaria um crente espiritualista, absolutamente convencido da realidade dos factos metapsíquicos.»

Dentre os outros rosa-cruz que desempenharam funções políticas na corte da Prússia, cite-se Hans-Heinrich von Ecker und Eckhofen e o conde de Bischoffswerder, precisamente aquele que presidia ao círculo rosa-cruciano que teria iniciado Frederico-Guilherme.

OS REAL-CRUZ DE MARTINES DE PASQUALLY

Nos anais do Iluminismo dos fins do século XVIII, não existe personagem mais misterioso, e cuja influência tenha sido mais profunda e durável, do que Martines de Pasqually.

De um estudo (que julgamos inédito) apresentado na loja pelo mui ilustre irmão Constant Chevillon,⁰⁶⁸ extraímos uma biografia de Martines.

Constant Chevillon tinha acesso a certos arquivos secretos de Lyon, e a sua honestidade intelectual estava fora de questão. O mesmo é dizer que podemos fazer nossas as suas prudentes conclusões. Recorde-se que Chevillon era patriarca da igreja gnóstica e grão-mestre do rito de Memphis-Misraïm:⁰⁶⁹

«Joachim Martines de Pasqually foi um homem essencialmente misterioso, tal como a maioria, aliás, dos verdadeiros iluminados e iniciados. É em vão que os historiadores têm sondado os arquivos; pois nada encontraram de preciso sobre as suas origens, nem sobre o seu fim, tendo vindo a acumular a respeito deste problema toda uma multitude de conjecturas de que não há nenhuma que possa considerar-se, propriamente falando, como definitiva.

«Não é possível estabelecer com clareza qual o local do seu nascimento, e, se é certo que se conhece o da sua morte, já a localização do seu túmulo permaneceu desconhecida.

«Segundo uns, era originário do Oriente; segundo outros, era um judeu português. Mas a verdade parece ser diferente. O diploma maçónico entregue a seu pai a 20 de Maio de 1738 pelo G. M. da loja dos Stuarts regista o nascimento deste na cidade de Alicante, em 1671. Martines de Pasqually seria, portanto, de nacionalidade, senão mesmo de raça espanhola.

«Tendo o seu pai vindo a instalar-se em França, ele nasceu provavelmente por volta de 1710, quer fosse mesmo em Grenoble, quer fosse numa localidade próxima desta cidade. Por outro lado, não pertencia à religião judaica, pois em 1769, tendo processado judicialmente um certo de Guers, provou perante os juizes a sua catolicidade; de resto, veio a casar em Bordéus, na igreja da sua paróquia, tendo posteriormente mandado baptizar os seus filhos.

«O pai de Martines, franco-mação filiado na maçonaria jacobina, iniciou o filho e, aquando da sua morte, cuja data exacta se ignora, transmitiu-lhe o

diploma que lhe fora entregue pelos Stuarts. É igualmente bastante provável que lhe tenha transmitido os seus conhecimentos da ciência cabalística. Assim, Martines de Pasqually, introduzido no seio das lojas, no quadro da Maçonaria Escocesa, acabou por implantar o seu rito pessoal, rito este concebido segundo as tradições da Cabala e da Gnose.

«... A partir de 1750, Martines percorre o Sudeste da França, fazendo-se admitir por todo o lado nas lojas maçónicas. Consegue chamar a si inúmeros prosélitos entre os maçons iluminados. Continua a estar envolto em mistério. Quando chega a uma cidade, nunca se sabe donde vem. Quando parte, ignora-se para onde vai. Encontram-se indícios da sua passagem por Avignon, Marseille, Montpellier, Narbone, Foix, Toulouse. Finalmente, estabelece-se em Bordeaux, em 1762, onde vem a casar.

«Entra, de imediato, para a loja *La Française* e, em menos de um ano, vem a transformá-la e a reconstituí-la no âmbito do seu rito próprio sob o nome de *A Perfeição Eleita e Escocesa*.

«Sob esta nova forma, a loja é reconhecida pela Grande Loja de França na data de 1 de Fevereiro de 1765. O *Rito dos Eleitos Cohens* está doravante lançado e irá conhecer uma era de brilhante prosperidade.

«Nesse ano de 1765, Martines chega a Paris e entra em contacto com os maçons mais importantes da capital: Bacon de la Chevalerie, Lusignan, Loos, Grainville, etc., e ainda Willermoz. Consegue levá-los a aderir às suas ideias e inicia-os no *Rito Cohen*.

«Em 1767, institui em Paris o soberano tribunal, órgão dirigente da ordem, e nomeia Bacon de la Chevalerie como seu substituto. Em 1770, o rito já possuía templos em Bordeaux, Montpellier, Avignon, Foix, Libourne, La Rochelel, Versailles, Metz e Paris. Quanto a Jean-Baptiste Willermoz, entusiasmado por Martines, fazia propaganda em Lyon, tendo vindo a criar uma loja que, com a continuação, veio a tornar-se no centro Cohen mais activo de toda a França.

«Em 1772, Martines embarcou para S. Domingos, onde deveria ir receber uma herança. Aí fundou diversos templos, tendo continuado a enviar para França as suas instruções, os seus rituais e os principais capítulos do seu livro *Da Reintegração dos Seres*, que iniciara em Bordeaux mas que nunca chegou a acabar.

«Martines morreu em Port-au-Prince, a 20 de Setembro de 1774. Deixava em França a sua mulher e os seus filhos na mais completa miséria; estes, de resto, vieram a desaparecer durante o período revolucionário e nunca mais se voltou a ouvir falar deles.

«Ao morrer, Martines designara como sucessor Caignet de Lestère, oficial-geral da Fazenda em Port-au-Prince. Caignet manteve-se inactivo e veio a morrer em 1778, transmitindo os seus poderes para Sébastien de Las Cases. O novo grão-mestre não fez mais do que o seu predecessor com vista ao desenvolvimento da ordem e os templos foram sendo encerrados uns após

outros. A ordem, contudo, continuava ainda a ser representada, em 1806, no Grande Colégio dos Ritos do Grande Oriente de França.»

A ordem dos Eleitos Coëns do Universo,⁰⁷⁰ como também era chamada (o martinesismo), estava estruturada de acordo com uma hierarquia vizinha, nos seus graus inferiores, da franco-maçonaria escocesa.

Em primeiro lugar, três *graus azuis*: aprendiz, companheiro, mestre.

Depois, vinham os graus do *Porche*: aprendiz eleito *cohen*, companheiro eleito *cohen*, mestre eleito *cohen*.

Em seguida, os graus do *Templo*: grande arquitecto, grande eleito de Zorobabel.

E, finalmente, no topo desta pirâmide, o grau superior de *real-cruz*. Termo que evoca a Rosa-Cruz sem a nomear expressamente.

Este «pontificado» de real-cruz só era atingido por alguns raros adeptos. Era conferido, não por humanos, mas sim por *anjos*, ou, para nos servimos da terminologia de Martines, por «menores espirituais».

Mas expliquemo-nos. Graus azuis e graus do Porche eram conferidos no decurso de cerimónias colectivas de iniciação, semelhantes às do Escocismo. Mas os graus do Templo eram «confirmados» no decurso de conjurações executadas pelo mestre eleito cohen, sem testemunhas (visíveis) e de acordo com um ritual que só era praticado nos equinócios, nos solstícios e nas novas luas.

Numa sala silenciosa, obscura, isolada, previamente consagrada através de um rito mágico, o oficiante entrava a uma hora fixada pelo grão-mestre, usualmente à meia-noite.

Os eleitos *cohens*, revela-nos R. le Forestier, vestiam um fato especial: jaqueta, calções e meias negras, por cima dos quais punham um manto branco orlado com uma barra de um tecido cor-de-fogo com cerca de um pé de altura; as mangas, talhadas em forma de alva, eram bordadas com os mesmos motivos, mas apenas numa altura de meio-pé; a gola possuía um adorno semelhante com três dedos de largo.⁰⁷¹

Sobre o manto punham um cordão azul, uma fita negra que ia do ombro direito ao ombro esquerdo, uma faixa verde a cruzar o peito e, finalmente, uma faixa vermelha que formava um cinto acima do ventre. Não levavam consigo qualquer objecto metálico, nem sequer mesmo um alfinete, e iam com os sapatos desatados. Nos dias que precediam a *Operação*, o eleito

cohen não consumira qualquer tipo de carne; além disso, observara uma rigorosa continência. E, durante as doze horas que precediam a evocação, abstinha-se de ingerir qualquer alimento ou bebida (à parte água pura).

No solo, servindo-se de um pedaço de giz, traçava símbolos misteriosos e colocava estrelas (velas acesas), segundo o ritual que lhe fora comunicado. Durante horas, recitava orações, salmodiava evocações e entregava-se a uma espécie de ioga. Só parava aos primeiros clarões da alvorada.

Na maior parte das vezes, nada acontecia. O pedido de recepção sacerdotal de real-cruz não fora tomado em consideração pelo «menor espiritual» que, invisível, assistira à operação. A única solução era recomeçar numa outra data.

Se as orações tivessem sido atendidas, produzia-se a «passagem». O novo real-cruz tinha todo o corpo em pele de galinha e ouvia sons estranhos e confusos. Mal apagava as velas, começava a entrever faíscas e clarões multicolores. No dia seguinte, sentia, a par de uma extrema languidez, uma enorme exaltação.

Enviava ao grão-mestre um relatório do sucedido e este confirmava-lhe que o menor espiritual o admitira realmente à suprema dignidade de real-cruz. Passava, então, a estar-lhe garantida a visão beatífica *post mortem*. Neste mundo, dispunha agora de poderes supranormais, como os da vidência e da cura de doenças.

Os discípulos de Martines de Pasqually eram recrutados no seio da aristocracia, não só francesa, com também europeia. Eram numerosos e influentes na região de Lyon. Alguns deles vieram a ser executados pelos carrascos de Fouché e de Collot d'Herbois, em Outubro de 1793.

ROSA-CRUZ E FRANCO- MAÇONARIA ESCOCESA

Desde a Alta Idade Média, e talvez até mesmo desde o Baixo Império, que a maioria dos grupos profissionais se agruparam em associações profissionais: guildas, confrarias, corporações. Uma profunda solidariedade unia entre si os seus membros. Elas constituíam simultaneamente sociedades de socorro mútuo, associações piedosas e escolas profissionais que asseguravam o respeito pelo trabalho bem feito e a salvaguarda dos segredos e dos truques de ofício dos bons operários.

Estas veneráveis instituições perpetuaram-se até aos nossos dias sob a forma de associações de operários.

Uma destas corporações, desviando-se das suas primitivas funções, veio a ter um singular destino: a dos pedreiros-livres ou maçons.

Na Idade Média, distinguíam-se os operários construtores, sem qualificações especiais, ditos em Inglaterra *rough masons*, dos construtores qualificados ou *free masons*, englobando este termo não só os operários como também os canteiros e os arquitectos, ou mestres-de-obra.

Agrupados em *lojas*, os franco-mações dividiam-se em *aprendizes* e *companheiros* (ou oficiais de ofício). Cada loja era presidida por um *mestre*, escolhido entre os antigos companheiros. As recepções e as sessões obedeciam a determinados rituais, em que os utensílios de trabalho adquiriam valor de símbolos.

Os franco-mações, protegidos pelos papas e pelos monarcas, eram ricos e poderosos. Sempre em viagem, pois eram eles quem edificava as catedrais em todo o mundo, eram independentes e, a fim de eliminarem os indesejáveis, reconheciam-se entre si por meio de «sinais, de palavras e de toques particulares». Ao longo dos séculos, foram admitindo no seu seio capelães, grandes senhores e ricos burgueses. Insensivelmente, as lojas tornaram-se em locais tranquilos, «fechados e cobertos», onde se podiam abordar certos temas, longe das orelhas dos esbirros e dos inquisidores. Entre os temas «interditos» mais frequentemente abordados, contavam-se sempre as altas ciências: alquimia, astrologia, numerologia, simbolismo. Os franco-mações de profissão eram os *operativos*; aqueles que tinham vindo de fora, os

especulativos.⁰⁷² Mas chegou uma altura em que os especulativos passaram a ser, senão os mais numerosos, pelo menos os únicos que tinham influência nas lojas; lojas essas que, por volta de 1717, em Inglaterra, vieram a federar-se.

Os rosa-cruz foram, particularmente, dos mais bem organizados em Inglaterra a partir do século XVII. Momentaneamente protegidos ou tolerados pelo poder, vieram a ser seguidamente alvo de sérias desconfianças por parte de diversas Igrejas. Para poderem operar em paz, para recrutarem discípulos, insinuaram-se nas lojas e, achando, sem dúvida, demasiado ingénuo o simbolismo dos utensílios de trabalho (e pretendendo também marcar as lojas com um cunho indelével), instituíram um terceiro grau, o de *mestre* ou de *venerável mestre*. Quem quer que, dentre os companheiros, fosse admitido ao grau de mestre, recebia, por intermédio de uma glosa bíblica, um ensino esotérico de considerável alcance. Mas assimilá-lo-ia, integrar-se-ia nele? Caso assim fosse, o mestre passava, então, de certa maneira, a estar sob a tutela dos rosa-cruz, que lhe revelavam a sua filiação na Cruz e na Rosa e o conduziam, por etapas, pela via da arte real. Tinha, pois, franqueado a difícil porta estreita, de que nos fala a Escritura.

O ritual do grau de mestre era (e ainda é) o «psico-drama» de um personagem bíblico, mestre Hiram, que foi arquitecto do rei Salomão na construção do templo de Salomão. Esse mesmo Hiram, do qual está escrito (I, *Reis*, VII-13):

«O rei Salomão mandou que fossem buscar Hiram, de Tir. Filho de uma viúva, pertencia à tribo de Naphtali e o seu pai era um Tiriano que trabalhava o bronze. Era um homem cheio de sabedoria, de inteligência e de saber...»

O primeiro *Livro dos Reis* revela-nos que Salomão, satisfeito com o seu saber, concedeu a sua amizade a Hiram. Nada mais...

E foi com base nestes parcos dados que os rosa-cruz conceberam a lenda de Hiram, elemento essencial do grau de mestre. Eis essa lenda, cujas alusões esotéricas serão sem dúvida devidamente apreciadas:

«O sábio rei Salomão decidira pôr em prática o piedoso desígnio de erguer um templo ao Grande Arquitecto do Universo, templo esse em que só ele receberia o incenso dos homens.

«Hiram, sábio em todas as artes e especialmente na arquitectura e no

trabalho dos metais, foi enviado a Salomão pelo rei de Tir, a fim de se encarregar dessa nobre e grandiosa empresa e dirigir os operários, de quem foi nomeado chefe e superintendente.

«A fim de regulamentar trabalhos de tamanha envergadura, Hiram dividiu os inúmeros operários, que foram postos sob as suas ordens, em três classes.

«Os da primeira, sob o nome de *aprendizes*, estavam encarregados de abater as árvores dos bosques do monte Liban e de as cortarem em quadrados; bem como de irem buscar as pedras e os mármores às pedreiras e de os desbastar. Os da segunda classe, sob o nome de *companheiros*, ocupavam-se a terminar as peças preparadas pelos aprendizes e a dispô-las em seguida no seu lugar sob a direcção dos operários da terceira classe, a quem era dado o nome de *mestres*. Estes recebiam as ordens directamente de Hiram, num local secreto ao qual era dado o nome de A Câmara do Meio.

«Conta-se que os operários empregues na construção do templo eram em número de cento e oitenta e três mil e seiscentos (183 600). Será, pois, fácil avaliar da dificuldade que teria havido em os governar sem a ordem estabelecida por Hiram. Cada classe de operários possuía um sinal próprio e uma palavra de passe secreta, que o operário devia transmitir ao tesoureiro a fim de poder receber o seu salário: de modo que ninguém podia receber outro pagamento para além daquele que fora atribuído à sua classe.

«Os aprendizes atingiam a classe dos companheiros após um determinado lapso de tempo, quando se tinham mostrado merecedores de uma tal recompensa pelo zelo, pela inteligência e pela assiduidade demonstrados durante o trabalho. Os companheiros obtinham pelo mesmo meio a mercê de serem elevados ao grau de mestres.

«Hiram fora bem sucedido na condução dos trabalhos e dentro em breve o edificio estaria terminado. Mas o génio das trevas, que, devido a esta obra, via o seu reino ameaçado, levantou uma onda de paixões exacerbadas a fim de tentar arruinar uma tal empresa e levar a perturbação ao seio dos operários privando-os subitamente do seu guia.

«Instalou no espírito dos operários das classes inferiores o veneno da inveja e da cobiça; inspirou-lhes a repugnância pelo trabalho; fez nascer neles o desejo presunçoso de obter salários mais elevados sem se terem dado ao trabalho de os conquistar. E, muito em particular, insinuou este espírito de desordem entre os companheiros, que se olhavam como vítimas da injustiça só porque não tinham sido equiparados aos mestres.

«Contudo, o respeito que, pelas suas virtudes, Hiram continuava a inspirar contribuía ainda para conter os revoltosos, quando três dos companheiros elaboraram o horrendo projecto de extorquir aos mestres, a bem ou a mal, a palavra secreta de passe a fim de se introduzirem fraudulentamente na Câmara do Meio.

«Decidiram que iriam procurar intimidar Hiram com ameaças, a fim de lhe arrancarem pelo medo aquilo que tinham poucas esperanças de conseguir

obter dele se a tal não fosse forçado; mas, quer fossem bem sucedidos, quer fracassassem numa tal empresa, estavam resolvidos a matá-lo, a fim de se subtraírem à justa punição que uma tão temerária e criminosa audácia faria abater sobre as suas cabeças.

«Esperaram, assim, pelo momento em que, ao findar o dia, os operários, tendo completado a sua tarefa, deixariam a oficina para ir descansar, já que então o mestre, que era sempre o último a sair, se encontraria só e à sua disposição.

«O templo tinha três portas: uma a oriente, que comunicava com a Câmara do Meio e que era reservada aos mestres; uma outra ficava a sul e a terceira a ocidente; esta era a entrada comum de todos os operários e era também por aí que Hiram tinha o hábito de sair.

«Os conspiradores colocaram-se por detrás de cada uma dessas portas.

«Após alguns instantes de espera, Hiram saiu da Câmara do Meio a fim de visitar os trabalhos. Mas pôde entrever, emboscado, um dos conjurados, armado com uma pesada régua.

«O mestre pergunta-lhe, então, porque é que não foi com os outros operários e o que pretende dele.

«O companheiro responde: "Mestre, há já muito tempo que vós me mantendes nos níveis inferiores! Quero ser, finalmente, promovido; admitime, pois, ao grau dos mestres. -- Não posso, disse Hiram, com a sua habitual bondade, porque não posso, só por mim, conceder-te esse favor; é também necessária a concordância dos meus irmãos; quando tiveres completado o teu tempo e estiveres já suficientemente instruído, comprometo-me a propor-te ao conselho dos mestres. -- Já estou suficientemente instruído, responde o temerário, e não vos deixarei sem ter obtido de vós a palavra de passe dos mestres! -- Insensato! Não foi assim que eu a recebi, nem é assim que deve ser pedida! Trabalha, prossegue Hiram, e serás recompensado!"

«O companheiro insiste, indo até à ameaça. Hiram faz um aceno com a mão intimando-o a retirar-se; no mesmo instante, o celerado desfecha-lhe na cabeça uma violenta pancada com a régua. Contudo, o golpe é desviado pelo gesto feito por Hiram, e a régua, ao abater-se sobre o seu ombro direito, provoca-lhe um entorpecimento que o torna incapaz de desarmar o seu adversário.

«Hiram afasta-se, então, precipitadamente, em direcção à porta do sul.

«Mas aí espera-o o segundo dos conjurados, que, de uma forma ainda mais incivil, lhe volta a pedir a palavra de passe usada pelos mestres. Hiram apressa-se a alcançar a porta do ocidente, dando-lhe a resposta que já dera na porta do oriente.

«No entanto, não fugiu com a necessária presteza que lhe permitisse evitar uma pancada de tenaz que o miserável pretende desferir-lhe na cabeça mas que só o atinge na nuca.

«Atordoado com o golpe, o mestre dirige-se, cambaleando, para a última

saída do templo, por onde espera poder escapar-se. Vã esperança! Aí volta a ser detido pelo terceiro conjurado. É-lhe feita a mesma pergunta, voltando Hiram a responder com a mesma recusa: "Antes a morte, disse, do que trair assim o segredo que me foi confiado!" Nesse instante, o monstro golpeia-o na frente, com uma pancada de malhete, que deixa Hiram prostrado no solo...»

O companheiro admitido «aos mistérios e privilégios» do grau de mestre mimava a paixão de Hiram no decorrer de uma impressionante cerimónia.

Depois de sete mestres terem mimado o seu enterro, seguido da sua exumação, era ressuscitado pelo venerável ao qual era atribuído o papel do rei Salomão, que o retirava do caixão pronunciando a fórmula alquímica: «Encontrou a vida no seio da morte!»

Seguidamente, um catecismo explicava ao novo mestre, por meio de perguntas e respostas, qual a significação profunda, rosa-cruciana, daquilo por que ele acabara de passar. Sabia que só dele dependia tornar-se no filho espiritual de Hiram, facto que o levaria a atingir uma nova etapa em direcção à Cruz e à Rosa.

Entre os eruditos que deram à maçonaria operativa laivos de rosa-crucianismo, convém reservar um lugar de relevo para Elias Ashmole, autor e compilador de tratados herméticos. Eis, segundo *The National Biography*, a vida de Elias Ashmole:⁰⁷³

«Elias Ashmole (1617-1692), o maior amador de antiguidades que alguma vez existiu, nasceu em Lichfield a 23 de Maio de 1617; o seu pai pertencia a uma nobre família, que durante muito tempo ocupara cargos públicos na Irlanda. A sua mãe, cujo nome de família era Bower, era parente de James Paget, barão do Echiquier. Relações de infância com o filho de Paget granjearam a Elias Ashmole a sua entrada em casa do pai deste; recebeu uma boa educação na escola de gramática de Lichfield, assim como na sua qualidade de membro do coro da catedral. Graças à protecção do barão Paget, tornou-se *Solicitor*, em 1638, mas nunca teve muita clientela. Nesse mesmo ano, desposou Eleanor Mainwaring, de Smalwood, mas esta veio a morrer subitamente em 1641.

«No ano seguinte, tomou partido pelo rei (Carlos I) na guerra civil, deixou Londres e retirou-se para o condado de Chester; em 1644, o rei nomeou-o comissário do *excise* (contribuições indirectas) em Lichfield. Negócios prementes obrigaram-no a ir até Oxford, onde passou bastante tempo ocupado em diversas diligências junto do Parlamento realista.

«Estabeleceu relações com o capitão George Wharton, que lhe conseguiu

obter um posto na artilharia real e lhe comunicou essa paixão pela astrologia e pela alquimia que, juntamente com o seu amor pelas antiguidades, veio mais tarde a tornar-se no aspecto principal do seu carácter.

«Inscreveu-se no colégio de Brasenose, tendo estudado a física e as matemáticas, mas, por volta do fim do ano, voltou a tornar-se comissário do *excise* em Worcester, emprego ao qual pouco tardou para que viesse a juntar os de capitão de cavalaria e inspector de artilharia.

«Worcester rendeu-se, em Julho de 1646, às tropas do Parlamento e Ashmole regressou ao condado de Chester.

«Em Outubro do mesmo ano, voltou a Londres, onde, tendo passado a frequentar os amadores de ciências ocultas, particularmente os astrólogos, se relacionou com Lilly e Brooker e foi um dos convivas habituais da «festa matemática» que tinha lugar no Veado Branco (White Hart). Foi também um dos primeiros franco-mações de Inglaterra; teria sido iniciado em 1646, pouco mais ou menos.»

Eis como, no seu diário, Elias Ashmole relata esse memorável acontecimento:

«1646 -- 16 de Outubro, 4 horas e trinta minutos da tarde. Foi feito franco-maçãõ em Warrington, no Lancashire, juntamente com o coronel Harry Mainwaring, de Karticham, no condado de Chester. Aqueles que nessa altura se encontravam na loja eram Mr. Richard Penkett Warden, Mr. James Collier, Mr. Richard Sankey, Henri Littler, John Ellam e Hugh Brewer.»

«Deve ter feito um casamento vantajoso, pois, segundo afirma, "aprouve a Deus dar-me a saber que estava agora na posição que sempre desejara, isto é, em condições que me permitiam entregar-me aos meus estudos sem ser obrigado a ter de assegurar a minha subsistência."

«No entanto, isso não o impediu de procurar melhorar a sua condição através de um novo casamento; desposou uma dama que tinha vinte anos a mais do que ele, que já fora viúva por três vezes e que já tinha filhos adultos.

«A 16 de Novembro de 1649, a sua perseverança foi recompensada e entrou na posse do domínio de sua mulher, sem que, contudo, vivesse com ela de uma forma constante. A partir de então, entregou-se apaixonadamente a diversos estudos de astrologia, de alquimia e de botânica. Em 1650, editou um obra alquímica do Dr. John Dee,⁰⁷⁴ ao mesmo tempo que publicava um tratado sobre o mesmo tema, subscrito com um anagrama do seu nome, James Hasolle. Em 1652, publicou o primeiro volume do seu *Theatrum Chemicum*, recolha de antigos tratados em verso sobre a alquimia. Passou a relacionar-se com mestre Backhouse, venerável rosa-cruz, que o chamava de seu filho, assim como com John Tradescant, conservador do jardim botânico

de Chelsea.

«Estudou o hebraico, a gravura, a heráldica, tendo dado mostras de uma curiosidade universal.

«"A 13 de Maio de 1653, Backouse disse-me em poucas palavras qual a verdadeira matéria da pedra filosofal, que me transmitiu a título de legado."

«A Restauração (após Cromwell) marca uma importante etapa na vida de Ashmole. O seu lealismo valeu-lhe o favor de Carlos II; foi nomeado arauto de armas de Windsor. E o seu favor na corte não cessou de aumentar; foi nomeado comissário-inspector e guarda-livros geral do *excise*; obteve igualmente o cargo de comissário para a colónia de Surinam e o controlo do White Office. A sua mulher veio a morrer em 1668, e mal tinha ainda passado um ano sobre a data da morte desta, quando ele voltou a casar, desta feita com a filha do seu amigo, o rei de armas Dugdale.

«A partir de então, passou a consagrar todo o seu tempo à sua grande obra *Institution, Laws and Ceremonies of the Order of the Garter*, que foi publicada em 1672. Pouco tempo depois, demitiu-se do seu cargo de rei de armas de Windsor, ficando com uma pensão de quatrocentas libras; recusou, mais tarde, a função de rei de armas da Jarreteira.

«Em 1677, levou finalmente a cabo o seu projecto de legar à Universidade de Oxford o museu que tão pacientemente fora constituindo; exigiu apenas que a universidade mandasse construir um edificio adequado para receber as suas colecções. O transporte teve lugar em 1682.

«Em 1690, Ashmole foi magnificamente recebido pela Universidade de Oxford, que lhe conferiu o título de mestre em Teologia, tendo-lhe este, por seu turno, legado a sua biblioteca, principalmente rica em preciosos manuscritos. Terminou a sua laboriosa carreira a 18 de Maio de 1692, tendo sido sepultado na igreja de South Lambet.»

Não é nossa intenção traçar aqui a tão complexa história da franco-maçonaria.

Lembremos apenas que em França, sob a regência, um baronete escocês, Michel de Ramsay, publicou um manifesto, um *discurso*, que granjeou de imediato uma considerável audiência e veio a modificar as bases da ordem maçónica. Ele defendia que os seus antepassados e fundadores não tinham sido os construtores de catedrais, mas sim antes os cruzados da Terra Santa, os quais, aliás, passaram dentro em breve a ser assimilados aos templários. Note-se que Michel de Ramsay não faz a mínima alusão à Rosa-Cruz.

A suposição (ou a revelação) de Ramsay teve importantes consequências. Acima dos graus azuis (aprendiz, companheiro, mestre) passaram a proliferar toda uma multitude de altos graus, ou franco-maçonaria vermelha.

Entre estes novos graus, o dos rosa-cruz teve um enorme sucesso. Revestiu diversas formas, mas emanava sempre de autênticos rosa-cruz que «controlavam» os altos graus.

Em fins do século XVIII, alguns iniciados puseram alguma ordem na maçonaria cavaleiresca, à qual era dado o nome de escocismo.

Dela saíram dois ritos (ou regimes) paralelos, mas não rivais. Em primeiro lugar, o *Regime Escocês Rectificado* (RER), que veio a difundir-se sobretudo na Europa Central e onde a influência dos rosa-cruz de ouro era inegável.⁰⁷⁵

Em seguida, o *Regime Escocês Antigo Aceite* (REAA), que começou por ser praticado em França.

De inspiração profundamente rosa-cruciana, o RER não possui, contudo, um grau detentor do título de rosa-cruz. A ordem é dirigida por uma ordem interna, composta de *Escudeiros Noviços* (EN) e de *Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa* (CBCS), cujas cerimónias se justificam em função do seu rosa-crucianismo autêntico.

O REAA está ordenado em trinta e três graus. O décimo oitavo intitula-se *Cavaleiro Rosa-Cruz* ou, por vezes, *Cavaleiro da Águia Negra e da Rosa-Cruz*. Os seus actuais rituais são muitas vezes adulterados. Publicamos, em anexo, um dos mais antigos, logo, dos mais puros.⁰⁷⁶

OS ILUMINADOS DE AVIGNON

Em Avignon, nos n.^{os} 4 e 6 da rua de Taulignon,⁰⁷⁷ pode ver-se uma enorme e maciça construção que, no tempo do condado, era a moradia urbana dos marqueses de Montpezat.

Na esquina da rua Agricol-Perdiguier com o largo ajardinado, junto ao templo protestante, vê-se igualmente uma casa antiga, mas sem personalidade.

Algumas léguas a norte do palácio dos papas, perto de Bédarides, na estrada de Courthézon, numa encosta sobranceira à planície, encontram-se algumas ruínas, vestígios de uma casa de campo dependente do castelo do marquês de Vaucroze.

Nestes três locais, em fins da Revolução, desenrolou-se uma das mais extraordinárias aventuras da franco-maçonaria: a criação, o esplendor e a

queda da Ordem dos Iluminados de Avignon.

O seu animador foi o abade Pernéty,⁰⁷⁸ que criou uma Ordem maçónica directamente inspirada pela Rosa-Cruz e indirectamente relacionada com o Rito Escocês Antigo e Aceite.

Antoine-Joseph Pernéty nasceu em Roanne a 13 de Fevereiro de 1716. É sobrinho de um cônego de Lyon. A 29 de Junho de 1732, pronuncia os seus singelos votos de beneditino da congregação de Saint-Maur, na abadia Saint-Allire de Clermont. Aí vem a revelar-se um espírito cheio de curiosidade, quando não mesmo aventureiro, «nunca se cansando de investigações e pesquisas, sempre pronto para todo o tipo de tarefas, desenvolvendo as suas investigações em todos os domínios».

Em 1754, traduz um enorme *Tratado de Matemáticas* e, alguns meses depois, publica um *Manual Beneditino*. Destacado para a abadia de Saint-Germain-des-Prés, redige um dicionário das artes e compila um herbário.

Finalmente, este topa-a-tudo encontra o seu caminho. Entusiasma-se pelas doutrinas herméticas, pela cabala, pela alquimia. Em 1758, surge o seu *Dicionário Mito-Hermético*, seguido das *Fábulas Egípcias e Gregas Desvendadas*. Na sua opinião, o hermetismo é a chave da mitologia. Num prefácio, revela que todos os antigos sábios conheciam os arcanos da Natureza, mas que este conhecimento estava reservado a um pequeno número de iniciados. A fim de transmitirem, de geração para geração, estes admiráveis segredos, os adeptos ocultavam-nos sob hieróglifos, fábulas, alegorias, que, sendo susceptíveis de várias explicações, podiam instruir os dignos e desorientar os indignos. Ele repete, citando Orígenes: «Eles divertiam o povo com fábulas e essas mesmas fábulas serviam de véu à sua sabedoria.»

Para só citar um exemplo, segundo dom Pernéty, Homero mascara as operações da Grande Obra na *Iliada* e na *Odisseia*. Tais especulações começaram a inquietar os seus superiores.

A fim de escapar a uma provável censura, Pernéty parte, em 1763, na qualidade de capelão, juntamente com Bougainville, para a expedição das ilhas Malouines (Falkland). Após inúmeras aventuras e «acasos do mar», regressa a França são e salvo e publica a narração dessa viagem.

Após ter conhecido tão vastos horizontes, bem estreita lhe parece agora a sua cela. É, assim, um dos vinte e oito monges que, em 1765, pedem o alargamento da regra. Constrangido a retratar-se, ameaçado com sanções, renuncia à vida monástica e refugia-se em Avignon.

E, de imediato, filia-se nas lojas maçónicas do condado, tornando-se num seu zeloso membro.

A maçonaria fora próspera na cidade papal. A partir de 1736, o marquês de Vezénobres fundara aí a loja São João de Avignon. A aristocracia local acantonou-se a oriente e nas colunas. No registo de matrícula, podem ler-se os nomes do cavaleiro de Mirabeau, do conde de Quinson,⁰⁷⁹ dos marqueses de Very e de Malijac... Mas, em 1738, o papa Clemente XII decreta a excomunhão dos franco-mações. A bula *In Eminentí*, na falta do seu registo, não tem qualquer efeito no reino de França, mas o condado é terra pontifícia. E, aí, a Inquisição reina. A loja, prudentemente, passa a ocultar-se na sombra, diminuindo de actividade. E só em 1748 virá a retomar os seus trabalhos, e mesmo então muito discretamente.

Em Maio de 1749, os grandes burgueses avignonenses fundam, por seu turno, São Jorge da Perseverança. As duas lojas acabam por fundir-se. Mas por pouco tempo. A oposição entre as tendências em presença é demasiado forte. Os irmãos rodeiam-se de uma aura de segredo tanto maior quanto, a 22 de Julho de 1751, o arcebispo de Avignon, obedecendo a uma nova bula romana, ameaça os maçons de sanções penais. E, mais uma vez, estes submetem-se... Mas parecem ter realmente existido, *sub rosa*, os Sectários da Virtude, a Perseverança e São João Escocês da Virtude perseguida.

Beneficiando de altos apoios ocultos, ou sendo apenas dotado de uma louca temeridade, Pernéty, monge renunciante, desafia a Inquisição e funda, no seio dos Sectários da Virtude, o Rito Hermético ou dos Iluminados de Avignon, a que mais tarde virá a chamar-se o Rito de Pernéty. Para além dos três graus «azuis», este novo credo começa por compreender cinco altos graus, todos eles inspirados pela Rosa-Cruz:

- Verdadeiro mação,
- Verdadeiro mação da Via direita,
- Cavaleiro da Chave de ouro,
- Cavaleiro dos Argonautas,
- Cavaleiro do Velo de ouro.

Os seus princípios eram assim resumidos, aquando da iniciação:

«... A Ciência na qual vos iniciamos é a primeira e a mais antiga de todas as

ciências. Ela emana da Natureza, ou melhor, ela é a própria Natureza, aperfeiçoada pela arte e fundamentada pela experiência. Em todos os séculos houve adeptos desta ciência. Se, nos nossos dias, alguns adeptos nela consomem inutilmente os seus bens, o seu trabalho e o seu tempo, tal é devido a que, longe de imitarem a simplicidade da Natureza, carregam-na com um fardo que ela não pode aguentar e perdem-se no labirinto para onde a sua louca imaginação os arrasta...⁰⁸⁰

«Abandonamos esses filhos das trevas a toda a imensa vergonha das suas loucas ideias. Para nós, verdadeiros filhos da luz, que vemos a Verdade nos nossos ensinamentos, saibamos usufruir das vantagens e das alegrias que ela nos granjeia...»

E, em breve, a hierarquia veio a ser completada com um sexto grau, o dos Cavaleiros do Sul, cujo ritual constitui um curso completo de alquimia.

Vendo-se alvo de perseguições por parte dos tribunais eclesiásticos, Pernéty refugia-se na Prússia, onde o rei Frederico II o nomeia conservador da Biblioteca de Berlim, membro da Academia Real e lhe outorga o benefício de uma abadia de Thuringe.

Em Berlim, o antigo beneditino descobre a obra de Swedenborg. E esta entusiasma-o. Traduz *As Maravilhas do Céu e do Inferno*, de William Blake. De temperamento inconstante, o Grande Frederico começa a não o ver com muito bons olhos e Pernéty é constrangido, em 1783, a abandonar a Prússia. Retorna, pois, a França para junto dos seus adeptos. Mas, prudentemente, não vai fixar-se no condado, mas sim em Valence, cidade real.

Durante a sua estada em Berlim, manteve-se sempre em estreito contacto com os irmãos do Rito Hermético. É mesmo provável que os tenha visitado por diversas vezes. Sob a sua influência e entusiasmo, São João Escocês veio a tornar-se na loja-mãe do condado Venaissin. Em 1776, esta loja-mãe passa a incorporar, enquanto Loja-Mãe escocesa de França, uma das principais lojas parisienses -- São Lázaro do Contrato Social --, facto que leva a uma ruptura com o Grande Oriente. A Loja-Mãe escocesa parisiense cria, em rivalidade com o Grande Oriente, inúmeras lojas por toda a França trabalhando no rito de Pernéty. Em 1780, sai dela uma maçonaria inspirada nos *Versos de Ouro* de Pitágoras: os Sublimes Mestres do Anel luminoso.

Tal como todo o território francês, o condado aderiu às ideias liberais. A Inquisição perde a sua autoridade. A maçonaria é, senão reconhecida, pelo menos tolerada pelo vice-legado. Assim, o Rito Hermético ganha um considerável incremento. Agrupa a maioria dos nobres e dos ricos burgueses

avignonenses. Citemos o conde de Pasquini-Montresson, o marquês de Thomé, o cavaleiro Tardy de Beaufort, os barões de Noves e de Bournissac, assim como Esprit Calvet, fundador do admirável museu que tem o seu nome.

O marquês de Montpezat⁰⁸¹ põe o seu palácio à disposição dos irmãos. O marquês de Vaucroze prepara, perto de Bédarrides, a casa de campo de que falámos atrás e a que é secretamente dado o nome de *Thabor*. É lá que têm lugar as operações alquímicas. O Thabor compõe-se de duas oficinas e de um templo, onde cada *eleito* celebra, alternadamente, a «cena mística».

Na actual rua Perdiguier estabelece domicílio o conde Thadée Leszczy Gabrianka, onde Ostap, estaroste de Liva, personagem excêntrico e rubicundo que Pernéty conhecera em Berlim e que fora com ele para França.

Gabrianka sonhara conquistar a Palestina para, seguidamente, fazer eleger-se rei da Polónia. Convertera a mulher e toda a família ao seu novo capricho e foi ele quem trouxe aos iluminados o segredo da Palavra Sagrada.

Esta Palavra Sagrada tinha-a recebido de um misterioso adepto unicamente conhecido sob o *nomen mysticum* de Elias Artista e que residia em Hamburgo.⁰⁸²

Segundo os rosa-cruz do século XVII, seria sob o vocábulo de Elias Artista que o Paracleto devia vir até ao seio dos eleitos para o dia do Juízo Final.

Os discípulos de Elias Artista faziam circular (em alguns conventículos privilegiados) dois formulários mágicos, o *Liber* e o *Livro de Mardoqueu*. Aí podiam encontrar-se as regras de uma cabala, isto é, uma regra para consultar entidades superiores por meio de figuras e de números. Emissário de Elias Artista, Gabrianka iniciou Pernéty e os seus discípulos no segredo da Palavra Sagrada.

Mas o que é a Palavra Sagrada? Um meio de comunicação com os anjos. Não deve ser confundida, prevenia Elias Artista, «com esses pretensos cálculos de adivinhação criptográfica que, à primeira vista, parecem derivar da mesma fonte e obedecer aos mesmos requisitos».

E é tudo quanto sabemos. Os arcanos da Palavra Sagrada desapareceram ao mesmo tempo que os últimos discípulos do antigo beneditino e do conde polaco. Na verdade, parece que as ordens sobrenaturais eram expressas por intermédio de médiuns, um dos quais era Ottavio Capelli, antigo jardineiro do estaroste e um pobre de espírito.

A biblioteca do museu Calvet conserva os processos verbais de numerosas manifestações da Palavra Sagrada. A leitura deste manuscrito deixa-nos uma estranha impressão.⁰⁸³ O oráculo exprime-se numa linguagem grandiloquente mas vaga, promete muito, nada assegura e lança os seus fiéis em operações alquímicas que nunca resultam. Imiscui-se igualmente na sua vida privada, separa-os ou reconcilia-os, e dá provas ou de um humor algo bizarro ou de uma total falta de coerência nas suas ideias. Pernéty será o salvador do Mundo, Avignon a Nova Sião, Gabrianka deve ceder a sua filha em casamento a um comediante e em breve a pedra filosofal trará o poderio e a riqueza ao pequeno rebanho.

Contudo, liberta-se de todas estas extravagâncias uma comovente doutrina.

De um modo geral, as ideias de Pernéty são as de Swedenborg. Crê num Deus único contendo em si a divina Trindade. Crê nos anjos, espíritos celestes, intermediários entre o Céu e o homem, conferindo a iniciação o poder de comunicar directamente com os anjos.

Mas Pernéty e os seus discípulos diferiam de Swedenborg no culto votado à Santíssima Virgem, culto que roçava a mariolatria. Tal como certos teólogos ortodoxos (tais como o Padre Boulgakoff), os Iluminados de Avignon faziam da Mãe de Deus uma quarta pessoa divina, uma hipóstase acrescentada à Trindade. Doutrina bastante próxima da professada por teósofos como Jacob Böhme, Portage e Von Baader, na qual a Virgem Santa era assimilada à Sofia Celeste de Gichtel.

Segundo Pernéty, a Encarnação não havia dependido do pecado original: «A Encarnação teria tido lugar mesmo que o primeiro homem nunca tivesse pecado...»

Quanto às comunicações supraterrrestres, eis como Pernéty as definia:

«Posto que os semelhantes só se unem aos seus semelhantes, é preciso que a nossa alma leve uma existência mais angélica do que humana se de facto quiser comunicar com os anjos...»

Os próprios excessos desta mariolatria apavoraram o conde polaco, fervente católico, o qual suscitou uma dissidência denominada de o Novo Israel. Passou-se por toda uma série de alternativas de reconciliações e de desinteligências, mantidas pela Palavra Sagrada. No final, Gabrianka regressou às margens do Vístula... Não se sabe exactamente como veio a

morrer.

Um dos seus contemporâneos descreve-o do seguinte modo:

«Nobre aventureiro, homem amável, de convívio agradável e vivo, prodigalizando tesouros e não tendo vintém, divertindo a nobreza, arruinando-a e fazendo-se adorar por esta, acabara por conseguir fascinar os espíritos.»

A partida deste curioso personagem foi compensada pela chegada de um novo iniciado, Marie-Daniel Bourrée, barão de Corberon, antigo encarregado de negócios na corte da Rússia e, mais tarde, ministro plenipotenciário na corte das Duas-Pontes.⁰⁸⁴ Aí veio a ler Swedenborg e ficou entusiasmado. Veio para Paris, foi um fervoroso discípulo de Mesmer e colecionou as iniciações maçónicas. Em 1787, encontrou Gabrianka, que lhe elogiou o Rito Hermético.

Circunstâncias diversas mantiveram-no afastado de Avignon até Junho de 1790. Por essa altura, fixou-se então aí com sua esposa (36, Rua Calade),⁰⁸⁵ ganhou a confiança de Pernéty pela sua fé na Arte Real e tornou-se no mecenas do Thabor. O Rito Hermético, durante alguns meses, brilhou, pois, com um vivo esplendor.

Mas esta prosperidade foi tão fugaz quanto a erva dos campos. Um novo vice-legado, o cardeal Casoni, foi quem veio ensombrá-la. O Santo Ofício foi encarregado de dar seguimento a uma queixa. Quem sabe qual teria sido o resultado das perseguições se não se tivessem então manifestado alguns graves acontecimentos? O condado foi integrado no território francês em Setembro de 1791. A Convenção proibiu as reuniões maçónicas, donde toda uma série de perseguições, de buscas, de prisões.

Pernéty foi aprisionado em Outubro de 1793, tendo sido, contudo, libertado alguns meses depois. Veio a morrer de um ataque de apoplexia a 16 de Outubro de 1796. O Rito Hermético vegetou ainda durante alguns anos, mas já não passava de uma sombra de si mesmo.

Hoje em dia, no seio do Rito Escocês Antigo e Aceite ainda subsiste o vigésimo oitavo grau, o de Cavaleiro do Sol, do qual damos abaixo um curto extracto do catecismo.

P. «Sois o supremo comendador dos astros?

R. «Vi a direcção dos seus raios.

P. «Que significa a Terra que recebe os seus raios?

R. «Que o fogo vivificante é necessário à construção.

P. «Que significa o corpo enterrado de Hiram?

R. «Que na Terra está encerrado o mais belo dos segredos.

P. «Que encontraste na Terra?

R. «A pedra bruta na qual *três* era o número *sete*.

P. «O que é que ainda representa o túmulo de Hiram?

R. «Que a *matéria-prima* só pode dar frutos após a putrefacção.

P. «Que representa na loja o Muito Afortunado [o Venerável]?

R. «Hiram, que, após a putrefacção, vem a tornar-se na fonte de vida.

P. «Porque está instalado a Oriente?

R. «Porque é preciso que a *matéria-prima* esteja exposta aos raios solares, desde o nascer ao pôr-do-Sol.

P. «Porque é que vos puxaram pelo dedo?

R. «Porque todo o verdadeiro mação deve assegurar-se de que a *matéria-prima* não está podre, antes de passar à segunda operação.

P. «Porque é que estais de braços cruzados?

R. «Para dar testemunho da paciência que é preciso ter para se conseguir alcançar a Grande Obra [...]»

A ORDEM MAÇÓNICA DOS PRÍNCIPES DE MISERICÓRDIA

A franco-maçonaria escocesa comporta trinta e três degraus ou graus. Ora, actualmente, apenas um pequeno número destes graus são efectivamente transmitidos por iniciações regulares; os outros são concedidos por «comunicação», o que significa, pura e simplesmente, que se «salta» por cima deles. Talvez sejam objecto de uma qualquer instrução oral...

Assim, o iniciado passa directamente do décimo oitavo grau (Rosa-Cruz) ao trigésimo (Cavaleiro Kadosh).

Portanto, o vigésimo sexto (intitulado *Escocês trinitário* ou *Príncipe de Misericórdia*) já não passa, na verdade, de uma recordação.

Nós tivemos a sorte de encontrar o seu autêntico ritual, e pareceu-nos possuir múltiplas significações ocultas.

As operações da Grande Obra são aí evocadas de modo evidente, devendo, para além do seu influxo tradicional, deixar no candidato uma impressão duradoura, obrigando-o a reflectir sobre uma certa concepção do Homem, do Cosmo e do Céu.

René Guénon, que lhe consagrou várias páginas no seu *Esoterismo de Dante*, não se enganou a tal respeito:

«... O grau em questão, escreve, tal como todos aqueles que se incluem na mesma série, apresenta uma significação claramente hermética, e aquilo que, a este respeito, convém notar reside, muito em particular, na conexão existente entre o hermetismo e as ordens de cavalaria... A maioria destes graus, assim como alguns daqueles que podemos encontrar noutros ritos, surgem como sendo vestígios de organizações que tiveram outrora uma existência independente e, nomeadamente, das antigas ordens de cavalaria cuja fundação está ligada à história das Cruzadas...»

Numa obra que teve uma enorme audiência nas lojas em inícios do século XIX, a *Explicação dos emblemas e Símbolos dos Doze Graus Filosóficos*, pode ler-se:

«Tudo neste grau (o vigésimo sexto) patenteia o emblema da Trindade: este

fundo de três cores (verde, branco e vermelho), na base esta figura da *Verdade* e, enfim, este sinal da *Grande Obra da Natureza* patente em todo o lado, representando alguns dos elementos constitutivos dos metais (☿ ☿ Sal), da sua fusão e da sua separação, numa palavra, da ciência da química mineral, de que Hermes foi o fundador entre os Egípcios e que tanto poder e extensão veio a dar à medicina. E isto é tanto mais verdade quanto as ciências constitutivas da felicidade e da liberdade se sucedem e se classificam com essa admirável ordem que prova que o Criador forneceu aos homens tudo aquilo que pode contribuir para aliviar os seus males e prolongar a sua passagem por esta Terra...

«É no número Três que o sábio observador descobre a fonte primitiva de tudo aquilo que impressiona o pensamento, enriquece a imaginação e fornece uma ideia justa da igualdade social.»

Para se poder julgar do espírito racionalista que, adentro de certas tendências da maçonaria francesa, se veio a substituir à tradição hermética, citemos a explicação dada para o vigésimo sexto grau, tal como pode encontrar-se num documento recente:

«Demonstrar que o bem e o mal não passam das concordâncias e das discordâncias de cuja reunião resulta a Harmonia universal, tal é o fim deste grau. Atacar todos os privilégios, todos os monopólios, toda e qualquer divisão fundamentada no nascimento, na posição ou na riqueza para vir a alcançar a sua abolição, a igualdade social e a substituição do espírito de casta ou de classe pelo espírito maçónico...»

Sobre a estátua da *Verdade*, paládio dos *Príncipes de Misericórdia*, G. Persigout escreve:

«Aquando da iniciação, um profano, enquanto tal ignorante dos mistérios, não saberia encontrar nas suas reflexões (no sentido usual do termo) aquilo que *uma* reflexão sobre si (no sentido de introspecção) lhe pode revelar... Assim, Dante usará de simbolismos na divinização do tipo feminino: Magna Mater, deusa ctoniana da *terra* fértil; Ma-ât, deusa heliopolitana e *luminosa* da Justiça Verdade; Atena, deusa *húmida* da Sabedoria couraçada; finalmente, Virgem gnóstica ou cristã aureolada pelo *Fogo* do amor divino.

«Todas estas feminidades, que, uma após outra, oriundas dos abismos terrestres ou do celeste empíreo, simbolizaram a Ascensão da Vida em busca de imortalidade, são simbolizadas pelos «Filhos da Viúva» em *Aemeth*, o paládio dos Escoceses trinitários.

«A invocação hermética destes Príncipes de Misericórdia é o apelo à

Verdade que foi e continua a ser a lei suprema do sábio iniciado...»

Lembremos que o grau anterior a este, o vigésimo quinto, o do Cavaleiro da Serpente de Bronze, é uma paráfrase dos textos bíblicos relativos a Moisés, à saída do Egito, e especialmente a este versículo: «Moisés fez, pois, uma serpente de bronze e pô-la sobre uma percha, e se alguém tivesse sido mordido por uma serpente, olhava para a serpente de bronze e vivia» (*Números*, XXI-9).

O que é uma prefiguração do Cristo Jesus, visto poder ler-se no Evangelho de S. João: «Tal como Moisés criou a serpente de bronze no deserto, assim é preciso que o Filho do Homem seja criado, a fim de que todos aqueles que crerem nele tenham a vida eterna» (III-14).

DECORAÇÃO DA LOJA

A Loja, que se chama terceiro céu, será forrada a verde e decorada com nove colunas, devendo essas colunas ser, alternadamente, brancas e vermelhas; em cada coluna, haverá um braço possuindo nove estrelas, o que dará um total de oitenta e uma. Pode, contudo, reduzir-se este número para vinte e sete.

Por cima da cabeça do Presidente, a que se chama Príncipe Excelente, haverá um dossel tricolor, verde, azul e vermelho. Diante dele, sobre a mesa, é estendido um pano da mesma cor. Finalmente, sobre a sua mesa estará uma estátua de uma mulher nua representando a Verdade; da sua cabeça sairá uma chama; na mão esquerda terá um espelho, e na direita, levantada à altura do coração, segurará um triângulo de ouro. Esta estátua, que é o Paládio do grau, deverá estar sempre coberta por um véu tricolor igual ao pano da mesa; deve ter vinte e nove polegadas de altura sem contar com o pedestal.

O pedestal, que aguentará a estátua da qual acabamos de falar, será triangular e oco, de modo a que possa conter uma gaveta deste formato; na gaveta estará um livro, igualmente triangular e envolto num sobrescrito tricolor igual ao céu da estátua. Este livro, que é o Livro da Verdade, conterà a explicação de todos os emblemas do grau, tal como mais adiante se verá.

Além disso, haverá ainda sobre a mesa uma flecha com três pés de comprimento; a madeira será branca e as penas verdes e vermelhas. A ponta será de ouro.

O Presidente está vestido com uma túnica tricolor; usa uma coroa rodeando por três vezes três pontas de flecha de ouro e tem na mão uma flecha que lhe serve de malhete e da qual se serve batendo com a ponta.

A indumentária de todos os outros irmãos consiste num avental vermelho, ornado ao meio com um triângulo branco e verde; além disso, e à semelhança do Presidente, todos usam ao pescoço um cordão tricolor, branco, vermelho e verde, da extremidade do qual pende, como jóia, um grande triângulo equilátero de ouro.

O Presidente chama-se Príncipe Excelente; o Primeiro e Segundo Vigilantes, Primeiro e Segundo Excelentes. Todos os irmãos, indistintamente, possuem neste grau o título de Excelentíssimo.

Para além destes três oficiais dignitários, há um Irmão Secretário, um Orador, um Irmão Introdutor e um Tesoureiro, para além de um Guardião Sagrado, que responde pelo paládio com a sua vida, e, finalmente, um Irmão Sacrificador.

ABERTURA DO TERCEIRO CÉU

O Príncipe Excelente, tendo o Irmão Guardião Sagrado à sua direita e o Irmão Sacrificador à sua esquerda, e estando todos os outros Irmãos colocados de acordo com o seu grau, pergunta ao Primeiro Excelente se não há qualquer ignorante entre os adeptos; a estas palavras, todos os Irmãos fazem o sinal (o primeiro) e o Primeiro Excelente responde:

«Não sabeis, Príncipe Excelente, que eles não podem elevar-se até à cúpula impenetrável do Terceiro Céu?»

(O Príncipe Excelente bate, então, quinze pancadas na mesa com a sua flecha. Os Irmãos Primeiro e Segundo Excelentes repetem as batidas.)

Seguidamente, ele diz:

P. «Que idade tendes, Irmão Primeiro Excelente?

R. «Oitenta e um anos.

P. «Que horas são, Irmão Segundo Excelente?

R. «Informe, Príncipe Excelente.»

O Príncipe Excelente tira, de imediato, a sua coroa e diz:

«A harmonia reina, a matéria espera, preparemo-nos para a obra... O Terceiro Céu está aberto.»

QUADRO DO GRAU

O Quadro do Grau, que deve estar exposto no Terceiro Céu mesmo nos dias em que não há recepção, deve possuir na sua superfície as seguintes figuras (a forma do quadro é triangular):

1. Uma fogueira acesa.
2. Um braço armado de um comprido punhal.
3. Um anjo numa nuvem.
4. Uma grande cruz.
5. Uma lança.
6. Uma coroa de espinhos.
7. Uma arca da aliança.
8. Tábuas da Lei.
9. Um turíbulo.
10. Uma figura de Mercúrio com todos os seus atributos.
11. Um escalfador encimado por um cadinho.
12. Um lingote de ouro.
13. Uma tocha ardente.
14. Um globo girando sobre o seu eixo.
15. Um triângulo equilátero de ouro.

RECEPÇÃO

Depois de o neófito ter sido proposto e aceite segundo as fórmulas requeridas e após ter chegado à Câmara de Reflexão, tendo o Terceiro Céu sido aberto da forma do costume, o Príncipe Excelente, chefe dos trabalhos, ordena ao Grande Sacrificador para se postar à entrada do Terceiro Céu, a fim de agarrar o neófito, e ao Irmão Introdutor para o ir buscar.

O neófito, de olhos vendados e tendo chegado à entrada do Terceiro Céu, bate pausadamente cinco pancadas lentas na porta, seguidas de três pancadas rápidas e de mais uma lenta.

O Príncipe Excelente pede:

--Irmão Primeiro Excelente, queira informar-se dos motivos que podem levar um cavaleiro da Serpente de Bronze a vir perturbar a Grande Obra.

O Irmão Primeiro Excelente repete o pedido, que é transmitido ao Irmão Sacrificador pelo Segundo Excelente. O Irmão Sacrificador entreabre a porta e, depois de ter comunicado com o Irmão Introdutor, diz:

--Príncipe Excelente, o neófito é, com efeito, um cavaleiro da Serpente de Bronze que quer elevar-se até esta região. O seu nome é (nome profano). A sua alma é forte, o seu espírito é límpido, as suas mãos são hábeis, e o Irmão Examinador responde por ele.

Príncipe Excelente: Pois bem, louvo o seu zelo, que queira então deixar a atmosfera terrestre e que seja introduzido nestes locais.

(Abrem a porta e o Irmão Introdutor faz entrar o neófito (que tem os olhos vendados), que dá nove passos, serpenteando.)

O Príncipe Excelente diz:

--Irmão Sacrificador, apodere-se do neófito que tem a audácia de querer elevar-se até nós rastejando como um vil réptil.

O Irmão Sacrificador agarra o neófito e diz-lhe:

--Vejo que sois cavaleiro da Serpente de Bronze. O que significa este andar titubeante?

O neófito responde:

--Só consegui chegar até aqui à custa de grandes dificuldades e devido à minha perseverança no bem.

Príncipe Excelente: Tendes, pois, suficiente confiança nas vossas forças, cavaleiro, para vos poderdes lançar até à moradia da Luz?

O neófito responde:

--Sim.

Príncipe Excelente: Que lhe sejam dadas asas e que suba até ao Primeiro Céu.

(A estas palavras, fixam nos ombros do candidato asas em forma de remos e põem-lhe nas mãos os cabos destas asas, que se cruzam diante do peito, de modo a ele as possa mover com facilidade.)

Príncipe Excelente: Eis-vos pronto a empreender a difícil e perigosa viagem que intentais fazer. Continuais a ter as mesmas intenções, cavaleiro?

O neófito responde:

--Sim.

Príncipe Excelente: Sendo assim, que o estrado seja colocado junto do abismo e que por ele façam subir o viajante.

(Avançam uma bancada que deve ter cerca de nove degraus e ter, pelo menos, cinco pés de altura, colocando-a entre os Irmãos Primeiro e Segundo

Excelentes, ficando os degraus voltados para o lado da porta de entrada.)

Príncipe Excelente: Sacrificador, guiai o neófito até ao cimo do estrado donde deve lançar o seu voo em direcção à abóboda celeste.

(Depois de o candidato ter subido os nove degraus da bancada, sem largar o cabo das suas asas, o Sacrificador deixa-o só, dizendo-lhe em voz baixa para esperar pela ordem do Mestre.)

Príncipe Excelente: Cavaleiro da Serpente de Bronze, vós ides atravessar uma estrada que todos nós já percorremos. Ela não está, pois, acima das forças humanas, pois nós somos homens como vós. Apesar de as asas que vos foram dadas terem sido feitas por um mecânico dos mais hábeis, previno-vos que não vos serão de grande ajuda se não estiverdes escudado pelos sentimentos que vos devem animar; esses sentimentos preciosos são o desejo ardente de se instruir, para poderdes depois orientar os vossos conhecimentos para um bem digno do homem virtuoso, a coragem necessária para vencer todos os obstáculos que embaraçam o caminho da vida e triunfar das paixões que acorrentam os mortais e os desviam dos grandes cometimentos; e, finalmente, uma confiança absoluta no vosso projecto que deve fundamentar-se na paz da vossa consciência e na pureza dos vossos princípios.

Se assim é a vossa alma, se assim são as vossas soluções, podeis partir sem receio; existe em vós uma força de ascensão suficientemente poderosa para vos elevar sem perigo para além das regiões às quais está confinada a atmosfera do nosso planeta. Este Templo possui por única cúpula a cúpula celeste, e tanto os nossos olhos como os nossos votos vos acompanham, mas se, pelo contrário, vícios vergonhosos maculam a vossa alma, se a vossa aparente energia não passa de temeridade e a vossa pretensa coragem de vã ambição, apressai-vos a deixar esse estrado que ainda vos serve de apoio; o mínimo movimento que fizésseis precipitar-vos-ia numa profunda cisterna, onde a morte viria inevitavelmente ao vosso encontro.

Continuais a ter intenção de fazer a vossa primeira viagem?

(Se o neófito responde «sim», o Príncipe Excelente dá-lhe sinal para partir, o qual consiste em três palmadas seguidas.)

Príncipe Excelente: À terceira palmada, lançar-vos-eis no ar, agitando as vossas asas, e Deus fará o resto. Fizestes as vossas reflexões? Estais pronto?

O neófito reponde:

--Sim.

(O Príncipe Excelente dá pausadamente três palmadas lentas e iguais

com a mão: à última palmada, o candidato deve saltar.)

OBSERVAÇÕES

Há duas maneiras de deter o recipiendário na sua queda, que poderia ser perigosa a cinco pés de altura: o primeiro consiste em passar-lhe sob os braços, diante do peito, uma forte correia de pano que lhe é solidamente fixada ao serem-lhe colocadas as asas; esta correia vem dar a uma grossa corda presa ao tecto, de modo a que o seu comprimento mantenha o homem suspenso a cerca de meio pé do solo.

O segundo meio é o mais simples; consiste em fazer segurar por debaixo dele, aguentada por seis Irmãos, uma boa manta de lã, que deve ser fortemente esticada para que a queda do candidato não a faça mergulhar até ao solo. Desta forma, nunca há qualquer acidente.

Após esta prova, desembaraçam-no das suas asas e o Príncipe Excelente diz-lhe:

--Cavaleiro, estamos contentes convosco e a recompensa que esperáveis seguiu de perto a minha promessa. Anuncio-vos que estais agora no espaço do firmamento onde giram as estrelas errantes; a enorme distância que percorrestes sem disso vos terdes apercebido deve, sem dúvida, espantar-vos, mas deveis continuar a não ver senão com os olhos da fé. Estais disposto a passar por novas provas e a elevar-nos do Primeiro Céu, onde estais agora, até ao Segundo Céu?

O neófito responde:

--Sim.

Príncipe Excelente: Que o façam subir a escada misteriosa, a fim de que possa atingir a desejada moradia.

(É trazida ao candidato uma escada de mão, com três degraus, que se aguenta de pé por si mesma se se colocar o pé esquerdo no primeiro degrau. O Sacrificador diz-lhe para esperar pela resposta do Mestre.)

Príncipe Excelente: Cavaleiro, vós ides subir ao Segundo Céu seguindo por essa escada misteriosa. É aqui que tendes necessidade de reunir todas as vossas forças e, sobretudo, de conservar uma presença de espírito que vos será mais útil do que nunca... Lembrai-vos do nome das três colunas que servem de base ao edifício dos Soberanos Príncipes Rosa-Cruz e repeti o nome de cada uma dessas colunas em cada um dos degraus da escada pela

qual ides subir.

O recipiendário deve dizer, enquanto sobe:

--O primeiro degrau: FÉ. O segundo degrau: ESPERANÇA. O terceiro degrau: CARIDADE.

Príncipe Excelente: Cavaleiro, não vos sentis com coragem de ir mais além, e é por isso que hesitais?

(Após um período de silêncio.)

--Homem insensato, como é que quereis encontrar um outro grau acima da perfeição? Esses três degraus, que acabais de subir por meio do poder das três virtudes teologais, não é verdade que representam o símbolo do número ternário, o mais sublime dentre os números conhecidos? Adiantai a vossa mão esquerda e verificai se não encontrais nada acima de vós, pois assim vos convencereis de que chegastes ao fim da vossa viagem. (Aqui, aproximam um círio aceso da mão do neófito, que a retira precipitadamente.)

Príncipe excelente: Tremeis, cavaleiro! Nada temais, pois o calor que sentistes é aquele que dimana das estrelas fixas e vós estais perto da Região que lhes foi designada pelo Supremo Arquitecto dos Mundos. Se retirastes a mão, apavorado, isso significa que ainda não estais suficientemente purificado para poder suportar a atmosfera do Segundo Céu. Abdicai, pois, da vossa presunção e pensai em que sem a nossa ajuda nunca conseguiríeis ultrapassar os obstáculos que vos rodeiam.

--Dai a beber ao neófito o éter do Segundo Céu.

(É-lhe dado um copo cheio de espuma de sabão, da qual ele só consegue engolir algumas gotas, e, seguidamente, tiram-no da escada para o colocarem no chão.)

Príncipe Excelente: O efeito deste líquido precioso acaba de se manifestar em vós com a rapidez do raio. Eis-vos, agora, cavaleiro, liberto de todas essas partes impuras que faziam parte da vossa existência durante a vossa estada no globo terrestre. O vosso corpo, mais leve, adquiriu a propriedade de resistir à acção do fogo, pois vós estais rodeado de mundos luminosos cujos raios já não agem sobre os vossos sentidos... Sabei que o homem, ao tender para a perfeição, alegra-se, por assim dizer, na sua alma, e retoma uma nova vida.

--Cavaleiro, só vos resta um passo mais a dar para vos elevardes até ao Terceiro Céu, que é o termo da vossa viagem. Estais pronto a tentar essa difícil empresa?

O neófito responde:

--Sim.

Príncipe Excelente: Pensai em que ides penetrar na região das águas sobrecelestes. Não receais que essa súbita passagem do calor à humidade venha a ter sobre os vossos órgãos um efeito perigoso?

O neófito respondeu:

--Não.

Príncipe Excelente: Vejo, cavaleiro, que vos sentis ousado devido aos vossos sucessos, que a força moral se sobrepõe ao sentimento físico. Visto que a resolução do candidato parece ser inquebrantável, agarrai-o, Irmão Sacrificador, e mergulhai-o no terceiro elemento. Veremos se não virá a sucumbir à prova da imersão.

O Irmão Sacrificador pega no neófito pela cintura, balança-o como se fosse precipitá-lo e, ao voltar a pô-lo de pé, diz:

--Príncipe Excelente, ele já está no Terceiro Céu.

Príncipe Excelente: Cavaleiro, louvo a vossa perseverança no bem, mas não vos sentis incomodado pelas águas que vos rodeiam?

O neófito responde:

--Não.

Príncipe Excelente: Assim deve ser, mas aparentemente vós ignorais que as águas superiores não molham devido à sua extrema rarefacção, contudo, quando fordes mais versado nas altas ciências, ser-vos-á ensinado como conhecer as causas físicas dos prodígios da Natureza.

Estais contentes convosco, cavaleiro.

Quereis retroceder ou avançar?

O neófito responde:

--Avançar.

Príncipe Excelente: Saboreai o fruto dos vossos trabalhos, pois o Terceiro Céu está-vos aberto.

(A estas palavras, o Príncipe Excelente dispara um tiro de pistola; o Irmão Sacrificador arranca a venda ao neófito e todos os Irmãos excelentes fazem o primeiro sinal.)

Príncipe Excelente: Irmãos Excelentes, sossegai. (Todos os Irmãos regressam aos seus lugares.) Irmão Sacrificador, fazei com que o neófito dê três vezes a volta ao Triângulo emblemático e que observe com atenção, as três vezes, cinco figuras que aí estão traçadas. (O Irmão Sacrificador obedece.) Cavaleiro, vós atingistes o Terceiro Céu. Foi exposto, perante os vossos olhos, o Triângulo que contém as três vezes cinco figuras nas quais

estão estabelecidos os princípios do Sublime Grau dos Príncipes de Misericórdia e vão-vos ser revelados os Mistérios Sagrados nelas contidos, mas, antes de vos revelar este importante Segredo, exigimos de vós que presteis juramento de aprendiz sobre tudo aquilo que tiverdes aprendido e sobre tudo aquilo que podeis esperar de nós. Prestai o juramento.

O Neófito: Comprometo-me, pelo meu juramento de aprendiz mação, a nunca desvender os segredos que me foram e que me virão a ser confiados.

Príncipe Excelente: Aceitamos o vosso juramento... Olhai, escutai e meditai.

PRIMEIRA EXPLICAÇÃO DO QUADRO

Príncipe Excelente: Vós vedes primeiramente:

1. Uma fogueira acesa.
2. Um braço armado com um comprido punhal.
3. Um anjo numa nuvem.

Estas três figuras representam o sacrifício de Abraão; a sua submissão às ordens do Eterno, que, querendo pô-lo à prova, lhe ordenou que sacrificasse o seu filho único, valeu a este patriarca a protecção do Senhor.

Este sacrifício generoso é o emblema do homem sábio que deve saber resignar-se, sem murmurar, às ordens da Providência.

4. Uma grande cruz.
5. Uma lança.
6. Uma coroa de espinhos.

Estas três figuras lembram-vos a Paixão.

Um Deus que se fez homem e que sofre para resgatar os pecadores. Uma morte ignominiosa é a mais sublime das acções de amor e de devoção.

Este sacrifício é o emblema de um pai generoso que deu o seu sangue para salvar os seus filhos; é representado no grau de Rosa-Cruz pelo pelicano.

7. Uma arca da aliança.
8. Tábuas da Lei.
9. Um turíbulo.

Estas três figuras lembram a manifestação do Senhor a Moisés, o qual lhe ordenou que construísse a Arca da Aliança. As tábuas da Lei contêm o precioso diálogo que é o princípio da Religião e o Turíbulo indica o culto do Verdadeiro Deus, do qual Moisés veio a tornar-se no fundador ao nomear o

Grande Sacerdote Aarão como chefe do Sacerdócio.

10. Uma figura de Mercúrio com todos os seus atributos.

11. Um escalfador encimado por um cadinho.

12. Um lingote de ouro.

Estas três figuras representam o princípio, a prata e o produto da Grande Obra.

13. Uma tocha ardente.

14. Um globo girando sobre o seu eixo.

15. Um triângulo equilátero de ouro.

Estas três figuras são o emblema do fogo central que anima tudo quanto existe, do movimento imprimido ao Universo, do qual resulta a eterna harmonia, e, finalmente, do Criador de todas as coisas.

Cavaleiro, a venda material caiu e vós começais a ler nos Mistérios, mas tal como a Ciência pode ser adquirida lentamente, do mesmo modo vós só podeis avançar a pouco e pouco na carreira que vos está aberta; antes de fazerdes novos progressos nos quais nós vos guiaremos, exigimos de vós um novo juramento.

Consentis em fazê-lo?

O neófito responde:

--Sim.

Príncipe Excelente: Visto que assim é, levantai a mão direita e repeti comigo:

«Juro e prometo pelo meu juramento de Mestre-Mação nunca revelar a nenhum mortal os Sublimes Mistérios que me vão ser desvendados.»

(O candidato repete este juramento juntamente com o Príncipe Excelente.)

Príncipe Excelente: Cavaleiro, a venda que velava o vosso espírito foi arrancada; ides ser iniciado. Prestai a vossa maior atenção àquilo que ides ouvir.

SEGUNDA EXPLICAÇÃO DO QUADRO

1. Uma fogueira acesa.

2. Um braço armado com um comprido punhal.

3. Um anjo numa nuvem.

Estas três figuras relativas ao sacrifício de Abraão representam o tipo da

primeira aliança entre Deus e o Homem, cujo sinal foi a circuncisão.

4. Uma grande cruz.
5. Uma lança.
6. Uma coroa de espinhos.

Estes três instrumentos da paixão de Jesus Cristo devem lembrar-nos continuamente a primeira aliança estabelecida entre Deus e o seu povo.

7. Uma arca da aliança.
8. Tábuas da Lei.
9. Um turíbulo.

Finalmente, estas três figuras são os penhores da terceira aliança que o Eterno estabeleceu com os Israelitas, por intermédio de Moisés, no deserto da desorientação, chamado El Tib pelos Árabes.

O conhecimento destas três vezes três figuras dá-nos direito ao sinal de que trazemos as marcas.

(O Príncipe Excelente fá-lo ver o sinal.)

Este sinal, que é o segundo, chama-se sinal de Carácter. A partir deste momento, vós ides deixar o nome de Cavaleiro para passardes a usar o título de Excelentíssimo, porque vós sois Excelentíssimo pela Tripla aliança do sangue de Jesus Cristo.

Dirigi agora a vosso olhar para o quadro, Excelentíssimo, e ouvide a explicação das últimas figuras.

10. Uma figura de Mercúrio com todos os seus atributos.
11. Um escalfador com um cadinho.
12. Um lingote de ouro.

Mercúrio representa aqui o Mercúrio dos Filósofos.

O escalfador e o cadinho são os instrumentos que nos servem para decompor e voltar a compor os elementos que devem entrar na composição da Grande Obra. E o lingote de ouro é o resultado positivo das nossas sublimes operações.

Finalmente:

13. Uma tocha ardente.
14. Um globo girando em torno do seu eixo.
15. Um triângulo equilátero de ouro, demonstram-vos:

1.º que a chama do génio deve iluminar todos os nossos trabalhos porque ela é o princípio do alimento da ciência;

2.º que as obras feitas à imagem daquelas que saíram das mãos do Grande Criador são, para toda a Eternidade, um globo que não tem princípio

nem fim, e

3.º que existem três espécies de ouro conhecidas: o ouro astral, o ouro elementar e o ouro vulgar, representado pelo triângulo equilátero.

Mas, Excelentíssimo, como a explicação destas figuras não é suficientemente clara, suficientemente precisa, para poder satisfazer o vosso espírito, vou interrogar diante de vós um dos meus ilustres colaboradores.

SISTEMA DA GRANDE OBRA

Príncipe Excelente: Irmão Primeiro Excelente, qual é o primeiro estudo de um filósofo?

R. É a busca das operações da Natureza.

P. Qual é o termo da Natureza?

R. Deus, tal como é o seu princípio.

P. Que representa a Luz dos Mações?

R. O sopro divino, o fogo central que vivifica.

P. Quais as qualidades que devem ter os escrutadores da natureza, Irmão Segundo Excelente?

R. Devem ser tal e qual como a própria Natureza; isto é, verdadeiros, simples, pacientes e constantes. Tais são os caracteres essenciais que distinguem os bons Mações, e quando é possível inspirar aos candidatos esses sentimentos logo já na primeira iniciação, estes estão antecipadamente preparados para adquirir as qualidades necessárias à classe filosófica.

P. Qual é a verdadeira e a primeira matéria dos metais?

R. A primeira e a principal é uma humidade do ar juntamente com um ar quente aderindo a todas as coisas puras e impuras.

P. Como é que os filósofos chamaram a essa humidade?

R. Mercúrio.

P. Qual é a segunda matéria?

R. É o calor da Terra, isto é, um calor seco a que os filósofos chamam Enxofre.

P. Qual é a vida dos metais?

R. Ela é apenas o fogo quando eles ainda estão enterrados na sua mina.

P. Qual é a sua morte?

R. A sua morte e a sua vida têm um mesmo princípio, visto que morrem pelo fogo, mas por um fogo de fusão.

P. Os diversos metais conhecidos possuem cada um deles diferentes origens?

R. Possuem todos uma mesma origem, mas o seu local de formação foi a causa directa das suas diferenças.

P. Irmão Primeiro Excelente, como é que se forma o ouro nas entranhas da Terra?

R. Quando a primeira matéria, de que falámos atrás, é sublimada no centro da Terra e passa pelos locais quentes e puros onde uma dada parcela das exalações adere às paredes, então esse vapor, esse Mercúrio dos filósofos, une-se, juntando-se a essa parcela que assim sublima; dessa mistura resulta uma certa untuosidade que, acabando por voltar a ser sublimada e passando por outros locais limpos pelo anterior vapor, locais esses onde a Terra é mais subtil, pura e húmida, enche os poros dessa terra, une-se a ela... e é então que se produz o ouro.

P. Qual é o objecto da busca dos filósofos?

R. É o conhecimento da arte de aperfeiçoar aquilo que a Natureza deixou imperfeito no género mineral e de conseguir chegar ao tesouro da Pedra Filosofal.

P. O que é essa Pedra?

R. A Pedra Filosofal não é outra coisa senão o húmido radical dos elementos, perfeitamente purificados e levados a uma soberana fixidez, o que faz com que ela possa produzir admiráveis coisas.

P. Irmão Segundo Excelente, qual o caminho que o Filósofo deve seguir para conseguir chegar ao conhecimento e à execução da obra física?

R. O mesmo que o Grande Arquitecto do Universo aperfeiçoou para a criação do Mundo, observando de que modo o caos veio a ser ordenado.

P. Quantas operações há na nossa obra?

R. Não há senão uma, a qual se limita à sublimação, não passando esta da elevação da substância seca, por meio do Fogo, com aderência ao seu próprio vaso.

P. Quando é que um filósofo deve empreender a confecção da Grande Obra?

R. Quando teoricamente já souber tirar de um corpo dissolvido por meio de um espírito cru um espírito digerido, o qual será necessário juntar de imediato ao óleo vital.

P. Irmão Primeiro Excelente, explique-me esta teoria mais claramente.

R. Para tornar a coisa mais clara, eis o processo; tal será quando o

filósofo souber dissolver, por meio de um mênstruo vegetal unido e de um mênstruo mineral, um terceiro elemento, com os quais, uma vez reunidos, é preciso lavar a terra e exaltá-la seguidamente em quintessência celeste para assim formar o seu raio sulfuroso, o qual penetra nos corpos num instante, destruindo os seus excrementos.

P. Quantas espécies de ouro distinguem os filósofos?

R. Três, como há pouco dissestes, o ouro astral, o ouro elementar e o ouro vulgar.

P. O que é o ouro astral?

R. Ele possui o seu centro no Sol, que o comunica a todos os seres inferiores, e é uma substância ígnea que recebe uma contínua emanção dos corpos subsolares que penetram em tudo aquilo que é sensitivo e vegetativo.

P. É nesse sentido que deve ser encarado o Sol pintado no quadro dos primeiros graus da Ordem?

R. Sim, Príncipe Excelente, pois todas as outras interpretações não passam de véus para encobrir perante o candidato as verdades filosóficas.

P. O que é o ouro elementar?

R. É a porção mais pura e mais fixa dos elementos e de todas as substâncias que deles se compõem, de modo que todos os seres incluídos nos três reinos contêm no seu centro um precioso grão deste ouro elementar.

P. Como é que esse ouro vem figurado nos quadros dos primeiros graus?

R. Assim como o Sol indica o ouro astral, a Lua significa o seu domínio sobre todos os corpos sublunares que lhe são subjacentes, os quais contêm no seu centro o grão fixo desse ouro elementar.

P. Explique-me o que é o ouro vulgar.

R. É o mais belo metal que a Natureza pode produzir, sendo, em si mesmo, tão perfeito como inalterável.

P. De que espécie de ouro é a Pedra Filosofal?

R. A segunda espécie, dado esta ser a mais pura porção de todos os elementos metálicos após a sua purificação.

P. Onde se encontra a matéria empregue?

R. Ela encontra-se em todo o lado, mas deve ser sobretudo procurada na natureza metálica, pois é aí que se encontra mais particularmente do que em qualquer outro lado.

P. Qual deve ser preferida a todas as outras, Irmão Segundo Excelente?

R. Deve preferir-se a mais perfeita, a mais própria e a mais fácil, mas é preciso tomar cuidado, sobretudo porque a essência metálica deve ser não só

em potência mas também em acto, devendo igualmente possuir um esplendor metálico.

P. Irmão Primeiro Excelente, foi dito tudo o que há a dizer a este respeito?

R. Sim, Príncipe Excelente, mas é preciso, no entanto, ajudar a Natureza, a fim de que a obra saia melhor e seja de mais rápida feitura, devendo isso ser feito segundo os meios indicados atrás e empregando o raio sulfuroso cuja origem já explicámos. E é através deste processo que poderá extrair-se da Matéria o puro ouro filosófico.

Príncipe Excelente (ao candidato): Como vedes, Excelentíssimo Irmão, por este pequeno apanhado da nossa teoria, a transmutação dos metais é-nos conhecida. Já é tempo de que tomeis conhecimento do fim e do objecto dos nossos trabalhos. Recebemos dos filósofos que nos precederam o importante segredo de como fabricar o ouro, mas os perigos acarretados por este admirável conhecimento obriga-nos a um trabalho incessante, desafiando as nossas próprias forças.

Em poucos dias de um estudo contínuo, tornando-vos na testemunha secreta das nossas operações, não tardareis a cooperar naquilo a que nós chamamos a Grande Obra; tornar-vos-ei um químico hábil e podereis fabricar ouro.

Mas há uma coisa importante a revelar-vos, a saber, que nenhum de nós tem o direito de desviar a mínima parcela deste metal precioso. Se os filósofos que me rodeiam não tomassem a Sabedoria como guia das suas acções, apoderar-se-iam de imediato do ouro que fabricam e procurariam obter com ele todos os prazeres que a riqueza pode dar. E o que resultaria daí? Que a facilidade de o produzir acarretaria a facilidade de o gastar, que o público, e até o próprio governo, ficariam bastante interessados em conhecer a fonte de tantos bens e que, finalmente, o imprudente não só acabaria por comprometer a sua pessoa e a sua vida, como causaria inevitavelmente a nossa perda.

A fim de prevenir todas estas desgraças, eis o andamento regular que adoptámos: todo o ouro saído do nosso laboratório, onde ides ser introduzido, é por nós depositado num cofre artisticamente concebido que contém para mais de cerca de três milhões de lingotes. A lentidão das nossas operações e as precauções que temos de tomar, a fim de afastar quaisquer suspeitas, exigem de nós três anos de trabalho para que possamos encher esse cofre. Quando este valor metálico estiver completo, o mais antigo dentre nós, que

está encarregado durante três anos das funções de que eu sou depositário, leva esse cofre, diz-nos o seu eterno adeus, após ter pronunciado um terrível juramento, e vai gozar numa qualquer região longínqua os frutos do seu trabalho, dos seus estudos, da sua discrição. De três em três anos, perdemos assim um dos nossos colaboradores, que é substituído por um novo Irmão. Felicito-vos, Irmão Excelentíssimo, por terdes merecido, devido aos vossos conhecimentos e às vossas virtudes, para tal serdes chamado. Julgai agora da importância dos nossos trabalhos e da felicidade que vos espera se a morte não vos surpreender antes de ter chegado a vossa vez de participardes nas nossas riquezas.

Como esse dia afortunado pode, contudo, chegar mais cedo do que aquilo que ousamos esperar, e como temos obrigação de prever todas as eventualidades, é preciso, de acordo com os nossos regulamentos, aos quais nada pode ser mudado, que respondais a algumas importantes perguntas que vos vão ser feitas. Reflecti bem antes de falardes e pensai em que as vossas respostas nos darão a medida exacta da vossa prudência e do vosso discernimento.

P. Qual o país que escolhereis para vos retirar, quando nos deixardes com os vossos tesouros, de entre a Rússia, a Inglaterra ou os Estados Unidos da América, que são os únicos para onde vos é permitido ir, segundo as regiões do Globo destinadas a cada um de nós?

R. (Resposta do candidato.)

P. De que meios vos servireis para levar o vosso dinheiro sem correr perigos e quais serão as vossas precauções para trocar o vosso ouro contra dinheiro em circulação, a fim de evitar que alguém possa vir a molestar a nossa tranquilidade?

R. (Resposta do candidato.)

(O Príncipe Excelente pode levantar objecções às respostas do candidato no decorrer do interrogatório, a fim de o tranquilizar quanto às boas intenções do seu juízo.)

Príncipe Excelente: Enfim, Irmão Excelentíssimo, conseguistes ultrapassar vitória e gloriosamente todos os obstáculos que se opunham à vossa iniciação. Sois doravante possuidor dos segredos filosóficos e eis-vos chegado ao grau de elevação exigido por Salomão, o mais sábio de todos os Reis, àqueles que o ajudaram na confecção da Grande Obra. Mas não é tudo, Excelentíssimo. A venda material e a venda espiritual já não existem para vós, mas continua, contudo, a haver uma terceira venda, que ainda não foi

rasgada, aquela que permite interpretar a chama da Verdade, cujos raios devem iluminar a vossa alma. Reuni, pois, todas as vossas forças morais, pois ides precisar delas, para a penosa reflexão que ides efectuar sobre aquilo que, no fundo, sois. Irmão Guardião Sagrado, trazei-nos o paládio.

(O Irmão Guardião Sagrado traz a estátua da Verdade coberta pelo seu véu tricolor.)

Descobri esse imortal emblema dos nossos trabalhos.

(O Irmão Guardião Sagrado retira o véu.)

Príncipe Excelente (ao candidato): Reconheceis esta figura pelos atributos que a rodeiam?

O neófito responde:

--Sim.

--Qual é o seu nome?

O candidato responde:

--A Verdade.

--É de facto ela, Excelentíssimo. Deveis compreender qual o significado da sua presença aqui. Lembrai-vos de que até agora nunca a palavra sagrada da Verdade saiu da nossa boca, e, assim sendo, tudo aquilo que vistes, tudo aquilo que ouvistes, em vez de emanar desta deusa resplandecente, foi-vos oferecido sob o véu da alegoria, mas esse espesso véu, essa venda da alma, vai agora tombar... Pronunciai comigo o vosso terceiro e último juramento.

(Obriga o candidato a pôr um joelho em terra.)

--Juro sobre tudo aquilo que tenho de mais sagrado, sobre a minha honra e a verdade, nunca dizer, escrever ou comunicar, seja de que forma for, os segredos do Sublime Grau de Príncipe de Misericórdia. Nunca confessar a ninguém, mesmo com risco da própria vida, nem como, nem em que local, nem por quem me foi confiado este grau, a menos que aquele ou aqueles de quem o recebi me dêem a sua expressa permissão.

Príncipe Excelente: Excelentíssimo, a vossa terceira venda caiu. A Verdade vai falar.

(A estas palavras, o Príncipe aproxima-se da estátua, faz o primeiro sinal e retira do pedestal o livro sagrado, que lê.)

«Mortal, aprende a conhecer-te. Tudo aquilo que lisonjeia o teu orgulho ou a tua cupidez seduz-te; reconhece, pois, de imediato, o teu erro.

«Como pudestes acreditar em que filósofos, amigos da sabedoria, consumissem o seu tempo e a sua vida na busca de um metal desprezível e causador de tantos males? A Pedra Filosofal, esse tesouro inapreciável que

tantos esperam encontrar por meio de cálculos e de trabalhos ridículos e absurdos, a Pedra Filosofal existe.

«Queres possuí-la? Queres usufruir de todos os bens que ela granjeia? Lembra-te das tuas faltas passadas, pensa no bem que pudeste ter feito, põe numa balança justa o bem e o mal, e verás que a soma das tuas tendências viciosas e de todos os teus erros é muito superior à das tuas boas acções e das tuas virtudes. E, após este exame, toma a nobre decisão de mudar de conduta. Jura solenemente a ti próprio evitar a ocasião de agires mal e procurar a ocasião de fazer o bem; toma bem consciência da importância do compromisso que contraíste perante o céu. Então, podes passar a avançar sem receio pelo caminho da vida... Se sentires contrariedades, se a desgraça te perseguir, se te sentires oprimido por revezes inesperados, que o teu coração permaneça firme no meio da tempestade, tal como um rochedo batido pelas vagas, e oferece os teus sofrimentos ao Eterno que, com um olhar, abarca o Universo, em expiação dos teus erros. Não olhes para o homem opulento, porque só pensarias no brilho que o rodeia e não repararias nas preocupações que o roem, nos remorsos que talvez o despedacem.

«Mas lança o teu olhar para essa classe infortunada que inunda o centro das cidades; reflecte, analisa aprofundadamente as privações por ela sentidas, as misérias que patenteia. Pensa na sorte cruel que lhe está destinada, sem quaisquer compensações, sem esperanças de lenitivos! Treme... e se não tens um coração de tigre, não voltarás a condoer-te com as tuas penas, bem pelo contrário, resignar-te-ás! A força de saber aguentar o seu destino, a coragem de saber submeter-se à sua condição, de se satisfazer com ela, a paz de espírito que nasce de uma consciência pura e de uma consciência sem limites, onde reina a justiça do Soberano Árbitro dos Mundos: eis a pedra filosofal!

«E então a tua alma estoica planará acima das misérias humanas, que já não poderão atingir-te, não porque ela se tenha tornado insensível ao desgosto, consequência inevitável dos laços que nos prendem à vida, mas sim porque ela estará calma, inquebrantável no meio da adversidade, para, de certa forma, vir a sobreviver no futuro, a fim de usufruir da recompensa reservada à virtude.»

--Excelentíssimo, comprazo-me em pensar que a pureza destes princípios está de acordo com o sentir do vosso coração.

TERCEIRA EXPLICAÇÃO DO QUADRO

1. *Uma fogueira acesa*: a fogueira é aquela em que Jacques Molay e os seus infelizes companheiros expiaram na dor os seus pecados. Fé, Resignação, Constância heróica.

2. *Um braço com um punhal*: este braço é o dos assassinos fanáticos. Crimes impunes. Dores, vinganças.

3. *Um anjo numa nuvem*: este anjo é o génio dos grandes feitos que se eleva nos céus. Liberdade, Entusiasmo, Glória.

4. *Um machado*: arma dos cavaleiros que seguiram Godefroy de Bouillon até à Palestina. Nobreza, Valor, origem dos Templários.

5. *Uma cruz*: estandarte dos heróis da Terra Santa que traz à memória as maiores recordações. Atribulação, Humildade, Vitória.

6. *Uma coroa de espinhos*: a haste das Rosas afasta a mão do temerário. A dor é afim do prazer. Sacrifício, Martírio, Triunfo.

7. *Uma arca da aliança*: manifestação de um deus que, de certa maneira, se despoja da sua imensidade para vir habitar entre os homens. David religioso, Aliança, Divindade.

8. *Tábuas da Lei*: preceitos de uma moral sublime emanados de uma inteligência celeste. Religião, Decálogo, Justiça.

9. *Um turíbulo*: culto de que se rodeiam os preceitos da sabedoria. Sacerdócio, Cerimónias, Imaginação.

10. *Um Mercúrio com todos os seus atributos*: Menés, um dos primeiros reis do Egipto. Império, Artes, Protecção.

11. *Um escalfador encimado por um cadinho*: assim como os metais se purificam pela fusão, assim a alma se regenera pela ciência. Purificação, Doutrina, Instrução.

12. *Um lingote de ouro*: móbil das acções humanas que a força da razão reduz ao seu justo valor. Corrupção, Ambição, Prudência.

13. *Um tocha ardente*: a verdade deve iluminar as nossas acções no difícil caminho da vida. Luz, Força, Segurança.

14. *Um globo girando sobre o seu eixo*: assim os mundos lançados no espaço estão submetidos nas suas revoluções a um poder invisível. Eternidade, Força centrípeta, Harmonia.

15. *Um triângulo equilátero de ouro*: o aspecto da divindade impressiona os nossos sentidos sob a forma da figura mais perfeita. Delta, Trindade, Ternário.

(O Príncipe Excelente manda o candidato aproximar-se do altar, fá-lo pousar um joelho em terra e institui-o Príncipe de Misericórdia dando dezasseis pancadas na sua flecha com uma outra flecha.)

Príncipe Excelente (passando-lhe o cordão e o avental): Excelentíssimo, revisto-vos com a indumentária tricolor que caracteriza o nosso grau. Sêde sempre digno de a usar. E recebei agora os sinais, palavras e toques particulares dos Príncipes de Misericórdia.

(Transmite-lhos e ordena-lhe que vá dar-se a conhecer.)

--Aplaudamos, Excelentíssimos, pela feliz aquisição que acabamos de fazer.

(Aplausos.)

EXPLICAÇÃO DO DEVER

Sendo o número três o número mais perfeito aos olhos dos maçons, deve ter-se reparado em que tudo era feito por três neste grau sublime. Ora, o dever que se compõe deste número conduz ao seu cubo através das seguintes progressões: três vezes três são nove. Nove vezes nove são oitenta e um, compreendendo tudo aquilo que se figura por três neste grau.

Três céus

Três cores

Nove

Três vezes três colunas

Três vezes três estrelas por coluna

Três pontas de flecha

Nove

Três vezes três flechas na coroa

Três viagens

Três degraus na escada

Nove

Três vezes três degraus (na bancada por onde se sobe na 1ª viagem)

Três virtudes teologais

Três palmadas

Nove

Três vezes a volta ao Quadro

Três vezes cinco figuras no Quadro

Três explicações do Quadro

Nove

Três palavras alegóricas em cada figura da explicação do Quadro

Três juramentos

Três vendas: a material, a do espírito e a da alma

Nove

Três alianças ou a Tripla Aliança

Três espécies de ouro

Três explicações destas três espécies nos primeiros graus

Nove

Três milhões prometidos

Três anos de trabalhos indicados

Três passos do caminho

Nove

Três pressões do toque particular

Três sinais

Três palavras profanas

Nove

Três palavras sagradas

Total

Oitenta e um

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Os trabalhos são encerrados tal como foram abertos; à parte o facto de, antes de aplaudir, o Príncipe Excelente voltar a pôr o livro da Verdade no seu lugar e ser prestado o juramento do Silêncio, de mãos voltadas para o paládio, que o Guardião Sagrado cobre seguidamente com o seu véu.

TERCEIRA PARTE

O Eterno disse a Salomão:

*«Porque tu não pediste para ti nem longa vida,
nem a riqueza, nem a vida dos teus inimigos, mas
porque pediste para ti o Conhecimento... dou-te
um coração sábio e inteligente...»*

I. Reis III, 11, 12.

A ROSA-CRUZ EM FINS DO SÉCULO XIX

Até às primeiras décadas do século XIX, a Rosa-Cruz brilhou em toda a Europa, particularmente na Escandinávia e nos Estados do Santo Império.

Depois, obedecendo ao seu cíclico destino, eclipsou-se. Não que desaparecesse inteiramente. Para nos servirmos da analogia da Fénix, restaram algumas cinzas esbraseantes: uns quantos grupúsculos secretos, que só recrutavam os seus adeptos através de uma severa cooptação, seguida de longas provas probatórias. Estes conventículos ocultaram-se sob alguns altos graus da franco-maçonaria escocesa, sobretudo no seio de credos ditos «irregulares», ignorados do público profano.

Actualmente, a Rosa-Cruz de Ouro já só é representada em França por um único *magus*, o qual, ainda por cima, é membro da câmara directiva da Ordem Martinista.

Por volta de 1865, manifestou-se em Londres a Societas Rosicruciana in Anglia (SRIA), cujo primeiro *imperator* conhecido foi o baronete Edward Bulwer Lytton (1803-1873),⁰⁸⁶ diplomata e escritor, sendo autor, em particular, de *Zanoni*, *The Coming Race*, *The Last Days of Pompei* (*A Raça Que Há-de Vir*, *Os Últimos Dias de Pompeia*). Foi o mecenas do mago francês Eliphas Lévi.⁰⁸⁷ Este fora bem sucedido, com o concurso do *imperator*, em diversas «evocações» espíritas, uma das quais foi a de Apollonius de Tiana, taumaturgo do século III.

A SRIA continua a existir. O número dos seus membros, todos mestres mações, está limitado a setenta e dois. Afirma-se que agora se limitam a investigações de ordem histórica, tendo abandonado as «operações» alquímicas ou mágicas.

Por volta de 1885, em França, a Rosa-Cruz retomou, sob novas formas, uma nova força e um novo vigor. Papus explica-nos em que circunstâncias isso sucedeu. Resumimos aqui um opúsculo publicado por volta de 1900, *sub rosa*, e destinado a alguns raros iniciados.

O movimento Rosa-Cruz, saído da *Fama*, teria continuado sob o véu do silêncio, ou ao abrigo de outras organizações iniciáticas, se alguns ocultistas

estrangeiros não tivessem pretendido arrancar a França, local de eleição das tradições ocidentais, às suas origens, para a arrastarem num movimento que deveria vir a mudar o eixo gravitacional do esoterismo, a fim de o vir a situar fora de Paris... Teria sido um sacrilégio permitir que se aniquilasse a obra dos mestres do Ocidente.⁰⁸⁸ Assim, foi decidido *em elevado local* que seria empreendido um movimento de difusão destinado a seleccionar, pelo trabalho e pela análise, os iniciáveis capazes de adaptarem a tradição esotérica ao século que ora ia iniciar-se.

... Vejamos, pois, qual o estado dos curiosos do esoterismo em 1887, na altura em que Guaïta passou a encabeçar o movimento rosa-cruciano.

Os *Materialistas* detinham o poder em toda a parte e viam as suas ideias ser freneticamente acolhidas por uma juventude ávida de prazer e de poder.

Os *Espiritualistas* compunham-se, na sua maioria, de espíritos fervorosos, mas, ainda que numerosos, estes estavam divididos e eram impossíveis de disciplinar.

A partir de 1884, algumas associações estrangeiras tinham envidado sérios esforços no sentido de tentar trazer para Londres o centro de direcção do ocultismo europeu. Os Franceses foram suficientemente clarividentes para evitar a armadilha e a Ordem Martinista conseguiu fazer abortar definitivamente o astucioso plano.

As sociedades iniciáticas francesas então em actividade eram a *Franco-Maçonaria*, cuja secção espiritualista estava praticamente adormecida em consequência da oposição de diferentes tendências políticas.

Do lado dos *Iluminados* encontravam-se, em primeiro lugar, alguns grupos dispersos organizados por Eliphas Levi e alguns filhos espirituais de Jean-Baptiste Willermoz e de Swedenborg.⁰⁸⁹

Foi nestes centros que o novo movimento espiritualista se foi apoiar.

... E é a Saint-Yves d'Alveydre que cabe a honra de ter inspirado, graças à sua poderosa e generosa intelectualidade, os chefes do ocultismo contemporâneo e, na primeira linha, Stanislas de Guaïta.

Foi pois o autor das *Missões* quem, ao insistir na tradição cristã, que estava ser sacrificada à tradição pagã, veio a tornar-se no mestre espiritual da geração dos cabalistas da nossa época.

Foi desenvolvido um considerável esforço com vista a substituir as acções individuais por agrupamentos *hierarquizados* de acordo com o espírito da verdadeira Rosa-Cruz. Stanislas de Guaïta recebeu o cargo da sua

direcção oculta...

Oriundo de uma ilustre linhagem florentina estabelecida na Lorena desde há várias gerações, Stanislas de Guaïta veio muito cedo para Paris, onde foi bastante apreciado como poeta menor em alguns cenáculos literários. Este homem rico, brilhante, buscava visivelmente a sua via quando leu o *Vício Supremo* (1884), de Joséphin Péladan, prefaciado por Barbey d'Aurevilly. Esta abordagem da tradição esotérica foi para ele uma revelação. Adquiriu, leu e meditou nos clássicos do ocultismo, e particularmente naqueles que, directa ou indirectamente, emanavam da Rosa-Cruz essencial.

No seu luxuoso rés-do-chão de Montmartre, 20, avenida Trudaine, veio a constituir uma magnífica biblioteca, onde foi acumulando as edições e os manuscritos mais raros. Era inteligentemente ajudado numa tal tarefa por Oswald Wirth, cujas obras sobre o simbolismo maçónico passaram a ser mais tarde indispensáveis a quem quisesse abordar o assunto.⁰⁹⁰

«Guaïta, reconhece Victor-Émile Michelet, foi um dos elos mais brilhantes da cadeia mágica dos filhos de Hermes no Ocidente.»

O essencial da mensagem esotérica, rosa-cruciana, de Stanislas de Guaïta vem expresso nos três tomos dos *Ensaio de Ciências Malditas*:

Em primeiro lugar, *O Templo de Satã*, estudo sobre a magia negra, considerada como a manifestação prática, para e pelo Mal, das forças misteriosas da natureza.

Seguidamente, na *Chave da Magia Negra*, Guaïta, estuda o poder da acção das forças com que Satã disputa a mestria ao Senhor da Luz.

O Problema do Mal é uma obra inacabada, mas, na sua revista *O Simbolismo*, Marius Lepage forneceu alguns dos seus fragmentos inéditos que permitem seguir o pensamento profundo de Guaïta.

Oswald Wirth define do seguinte modo Stanislas de Guaïta:

«Ele presta-nos o enorme serviço de nos elevar acima da grosseria das concepções vulgares... Guaïta só foi tão longe para poder compensar o exagero materialista da sua época. Os seus livros são um contraveneno. Ele foi um crente, iluminado por uma ardente fé de pensador.»

Em 1888, fundou a Ordem Cabalística da Rosa-Cruz, dirigida por um supremo conselho composto por doze membros; destes, seis deviam

permanecer rigorosamente desconhecidos, só podendo ser conhecidos os outros seis: Papus, Barlet, Joséphin Péladan, Paul Adam, Gabrol, Thoron; Guaïta era quem presidia.

Mais tarde, este supremo conselho veio a compreender Mac Haven, o abade Alta, Paul Sédir, Augustin Chaboseau. Eis o que nos revela a revista *A Iniciação*, de 1889:

O sinal distintivo dos membros do supremo conselho é a letra hebraica *Aleph*. Para além deste grau superior, existem dois outros graus em que a iniciação é dada. Cada novo membro presta juramento de obediência às orientações da comissão directiva... mas pode abandonar a sociedade quando muito bem lhe aprouver, sob a única condição de guardar segredo a respeito das ordens ou dos ensinamentos recebidos. São ensinados a cabala e o ocultismo.

A Ordem Cabalística da Rosa-Cruz conferia graus de universidade livre. Outorgou igualmente alguns títulos de doutor.

O primeiro exame era sancionado com o título de «bacharel em cabala»; o segundo com o de «licenciado em cabala». Finalmente, um terceiro exame, comportando a defesa de uma tese com discussão sobre todos os pontos da Tradição, conferia o doutoramento.

O primeiro exame incidia:

1.º -- Sobre a história geral da tradição ocidental, particularmente sobre a Rosa-Cruz.

2.º -- Sobre o conhecimento das letras hebraicas, da sua forma, do seu nome e do seu simbolismo.

O segundo exame relacionava-se com:

1.º -- A história geral da tradição religiosa ao longo dos tempos, insistindo particularmente sobre a unidade do dogma através da multiplicidade dos símbolos.

2.º -- O conhecimento das palavras hebraicas quanto à sua constituição.

Esta parte do exame era oral, devendo ainda os candidatos sujeitar-se a um exame escrito incidindo sobre uma questão filosófica, moral ou mística.

Citando o tema de algumas teses, daremos assim uma ideia da orientação geral da ordem; esta lista é extraída da revista *A Iniciação* (Novembro de 1894):

Parvus: *Do simbolismo do esquadro na franco-maçonaria*; L. Lézard: *A*

Gnose de Valentin; P. Sédier: *Urim e Thummim*; Dr. Delezinier: *Do sentido e do simbolismo da palavra Caím*; A. Poisson: *A Mónada hieroglífica de John Dee*; H. Girgois: *A Franco-Maçonaria na Argentina*; Marc Haven: *Uma prancha de Khunrath*; P. Sédier: *O sistema solar segundo a Cabala*; A. Poisson: *A Vida de John Dee*; Barlet e Lejay: *A Arte e o esoterismo*; Papus: *Ísis, o seu nome e os seus mistérios*; H. Girgois: *O Oculto entre os aborígenes da América do Sul*; H. Château: *O Zohar*, tradução francesa.

No supremo conselho da Rosa-Cruz houve três personalidades que escaparam às brumas do olvido. Voltaremos daqui a pouco a falar de Stanislas de Guaïta e de Péladan. De momento, deter-nos-emos por algum tempo em Paul Adam, Sédier e Papus.

Paul ADAM.

Não caberia no âmbito deste trabalho enumerar, aqui e agora, todos os títulos da sua obra, obra vasta, emaranhada, por vezes mesmo desigual. Citemos apenas os seguintes:

- Algumas obras naturalistas, as suas obras de juventude: *Carne Fraca* (1885); *O Chá em Casa de Miranda* (1886); *As Meninas Goubert* (1886), tendo esta última sido escrita em colaboração com Moréas.
- Algumas obras de antecipação, que abriram o caminho à ficção científica. E sobretudo:
- Uma tetralogia, composta de *A Força* (1899); *A Astúcia* (1903); *A Criança de Austerlitz* (1902); *O Sol de Julho* (1903).

Nos seus *Companheiros da Hierofania*,⁰⁹¹ Victor-Émile Michelet evoca assim a personalidade de Paul Adam:

«Quando Paul Adam reconstituiu o quadro da vida francesa nos primeiros anos do século XIX, misturando aos frutos da sua imaginação alguns personagens de *A Comédia Humana* e de *Os Miseráveis*, intuiu com clareza quais as mãos ocultas que então puxavam os cordelinhos dos importantes títeres que prendiam a atenção do "mundo profano".

«Toda a obra deste espírito múltiplo e prolífico pretende representar, paralela ou tangencialmente à acção dos homens, a acção daquilo a que ele chama as Forças. Estas Forças são os seres a que uma terminologia anterior chamava Anjos, Demónios ou Egrégoros.»

Paul SÉDIR.

Yvon le Loup nasceu em Dinan, a 2 de Janeiro de 1871. Muito jovem ainda, veio para Paris, onde veio a empregar-se no Banco de França. Atraído (e sem dúvida que predestinado) pelas ciências ocultas, veio a conhecer Papus e Stanislas de Guaïta. Publicou inúmeros opúsculos e artigos. Foi então que adoptou o pseudónimo de Sédir.

Um dia, subitamente, para espanto dos seus amigos e discípulos, lançou borda fora «os tesouros da sabedoria»...

Eis, de acordo com uma nota autobiográfica, em que circunstâncias isso sucedeu:

«Abordei inúmeros temas desde 1887, época em que estes estudos começaram a apaixonar-me. Faltaram-me frequentemente as comodidades materiais, ao passo que uma sorte imerecida colocava no meu caminho autorizados representantes de todas as Tradições. A discrição impediu-me de narrar publicamente as coisas que homens obscuros, mas extraordinários, consideravam como devendo permanecer secretas. Depois, encontrei um homem de Deus e, doravante, consagrei-me ao único necessário: a Jesus Cristo.»

Sédir evocou, em termos discretos, esta conversão no seu livro *Iniciação*.

Deu algumas conferências, as quais foram reunidas em volumes que têm vindo a conhecer uma audiência cada vez maior, e isto não só entre os esoteristas, mas também no seio de um público inquieto e culto. Criou-se em torno dele um movimento cristão independente, as Amizades Espirituais.

Sédir morreu a 3 de Fevereiro de 1926; repousa no cemitério Saint-Vicent, em Montmartre, onde o seu mausoléu tem sido objecto de peregrinações fervorosas mas discretas.

PAPUS.

A eminente personalidade de Papus domina todo o ocultismo contemporâneo.

Papus é o hierónimo do doutor em Medicina Gérard Encausse (1865-1916), que foi o fundador (ou quem a ressuscitou) da Ordem Martinista e que é o autor de numerosas obras consagradas às altas ciências, tais como o *Tratado Metódico de Magia Prática* e o *Tratado Metódico de Ciência*

Oculata.

Foi o conselheiro do czar Nicolau II, que iniciou no martinismo, e o fervente e afectuoso discípulo do *Senhor Philippe*, o mago de Lyon (1849-1905).

Quando a Ordem Cabalística da Rosa-Cruz reuniu o número de filiados necessário, ele desenvolveu simultaneamente uma acção oculta com vista a preservar a civilização judaico-cristã e uma acção de propaganda no seio de um público de profanos, mas interessados pelas ciências ocultas. Graças à revista *A Iniciação* e a alguns mecenas, a Rosa-Cruz Cabalística reeditou e analisou alguns clássicos da arte real: Eliphas Lévi, Fabre d'Olivet, Hoene Wronski, Jacob Böhme, Swedenborg, Martines de Pasqually e Louis-Claude de Saint-Martin, isto para só citar os principais.

E, dentro em breve, alguns estudantes sinceros, já versados nas ciências, nas artes e nas letras profanas, encontraram, ou julgaram encontrar, uma síntese dialéctica entre a ciência materialista e a fé num esoterismo transcendendo o mundo profano.

JOSÉPHIN PÉLADAN.

Joséphin Péladan (1859-1918) fora um dos fundadores da ordem da Rosa-Cruz, fundada e animada por Stanislas de Guaita. Mas, dentro em breve, vem a tornar-se em censor e, mais tarde, em adversário daquele que fora o seu amigo fraterno. Péladan atribuiu-se o hierónimo de Sâr Merodak que, segundo ele, recebera, por consagração «astral», dos magos da Caldeia. A maioria dos seus contemporâneos julgaram-no em função da sua original maneira de vestir e dos seus excessos verbais. Victor-Émile Michelet deixou-nos este seu retrato:

«Péladan possuía a fogosidade e o brilho dos Meridionais. Possuía a sua eloquência e exuberância. Quis a celebridade sem ter a paciência necessária para esperar obscuramente pela glória. Ele não meditara nas palavras de Barbey d'Aurevilly, seu mestre: "Não há destino mais belo e sublime que o do génio que permanece na sombra".»

Deixou uma abundante série de romances e de ensaios, agrupados num *Anfiteatro das Ciências Mortas*, onde uma boa dose de talento é, por vezes, iluminada por autênticos rasgos de génio. Em França, está hoje em dia esquecido. Na Bélgica e na Suíça, possui alguns fervorosos discípulos que, separando o trigo do joio, extraíram da sua obra a quintessência de um

autêntico ensino rosa-cruciano. Na Alemanha, antes do nazismo, as suas traduções alcançavam importantes tiragens.

Foi em Agosto de 1890 que o Sâr Merodak (Péladan) dirigiu aos seus cinco pares do supremo conselho da Rosa-Cruz cabalista uma «circular», que publicamos *in extenso* a fim de mostrar o seu estilo e a sua personalidade.

Acta Rosae Crucis
(A Rosa-Cruz do Templo)

Sob o Tau, a Cruz grega, a Cruz latina, diante do Beaucéant e da Rosa crucífera,

Em comunhão católica com Hughes de Payen e Rozenkreuz, o SÂR PELADAN, mestre da ordem da Rosa-Cruz do Templo, assistido pelo septenário LL. SS. GARY de LACROZE, conde de LARMANDIE, conde Antoine de LA ROCHEFOUCAULD, Elémir BOURGES, SAINT-POL ROUX, SAMAS,

Ordena

Em nome de Jesus, único Deus, e de Pedro, único rei,

A todos aqueles que ouvem o segundo versículo do Bereshit, sob pena de serem expulsos da Ordem para sempre,

Para concentrarem os seus esforços de Luz no plano artístico,

Para este fim, e a partir deste momento é criada (devendo as instituições permanecer secretas),

A ROSA-CRUZ ESTÉTICA

Verbificado (sic) em Paris, na festa da Ascensão do Redentor e assinado pelos Sete...

Dentre os «Sete», há dois que merecem que neles nos detenhamos um pouco.

Em primeiro lugar, Elémir Bourges (1852-1915), membro fundador da Academia Goncourt, que compôs, à medida dos seus sonhos grandiosos, um pequeno número de obras apaixonadamente meditadas, tais como *O Crepúsculo dos Deuses*, *Os Pássaros Voam e as Flores Caem* e, sobretudo, *A Nau*, que levou trinta e quatro anos a escrever.

Depois, Saint-Pol Roux, dito *o Magnífico* (1881-1940), o autor do libreto *Louise*, que Charpentier musicou. Proclamado pelos surrealistas como um dos seus precursores, confinou-se a uma altiva solidão e veio a ser vítima do bombardeamento de Brest, em 1940. *A Dama da Foice* é a sua obra-prima.

O Sâr Péladan teve uma benéfica influência sobre a estética «fim de século». Primeiramente, o músico Erik Satie foi seu amigo e discípulo. E, principalmente, veio a organizar, na galeria Durand-Ruel, o *Salão da Rosa-Cruz*, que foi um acontecimento tipicamente parisiense.

Foram contactados perto de 23 000 visitantes, número que até então nunca fora alcançado por uma manifestação artística. Péladan revelou possuir autênticos talentos; salões análogos vieram a suceder-se de 1892 a 1897, com resultados algo diversos.

É a Papus que ficamos a dever um dos mais sinceros juízos sobre Péladan:

«Este admirável artista, ao qual o futuro fará justiça (julgando-o à margem das suas vias, talvez demasiado pessoais, de realização), encabeçava o movimento de espiritualização da estética, cujos frutos ainda mal começaram a ser visíveis e que terão uma profunda influência na arte de amanhã...»

Após o cisma de Péladan, a Rosa-Cruz de Stanislas de Guaita excomungava Péladan, a 5 de Agosto de 1891, através de uma emenda cujo preâmbulo é o seguinte:

«Considerando que um membro demissionário do conselho, o Sr. Péladan, fundou em Agosto de 1890 uma seita cismática; considerando que essa seita, da qual o Sr. Péladan se proclamou grão-mestre e arquimago, patenteia sentimentos de um ultramontanismo intransigente, de enfeudamento à Santa Sé, etc., diametralmente hostis àqueles que desde sempre têm sido professados pelos irmãos da Rosa-Cruz; tendo em conta que o Sr. Péladan e os seus se exprimiram publicamente em termos ambíguos e de molde a estabelecer uma confusão entre a Ordem Cabalística da Rosa-Cruz (CRO) e a sua seita cismática (RCC)...»

Entrementes, alguns rosa-cruz trabalhavam na sombra, ou numa semiclandestinidade. Fazemos, neste domínio, certas revelações totalmente ignoradas pela maioria dos esoteristas contemporâneos.

E, em primeiro lugar, a da existência e da organização da G. D. e da H. B. of L., tal como dizem os filiados nestes dois grupos mágico-rosa-crucianos. O H. B. of L.

Esta sigla é a da Hermetic Brotherhood of Luxor (Fraternidade Hermética de Luxor), que surgiu em Boston por volta de 1880, e que entrou rapidamente em conflito, primeiro com os grupos espíritas que se reclamavam continuadores de Allan Kardec e depois com os dirigentes da Sociedade Teosófica.

Associação altamente secreta, o H. B. of L. continua a existir, contando com poucos adeptos, mas com adeptos convictos e o seu estado-maior reside actualmente em Zurique. É poderosamente hierarquizado, estando os seus aderentes ligados por juramentos execratórios (que não são vãs ameaças). O seu ensino oral ou por correspondência é dado por graus, e exige um intenso trabalho pessoal.

A leitura e a meditação de obras recomendadas constituem uma propedêutica. Citemos:

- *Light of Egypt, Celestial Dynamics, Language of the Stars*, que teriam sido redigidas, segundo René Guénon, por T. H. Bourgoynne, um dos primeiros animadores do H. B. of L.
- *Ghostland*, traduzida para francês sob o título de *No País dos Espíritos*, e que é atribuída a Mrs. Hardinge Britten.

Ghostland revela-nos que a introdução na via real não depende de reiterados pedidos ou de investigações de erudição profana, resultando, sim, de uma predestinação.

«Uma instrução externa, precisa-se aí, é relativamente irrelevante, enquanto via para atingir o conhecimento. A glândula torna-se carvalho, a noz da Índia torna-se palmeira, mas o carvalho bem pode produzir miríades de outras glândulas, pois não será por isso que ele próprio voltará a tornar-se em glândula, nem a palmeira a tornar-se em noz. O mesmo acontece em relação ao homem; a partir da altura em que a alma se manifestou no plano humano, ela já não pode voltar a passar para planos infra-humanos...

«... O iniciado é comparável à glândula e ao carvalho. A alma do embrião, não individualizada, torna-se num "homem verdadeiro", tal com a glândula se torna em carvalho, e do mesmo modo que o carvalho dá origem a uma inumerável quantidade de glândulas, assim o homem que chegou à iniciação

produz, por seu turno, uma infinidade de almas, mas apenas algumas dentre estas conseguem atingir o seu pleno desenvolvimento.»

O que se segue precisa de que modo o H. B. of L. assegurava o seu recrutamento pela astrologia:

«Cada raça de seres humanos, considerada em si mesma, é imortal. O mesmo sucede com cada ciclo. Os seres do primeiro ciclo são, espiritualmente falando, os parentes dos do segundo ciclo... Cada ciclo compreende uma vasta família constituída pela reunião de diversos agrupamentos de almas humanas; cada condição é determinada por uma trindade de leis ocultas: a lei da Forma, lei da Actividade e lei da Afinidade.»

O seu primeiro secretário-geral foi o Escocês T. H. Burgoyne e o grão-mestre visível foi um Americano, Peter Davidson, que Papus considera «um dos mais notáveis entre os adeptos ocidentais».

Papus estava perfeitamente qualificado para o julgar, visto que o seu filho, o doutor Philippe Encausse, escreve:

«Esta sociedade (H. B. of L.) desempenhou verosimilmente um importante papel no domínio das realizações práticas e, a partir de 1885, Papus foi um dos agentes desta sociedade, na esfera em que viria a tornar-se numa autoridade em França.»

Um documento anónimo precisa:

«O H. B. of L. propõe-se desenvolver a teoria oculta sob o ponto de vista da intelectualidade e por meio das tradições próprias do Ocidente; ela ensina determinadas práticas tendentes ao desenvolvimento das faculdades espirituais.

«A sua entrada é difícil, estando inapelavelmente submetida às tendências ocultas dos postulantes, determinadas pelo exame esotérico do seu tema astrológico.»

THE GOLDEN DAWN (A Alvorada de Ouro)

Louis Pauwels e Jacques Bergier -- no *Despertar dos Mágicos*⁰⁹² -- revelaram qual o papel desempenhado por *The Hermetic Brotherhood of the Golden Dawn in Outer* (A fraternidade hermética da Alvorada de ouro, no exterior) ou, por abreviatura, *The Golden Dawn*, ou até mesmo a *G. D.*

Eles demonstram que este grupo esotérico foi o «laboratório» onde se elaboraram algumas das mutações essenciais da nossa época, cujas primícias, maravilhados ou ansiosos, pressentimos.

Assim como a Revolução Francesa foi preparada pelos *Illuminati Germaniae* e pela *Estrita Observância Templária*, assim a *Golden Dawn* preparou o aperfeiçoamento do nazismo, menos nos seus temas políticos do que nas suas constantes psicossociológicas.

Em 1887, em circunstâncias que permaneceram voluntariamente obscuras, três membros da Societas Rosicruciana in Anglia (SRIA) estabeleceram relações (primeiro epistolares, e mais tarde pessoais) com uma adepta berlinense, Anna Sprengel, que lhes comunicou uma iniciação particular, assim como alguns rituais de magia, tão eficazes quanto autênticos.⁰⁹³

Foi assim que veio a implantar-se, na Grã-Bretanha, a *Golden Dawn*, dirigida pelo triunvirato Woodman, Wyn Westcot e S. L. Mathers, tendo este último personagem, senão de direito, pelo menos de facto, prioridade sobre os outros.

Mathers e os seus associados eram conhecidos e respeitados nos círculos ocultistas. O recrutamento da nova Ordem dentro em breve fez bola de neve no seio dos eruditos, dos artistas, do *establishment* e da *gentry*.

Em 1888, foi consagrado em Londres o templo *Isis-Uranus*. Depois, em Bristol, o templo *Hermes*, seguindo-se-lhe *Horus*, em Bradford, e *Amon-Râ*, em Edimburgo. Alguns anos depois, existia igualmente em Paris, na avenida Mozart, o templo *Ahator*.

Os templos eram luxuosos, as decorações sumptuosas, as cerimónias grandiosas. Os participantes estavam persuadidos de que o invisível se lhes

manifestava sob as formas mais diversas e inesperadas.

A Golden Dawn está hierarquizada em onze degraus ou graus, divididos em três classes, e possuindo cada um deles uma correspondência com uma Sephira.

--*Primeira classe* (ou primeira Ordem):⁰⁹⁴

Neófito
Zelator
Theoricus
Praticus
Philosophus

--*Segunda classe* (ou segunda Ordem):

Adeptus minor
Adeptus major
Adeptus exemptus

--*Terceira classe* (ou terceira Ordem):

Magister Templi
Magnus
Ipsissimus

0.º ou 0 (grau preparat.)
1.º ou 10 (MALKUTH)
2.º ou 9 (YESOD)
3.º ou 8 (HOD)
4.º ou 7 (NETZAH)
5.º ou 6 (TIPHERETH)
6.º ou 5 (GEBURAH)
7.º ou 4 (CH'ECED)
8.º ou 3 (BINAH)
9.º ou 2 (KHOCHMAH)
10.º ou 1 (KETHER)

É reservada uma iniciação especial aos *Adeptis minores*; ela integra-os numa ordem particular, emanando sem dúvida da *Rosa-Cruz de Ouro*, a que é dado o nome de *Rosa-Cruz de Ouro e da Rosa vermelha: Rosa Rubra e Aurea Crux*, ou R. R. A. C.

Este quinto grau põe o adepto, diz o ritual, em comunicação directa com o seu anjo guardião, de tal modo que «a sua alma é inundada de sublime... esta possessão espiritual tende a perturbar a alma, a modificar o corpo e a conduzir o espírito para as esferas superiores».

Este estado comporta, aliás, um grande perigo; se o adepto sucumbe ao medo, corre o risco de ceder à loucura ou à tentação do suicídio.

Os três aderentes mais notáveis dos inícios da *Golden Dawn* foram S. Mathers, Aleister Crowley e William Butler Yeats.

Mas também deve reter-se o nome de algumas personalidades fora de série:

- Moïra Bergson, irmã do filósofo e esposa do *imperator* Samuel Lidell Mathers.
- Maud Gonne, inspiradora de William Butler Yeats, nacionalista irlandesa, mãe do político Jean-Marc Bricq, ele próprio iniciado na G. D.
- Florence Farr, directora teatral, actriz e amante de Bernard Shaw.
- O astrónomo William Peck, mundialmente conhecido.
- Gerard Kelly, que foi cunhado de Aleister Crowley e que veio a tornar-se presidente da oficialíssima Royal Society, que corresponde, em França, à nossa Academia das Ciências.
- Arthur Machen, escritor, que foi amigo de P.-J. Toulet.
- Bram Stoker, o autor de *Drácula*.
- Sax Rohmer, célebre autor de romances de *suspense*.
- Edith Montès, condessa de Lansfeld, bastarda de Lola Montès e de Luís I da Baviera.

A iniciação era confirmada pela atribuição de uma divisa, habitualmente latina (mas expressa, por vezes, em gaélico), que lembrava ao filiado a via da qual nunca se deveria afastar para conseguir chegar ao desabrochar da Rosa vermelha, isto é, do Eu, a que os místicos cristãos chamam a «fina essência da alma».

As iniciais de cada um dos nomes da divisa tornavam-se na sigla do iniciado. Eis alguns exemplos:

- Anna Sprengel era: *Sapiens Dominabitur Astris* (S. D. A.).
- Woodman: *Vincit Omnia Veritas* (V. O. V.).
- Wynn Westcott: *Sapere Aude* (S. A.).
- S. Lidell Mathers: *Deo Duce Comite Ferro* (D. D. C. F.).
- Moira Mathers: *Vestigia Nulla Retrorsum* (V. N. R.).
- Florence Farr: *Sapientia Sapienti Dona Data* (S. S. D. D.).
- Arthur Machen: *Filius Aquarii* (F. A.).
- Dr. Felkim: *Finem Respice* (F. R.).

Entendamos o termo «oficiais» no seu sentido etimológico, isto é, no sentido daquele que desempenha um determinado ofício.

Os «ofícios» apresentam uma certa analogia com os das lojas maçónicas azuis (dos três primeiros graus). Mas, na Golden Dawn, eles são retirados da mitologia egípcia:

Imperator (Venerável): *Nephtys*.
 Cancellarius (Secretário): *Thoth*.
 Hierophante (Mestre das cerimónias): *Osiris*.
 Hiereus (Orador): *Horus*.
 Stolistes (Diáconos): *Auramooth*.
 Sentinelle (Guardião): *Anubis*.
 Praemostrator (Introdutor): *Isis*.

Os colegas dos oficiais não constituíam mais do que uma hierarquia meramente cerimonial, temporária.

Os verdadeiros chefes da Ordem teriam sido os *Superiores Desconhecidos*, assim definidos por S. L. Mathers:

«A respeito destes chefes secretos, nada vos posso dizer. Nem sequer sei os seus nomes terrestres e só os conheço devido a certas divisas secretas; só muito raramente os vi no seu corpo físico, e nesses poucos casos o encontro foi marcado, por eles, no Astral. Encontraram-se fisicamente comigo num tempo e num lugar previamente fixados. Creio que são seres humanos, vivendo nesta terra, mas que possuem terríveis poderes.

«... Sentia-me em contacto com uma força tão terrível que posso compará-la à sensação experimentada durante uma tempestade, quando um raio nos cai aos pés. Perdia a respiração e fui várias vezes tomado por síncope.

«A prostração física era acompanhada por suores frios e por hemorragias

pelo nariz e pela boca.»

Os anais da Golden Dawn são marcados por cenas de violência, por cismas, por mútuas excomunhões. O contínuo estado de tensão nervosa dos seus filiados explica talvez essas tempestades.

ORDEM ANTIGA E MÍSTICA DA ROSA-CRUZ: A. M. O. R. C.

Nos nossos dias, há várias associações mundiais que se reportam à Rosa-Cruz. Não vamos agora julgar qual o valor do seu ensinamento, nem qual a autenticidade da sua relação com as anteriores formas da Rosa-Cruz. A. M. O. R. C. é a sigla do *Anticus mysticusque ordo rosae crucis*, cuja sede está instalada no Rosicrucian Park, de S. José (Califórnia).

Esta associação recruta os seus aderentes por meio de anúncios insertos nos jornais e revistas do mundo inteiro. Caso se faça o pedido, recebe-se um opúsculo em que a A. M. O. R. C. se afirma como sendo uma «escola de psicologia e de ciências físicas». Fica-se igualmente a saber que um certo número de personagens dos tempos passados foram rosa-crucianos.

A A. M. O. R. C. estabelece uma distinção entre os rosa-crucianos, que são os seus próprios aderentes, e os rosa-cruz, que são aqueles raros adeptos a quem o ensinamento levou até aos cumes do Conhecimento.

A A. M. O. R. C. conta, no mundo inteiro, com algumas dezenas de milhar de aderentes. Estes são particularmente numerosos nos Estados africanos. Assim, vários dirigentes políticos do Congo-Kinshasa são membros da A. M. O. R. C.

Cada grupo linguístico tem a sua própria organização, ligada à sede central de S. José. A de França estava, até 1970, instalada em Villeneuve-Saint-Georges, num subúrbio a sudeste de Paris. Está agora instalada no castelo de Omonville, comuna de Tremblay (Eure).

A A. M. O. R. C. ministra o seu ensinamento por correspondência. Cada aderente recebe, regularmente, alguns cadernos de instrução que lhe permitem:

- a. Criar em sua casa um *sanctum* particular, onde, todos os dias, vestido de uma certa maneira, se entrega a alguns exercícios espirituais, a meditações e a edificantes leituras; onde se isola do mundo profano para poder alcançar o mundo sagrado.
- b. Instruir-se nos conhecimentos rosa-crucianos e ir ultrapassando as diversas etapas de uma complexa hierarquia espiritual. É o próprio aderente quem, no decurso de diversos rituais, é iniciador e iniciado, de acordo com um método que não deixa de

ter certas analogias com o de Martines de Pasqually.

O ensinamento é cíclico. De início, é fácil. Mas se o rosa-cruciano preserva, prometem-lhe vir a aceder às mais altas iniciações.

A A. M. O. R. C. foi criada (ou renovada) em 1909 pelo doutor H. Spencer Lewis. Este morreu em 1939, tendo-lhe vindo a suceder o seu filho Ralph M. Lewis.

Um dignitário francófono da A. M. O. R. C. comunicou-nos as precisões que se seguem. Sendo o aperfeiçoamento do ser humano um problema que ocupa toda uma vida, o ensinamento dispensado pela A. M. O. R. C. é um ensinamento que dura longo tempo.

Em mil pessoas que respondem à propaganda difundida pela ordem rosa-cruciana A. M. O. R. C.,

402 são admitidas nos graus preliminares;
329 são admitidas a um trabalho mais elevado;
260 franqueiam os segundos testes;
248 são admitidas a continuar;
239 atingem o sétimo grau;
224 atingem o nono grau;
101 chegam ao termo do trabalho geral da ordem.

A organização compreende, na cúpula, a Grande Loja Suprema de S. José. Existem Grandes Lojas em diversos países. Estas Grandes Lojas não cobrem necessariamente os limites nacionais. É assim que a Grande Loja instalada em França estende a sua autoridade sobre todos os países francófonos. Esta Grande Loja, para além dos diversos grupos iniciáticos respectivamente nomeados, superintende nas lojas, capítulos e pronaus da sua jurisdição. Cada membro de uma jurisdição recebe o ensinamento directamente da Grande Loja, mas nada o obriga a pertencer a uma loja, capítulo ou pronaus.

Em princípio:

- Doze membros no mínimo e quarenta no máximo podem constituir um pronaus.
- Quarenta membros no mínimo podem constituir um capítulo.
- Cinquenta membros no mínimo podem constituir uma loja.

O ensino é dispensado sob a forma de monografias que cada membro recebe periodicamente. No decurso dos seus estudos, cada membro é convidado a enviar relatórios à Grande Loja.

Em cada loja, capítulo ou pronau, as reuniões compreendem rituais de abertura e de encerramento.

É proposta uma silenciosa meditação colectiva; um tema relacionado com os trabalhos da ordem é objecto de uma curta mensagem, seguida de fraternas discussões.

Para além destes grêmios, podem ser feitas outras reuniões em que participam os membros que já atingiram o mesmo grau de iniciação (sob a presidência de um mestre da loja ou do seu delegado), a fim de estudarem em conjunto os temas tratados nesta ou naquela monografia. Estas reuniões são autênticos «fóruns de graus».

No seio destes organismos (lojas, capítulos ou pronaus), podem constituir-se grupos que correspondam a todas as outras aspirações dos seus membros (grupos teatrais, musicais, visitas a monumentos, etc.).

Os estudos (após uma rotação de três anos e meio) repartem-se por nove «graus do Templo». A extensão dos estudos de cada grau é bastante variável. Parece que existem três outros graus para além do nono, mas os membros deste círculo restrito nunca falam deles aquando das suas conversas com os outros iniciados.

A brochura *Domínio da Vida*, enviada a todos os candidatos, dá a conhecer alguns dos temas dos ensinamentos da Ordem:

- Aperfeiçoamento do corpo físico
- A verdade sobre as vibrações e os seus efeitos em nós
- Intuição por união cósmica
- Como empregar à vontade o poder do pensamento
- O mistério do tempo e do espaço
- Os cinco sentidos do homem
- A consciência humana
- O desenvolvimento do «eu»
- Os princípios das leis místicas
- Poderes e faculdades inatas do homem
- O mistério da matéria, coesão, adesão, magnetismo
- O verdadeiro significado do simbolismo antigo
- Consciência cósmica; comunhão com a consciência cósmica

- Desenvolvimento do magnetismo pessoal
- Investigações sobre a natureza da alma
- Princípios fundamentais de ressonância mental
- Os ensinamentos dos mestres orientais
- A aura humana e o seu efeito vibratório
- Regeneração, saúde, prolongamento da vida
- Os místicos rosa-crucianos e o poder criador do espírito
- Experiências de transmissão de pensamento
- Palestra acerca das experiências de criação da vida com a matéria inanimada
- O poder criador e a consciência cósmica
- Experiência sobre as cores, as radiações do pensamento, o som, a luz
- Emoções humanas e instintos; a sua relação com a personalidade
- Como melhorar a sua vida quotidiana

Finalmente, para os simpatizantes que não desejam filiar-se, está prevista uma Associação dos amigos da A. M. O. R. C.

O primeiro *imperator*, o Dr. H. Spencer Lewis, evoca, numa brochura em francês comunicada a certos filiados, as circunstâncias da sua adopção pelos Irmãos Primogénitos.⁰⁹⁵ Nenhuma outra narração existe a este respeito, para além da sua, que possa, pois, infirmá-la ou confirmá-la. No decurso de uma estada em Paris, por volta de 1908, tomou conhecimento com um sábio que, levando o seu zelo em consideração, lhe disse que se dirigisse para o Sudoeste da França; a última etapa foi Toulouse.

A cena desenrola-se numa «velha torre» toulousiana a que os rosa-crucianos do passado chamavam *Frater Donjon*.

«... Avancei em direcção à velha torre, sentindo o coração oprimido, mas não sem uma certa ousadia. Bati à porta, mas não obtive qualquer resposta. Vi então, junto à parede, uma cordinha pela qual puxei. Uma campainha ressoou algures nas profundezas desse edifício, que parecia ter sido construído há várias centenas de anos, o que, aliás, era o caso...

«...Finalmente, rangendo, a porta abriu-se ligeiramente. Esperei. Estava muito escuro no interior e parecia não haver quaisquer sinais de vida nesses locais. Decidi-me a empurrar a porta e a entrar. Encontrei-me então diante de uma velha escada, que parecia estar em bom estado de conservação. Voltei a fechar a porta e ouvi o estalido da fechadura. Estava inapelavelmente fechado na velha torre, mas não senti qualquer receio.

«Pareceu-me que qualquer coisa, por cima de mim, tinha mexido. O mínimo ruído, nesse edifício silencioso, adquiria fantásticas proporções. Uma grande

abertura dava acesso ao primeiro andar, para, depois, a escada se tornar circular, espraçando-se cada um dos andares em galeria em torno da escada. As galerias eram bastante sombrias e não eram muito largas.

«Olhei para cima através da abertura, e, para manifestar a minha presença, gritei "Hello!", sem saber se isso seria de facto adequado naqueles locais. E de imediato, vindo de um andar superior, ouvi distintamente uma voz: "Entraí, entraí!"

«Subi imediatamente...

«... Cheguei, finalmente, ao andar superior e vi que este consistia numa sala de forma quadrangular possuindo diversas janelinhas. As paredes estavam literalmente cobertas de prateleiras cheias de livros aparentemente muito antigos. O quarto continha duas mesas perfeitamente banais e já bastante usadas, cerca de vinte velhas cadeiras, as quais, no seu caso, tinham bastante interesse devido à antiguidade do seu estilo, e uma velha secretária coberta de manuscritos e de uma caixa para selar documentos. Sobre a secretária havia igualmente uma vela, cera, fósforos, alguns produtos químicos, uma pena de pato, tinta e algumas cartas astrológicas.

«O homem que me acolheu era idoso. Usava uma comprida barba já grisalha e os seus cabelos compridos e ligeiramente encaracolados, de um branco puro, desciam-lhe até aos ombros. Mantinha-se muito direito, e a sua elevada estatura, os seus largos ombros e a sua distinção eram imponentes. Os seus olhos castanhos surpreendiam pela vivacidade do seu brilho. Falava com uma voz suave e os seus gestos eram rápidos. Estava vestido com uma túnica branca bordada com alguns símbolos que me eram então desconhecidos, mas que já não são ignorados daqueles que são membros da ordem rosa-cruciana A. M. O. R. C.

«Dirigi-me a ele em inglês:

«"Apresento-me a vós, senhor, sem para tal ter sido convidado, mas se o faço é, em primeiro lugar, porque sinto que este edifício apresenta um grande interesse para mim, e depois, porque vós me dissesstes para entrar. Ando em busca de uma informação difícil de obter, e talvez vós me possais ajudar na minha pesquisa, tanto mais que, pelo que me é dado ver, pareceis interessar-vos pela astrologia." E designei com a mão as cartas que se se encontravam em cima da secretária.

«Ele respondeu-me em excelente inglês, mas com um acentuado sotaque francês:

«"Vós não sois de modo algum um intruso, meu amigo. Conheceis a astrologia e sabeis assim aquilo que são as «direcções». Digamos, pois, se assim quiserdes, que vós fostes «dirigido» para aqui. Tenho ali, sobre a minha secretária, o vosso tema natal. Esperava-vos.

«Eis aqui, aliás, uma carta preparada para vós. Ser-vos-á útil. Conheço a pesquisa que levais a cabo, e esta carta é a resposta à vossa questão. Mas sentai-vos. Tenho muitas coisas a mostrar-vos e a explicar-vos.

«Vós tendes procurado com perseverança a ordem da Rosa-Cruz e aspirais a tornar-vos membro dela. O vosso desejo pode ser realizado, mas e depois? Participareis na grande obra? Aceitareis perpetuar a ordem no vosso país? Coragem, bravura e decisão serão atributos de que ireis carecer.»»

Depois de lhe ter dito que era vigiado desde a sua chegada a Paris, assim como durante toda a sua estada no Sudoeste da França, dizendo-lhe também que os relatórios referentes a ele eram altamente favoráveis, o sábio mostrou a Spencer Lewis alguns documentos autênticos (de apaixonante interesse) sobre a Rosa-Cruz. Em seguida, disse-lhe para estar pronto para participar numa cerimónia impressionante, que teria lugar dentro de pouco tempo. Alguns dias depois, chegou um carro.

«O carro, recomeça Spencer Lewis, percorreu os cerca de dois quilómetros que nos separavam das portas da cidade, seguindo depois por uma estrada que corria junto às margens de um pequeno curso de água, até à velha cidade de Tolosa. Tolosa foi a primeira cidade romana da região de Toulouse, estando hoje em dia em ruínas. O percurso que estávamos a efectuar apresentava grande interesse. Chegámos, finalmente, a um grande domínio rodeado de altos muros e o carro franqueou o portão de entrada. Os magníficos canteiros de flores e a relva bem tratada do domínio ofereceram-se, então, ao meu olhar. À esquerda do domínio, na reentrância de uma colina verdejante, aninhava-se um castelo. Mais perto do portão de entrada, pude entrever algumas velhas casas, uma das quais, quadrangular, era particularmente atraente.

«O carro parou junto dela. Descemos e fomos acolhidos, à entrada, por um jovem vestido com um uniforme que poderia pensar-se ser militar. Parecia conhecer o motorista e saudou-o, apertando-lhe calorosamente a mão. Depois, voltando-se para mim, fez-me compreender por gestos que eu devia entregar-lhe um cartão de apresentação ou uma carta. Estendi-lhe a carta que o grande secretário me tinha confiado. O jovem, depois de a ter lido, saudou-me cordialmente e fez-me entrar numa enorme sala de espera.

«A casa era certamente muito antiga. Era totalmente feita de pedra, mas esta estava visivelmente gasta, a um ponto tal que era caso para nos perguntarmos como é que semelhante edifício ainda não se tinha desmoronado. Ao fim de alguns minutos, fui apresentado a uma mulher idosa que se inclinou e, oferecendo-me a sua mão, me acompanhou a um andar superior, de onde fui conduzido, com igual cerimoniosidade, para uma sala mais pequena. Aí, foram-me entregues alguns folhetos contendo as instruções que me eram destinadas.

«Fui, assim, informado de que iria encontrar os oficiais da Grande Loja ao

pôr-do-sol, ou seja, três horas depois, e que, entretanto, deveria estudar atentamente as instruções que me tinham sido entregues e descansar. Não posso, como é natural, publicar essas instruções.

«... Li e reli as instruções recebidas e preparei-me depois para descansar. Li-as mais uma vez e acabei por adormecer num velho divã existente nessa sala de paredes de pedra, nesse misterioso edifício que era, nessa época, o grande templo da Ordem em França.

«... Foi nessa mesma noite que foi iniciado na Ordem da Rosa-Cruz. A minha "passagem da fronteira" teve lugar nessa venerável sala. Aí tomei os meus compromissos solenes, recebi a grande benção e tornei-me num *frater* da Ordem, precisamente no momento em que na torre dessa secreta moradia davam as doze badaladas da meia-noite.

«Encontrara a luz. A Rosa-Cruz aceitara-me e a minha alma estremecera com o sopro da iluminação...»

Alguns dias depois, em Toulouse, Spencer Lewis concluiu:

«... Assisti à convocação mensal dos Illuminati num outro antigo edifício situado nas margens do Garona. Esse edifício fora construído com a ajuda de pedras provenientes de diversas partes do Egipto, de Espanha e da Itália. Essa pedras tinham feito parte de monumentos, de templos e de pirâmides presentemente em ruínas. A pedra angular do edifício fora trazida de Tell-el-Amarna, onde o grão-mestre da Ordem viveu numa certa época.

«A parte superior do edifício era então utilizada como mosteiro rosa-cruciano. Na cave encontrava-se uma gruta rosa-cruciana.

«Essa "gruta" era vasta, sendo as suas paredes feitas com velhas pedras cinzentas por entre as quais crescia o musgo e ressumava a humidade. Era aquecida por uma enorme lareira, sendo a única iluminação existente a das velas e a das tochas. Nesta "gruta" encontrava-se um altar feito de uma madeira rara do Egipto, magnificamente esculpida...

«... No dia da minha partida de Toulouse, foram-me entregues alguns documentos da mais alta importância. Eles investiam-se na insigne responsabilidade de perpetuar as actividades da ordem a partir da América. Eis as últimas instruções que me entregou o mui venerável grão-mestre de França, Senhor L...:

«Frater, com estes documentos sois nomeado legado da nossa Ordem no vosso país. Os vossos deveres e privilégios estão aí perfeitamente definidos. Os documentos que possuíis e as jóias que hoje vos mando permitir-vos-ão operar no momento pretendido, e da maneira indicada. Quando tiverdes efectuado alguns progressos, encontrareis um representante da ordem no Egipto. Ele transmitir-vos-á outros documentos e outras marcas. De tempos

a tempos, outros irão ter convosco. Reconhecê-los-eis pelos sinais habituais. Eles completarão os documentos que já então tiverdes, até que tenhais em vosso poder tudo o que é necessário ao vosso trabalho. O nosso secretário enviar-vos-á ele próprio, em envelope selado, com a protecção do governo francês, outros documentos, assim que tivermos sido informados pelos nossos observadores de que já efectuastes progressos suficientes. Os vossos relatórios semianuais mostrar-nos-ão se estais ou não à altura de dar um concurso eficaz à nossa Ordem. Os senhores do mundo ficarão felizes em poderem prover a todas as vossas necessidades, caso tal venha a revelar-se necessário, e, se a obra da nossa Ordem for fielmente executada, uma profunda paz será partilhada por um número sempre crescente de homens de boa vontade no vosso país e no mundo.»

LECTORIUM ROSICRUCIANUM DE HAARLEM

Haarlem (ou Harlem) é uma cidade residencial dos Países Baixos, a oeste de Amsterdão, junto do mar do Norte.

Ela abriga o *templum* central de um movimento rosa-cruciano: o *Lectorium rosicrucianum*, comumente chamado a *Rosa-Cruz de Haarlem*. Em certos textos, é feita referência à Rosa-Cruz de Ouro.

O *Lectorium rosacrucianum* agrupa um número reduzido de membros, recrutados por cooptação. Foi já afirmado, sem que para tal haja provas formais, que algumas personalidades -- homens e mulheres -- da casa reinante de Orange-Nassau nele foram iniciados. Em França, estes rosa-crucianos são ainda pouco numerosos e estão quase todos agrupados no Ariège.

O *Lectorium* edita algumas belas obras em língua francesa, onde vem expressa a parte exotérica do ensinamento; eles anunciam, por alusões, um ensino esotérico que parece ser a continuação do catarismo. Estes livros, redigidos numa língua algo maltratada, são, não obstante, preñhes de poesia e de mistério.

Eis os seus principais títulos:

- *Dei gloria intacta* (1958), texto fundamental com 240 páginas.
- *O Mistério das Bem-Aventuranças* (1960), glosa das Bem-Aventuranças expressas no «Sermão da Montanha».
- *A Rosa-Cruz de Ouro* (1964), opúsculo assinado com o hierónimo Catharose de Petri.
- *A Fraternidade de Shamballah* (1953), por Van Rijckenborch, que parece ser o actual *imperator*.

Estes textos fazem alusão à parte secreta, oculta, da mensagem rosa-cruciana.

O *Lectorium* diz-se crístico e joânico, referindo-se frequentemente aos *Evangelhos* -- sobretudo ao de S. João -- e ao *Apocalipse*. Aí se fala de Shamballah, nome que designa um centro subterrâneo no deserto de Gobi,

que seria o centro do mundo. Seria aí que se situaria a reencarnação de Christian Rosenkreuz. O *Lectorium* seria a sua emanção.

Se é impossível resumir aqui a complexa doutrina da Rosa-Cruz de Harlem, podemos, pelo menos, citar algumas passagens essenciais do *Dei gloria intacta*:

«O método de iniciação da nova era relaciona-se com uma *interversão* das personalidades, e aí reside o segredo do renascimento evangélico. Nem divisão da personalidade, nem cultura da personalidade; aquilo que está em causa não é nem esquivar nem sublimar qualquer coisa que está normalmente votada ao declínio, mas sim intersversão de personalidade, reconstrução, na força do Cristo e da sua hierarquia, de uma personalidade absolutamente nova, enquanto o espírito continua ainda a agir no âmbito da antiga.

«Neste novo sistema, o candidato parte do conhecimento de que a sua quádrupla personalidade actual não está compreendida na natureza de Deus, que é, pois, censurável e pecadora. No sistema, o candidato sabe que a consciência desta personalidade constitui no seu microcosmo uma verdadeira mistificação e um entrave, e passa a compreender perfeitamente a palavra de Paulo: que "não há acepção da pessoa em Deus", quer se trate da personalidade dividida ou da personalidade cultivada.

«Através do novo processo cristão de iniciação, o discípulo toma consciência "de que aquele que quiser perder a sua vida (da antiga personalidade) conservará a vida (de uma nova personalidade)". Ele compreende, pois, que se trata de um renascimento absolutamente total segundo a quádrupla personalidade. Todas as manifestações cristãs da salvação não deixam quaisquer dúvidas a este respeito. Nicodemo (ver o Evangelho de João) não consegue compreender isto, mas os candidatos das novas escolas de iniciação deverão tomar plena consciência deste saber a fim de que uma luminosa nuvem de novas testemunhas de Deus possa dentro em breve espalhar-se por esse mundo de trevas.

«Assim que o aluno estiver suficientemente avançado, tem lugar uma extraordinária modificação na *esfera* aural. Esta esfera, que já não é perpetuamente perturbada e violentada pelo jogo sinistro da cobiça e da avidez, torna-se, em certas alturas, tão uniforme como a superfície da água... Esta alteração permite a algo existente na luz cósmica crística omnipresente penetrar até ao próprio poder do pensamento.

«Como é que isto vem a produzir-se? O estudante, graças ao que ficou dito atrás, compreenderá facilmente este contacto particular. Quando as vibrações da luz agitam o campo da respiração, *elas comunicam-se ao sangue* e são transportados pelos vasos sanguíneos, de acordo com o processo já exposto. Além disso, e tendo simultaneamente em conta a

possibilidade de o sangue ser demasiado lento, demasiado espesso, demasiado sujo para poder servir de Médiun a estes santos contactos -- o que sucede frequentemente --, as vibrações, que são, no entanto, aceites pelo etmóide, não deixarão, por isso, de influenciar do mesmo modo o foco da faculdade de pensar no lóbulo direito do cérebro.

«Existem sete escolas, porque há um séptuplo *logos* terrestre, um sistema de sete globos girando uns dentro dos outros. Cada globo emite sete raios. Para cada um destes globos deve, pois, haver um centro no sétimo globo, o campo da nossa manifestação de natureza.

«Como a escola espiritual da Rosa-Cruz de Ouro é a sétima escola da cadeia gnóstica universal, já que todas as outras seis já estavam presentes, e já que a nossa jovem escola gnóstica nasceu do sangue e das lágrimas, podemos agora afirmar com segurança que o grande trabalho começou. Desde há alguns anos que as quarenta e nove forças dimanam as suas influências sobre o mundo em benefício da humanidade.»

Seguidamente, eis a descrição de uma das regiões de Shamballah, a *Ilha de Ísis*. Apreciar-se-á o seu simbolismo e poesia:

«O discípulo que atravessou as sete passagens de Shamballah, após ter combatido vitoriosamente pelos sete pontos culminantes da transfiguração, chega ao coração do Gobi no fulcro central da fraternidade universal, onde é acolhido como o filho pródigo que retorna à casa paterna.

«... Este santo lugar, situado em meio à solidão das estepes sem fim, é chamado de Ilha de Ísis, e consideramos ser para nós uma autêntica graça e um privilégio poder-vos falar deste lugar bendito.

«Para se poder compreender e apreciar devidamente aquilo que é a Ilha de Ísis, é preciso que retrocedamos até à aurora da manifestação humana, quando tudo era ainda perfeito e quando toda a humanidade se resumia ainda ao Adão do Altíssimo. Nesta época, a Criação exprimia integralmente a vontade divina e tudo aquilo que era manifesto estava, por assim dizer, "na mão de Deus".

«Cosmologicamente, o séptuplo planeta terrestre reagia integral e absolutamente às sugestões do campo do espírito magnético que englobava a terra santa. Entre o campo de vida deste planeta e o campo magnético do espírito, manifestava-se, pleno de beleza, um campo de irradiação no qual todas as concentrações de força, retiradas do centro da terra pelo campo magnético do espírito, brilhavam como estrelas.

«Este sistema perfeito, de tripla natureza: *campo do espírito*, *campo de vida* e *campo de irradiação*, era uma jóia do espaço universal, um som harmonioso na sinfonia do universo.

«Mas, ó suprema infelicidade!, esta harmonia foi quebrada e, devido aos

pecados dos seus filhos, o séptuplo mergulhou, enquanto cosmo, numa enorme obscuridade. Milhões de entidades humanas desenvolveram-se de uma forma degenerativa; foram, pois, repelidas para um canto do planeta e tiveram de confrontar-se "com o suor da sua frente", com um futuro de sofrimento, de sangue e de lágrimas.

«No entanto, uma parte destas mónadas não caíram e continuaram a seguir "o caminho recto" relativamente à eterna fonte da luz. Esta parte das mónadas foi denominada de "o último vestígio".

«Este encontra-se actualmente na Ilha de Ísis, o que quer dizer que um certo número de entidades, tendo-se agrupado como a ordem de Melchisédech, a fraternidade de Shambalah, puderam assim preservar uma parcela do maravilhoso cosmo terrestre original, em toda a sua magnificência de antanho. Esta parte da terra pode, pois, ser chamada, com pleno direito, de A Terra santa.»

Orlouat-Ussat (Ariège) é célebre pelas suas grutas cavadas no flanco das montanhas, numa das regiões mais grandiosas do vale do Ariège. Era aí, segundo se diz, que os Cátaros celebravam os seus cultos e iniciavam os seus sacerdotes ou Perfeitos. Recentes investigações permitiram determinar a complexa topografia destas cavernas naturais, tendo-se aí descoberto algumas inscrições que lançam uma nova luz sobre o problema do catarismo.

Algumas grutas de Ussat pertencem ao *Lectorium rosicrucianum*. Um erudito, o Sr. Cadal, passa aí algum tempo, guiando os turistas que julga susceptíveis de se aperceberem das relações existentes entre a fé cátara e os mistérios da Rosa e da Cruz.

Em segredo, alguns dos adeptos de Haarlem, vindos em peregrinação a Ussat, aí celebrariam os seus ritos.

A ASSOCIAÇÃO ROSA-CRUCIANA DE MAX HEINDEL

Tal como o A. M. O. R. C., a *Associação rosa-cruciana* é uma fundação americana, criada no início deste século. O seu fundador foi Max Heindel, mas ela afirma que este recebeu a sua missão dos «Irmãos Primogénitos», dos mesmos Superiores Desconhecidos que tinham difundido a *Fama* e a *Confessio*.

Ela conta com milhares de adeptos no mundo inteiro, ainda que o seu recrutamento seja unicamente feito por cooptação. O ensinamento é comunicado através de livros de Max Heindel, de cursos por correspondência e de palestras, pronunciadas em templos.

A astrologia e o desenvolvimento das faculdades de curandeiro são as bases da mensagem de Max Heindel e dos seus actuais sucessores. Foi poderosamente secundado pela sua esposa, Augusta Foss Heindel, que é hoje em dia a sua continuadora.

Os dirigentes, tal como os irmãos e irmãs, consideram ser guiados por uma hierarquia de entidades invisíveis.

Max Heindel nasceu na Dinamarca a 28 de Julho de 1865. Morreu subitamente a 6 de Janeiro de 1919. Desde a sua juventude que se interessou pelas ciências ocultas. Executou, afirma ele, algumas bilocações que o puseram em contacto com os Irmãos primogénitos. Estes confiaram-lhe a sucessão espiritual de Christian Rosenkreuz.

Começou por viver pobremente, publicando artigos em jornais e dando algumas conferências. Vivia em S. Francisco aquando do sismo de 1906; conseguiu escapar à morte mas a sua casa ficou destruída, tendo-se, então, fixado em Seattle e, mais tarde, em Minnesota. Fez, por volta de 1908, uma viagem a Berlim «a fim de assistir a reuniões dadas por um instrutor», que, segundo veio mais tarde a saber-se, era Rudolf Steiner: «Apercebi-me, escreve, de que este conferencista pouco ou nada tinha a ensinar-me. Muito desiludido, comprei um bilhete de regresso à América... Foi, então, que encontrei um enviado da Ordem da Rosa-Cruz, que me abordou, oferecendo-me as instruções por que eu tanto ansiava, com a condição de as manter secretas.»

Max Heindel recusou manter secreto aquilo que podia contribuir para aliviar a humanidade. O enviado declarou-lhe, então, que só tinha pretendido, pura e simplesmente, pô-lo à prova, mas que (visto ter sido bem sucedido na prova do egoísmo) estava doravante mandatado para ser o *instrutor* da sua época. Contudo, voltou ainda a passar por mais algumas provas.

Instalado num modesto quarto, permanecia diante da sua máquina de escrever, e isto durante os grandes calores do Verão de 1908, desde as 7 horas da manhã até às 21 e 22 horas da noite, nem sequer interrompendo o trabalho para ir almoçar.

Tendo-se o calor tornado cada vez mais intolerável, foi até Buffalo (Nova York), onde veio a acabar o seu manuscrito em Setembro de 1908. Não precisou, pois, de mais de dois ou três meses para pôr de pé este trabalho. Mas tinha ainda um grande problema a resolver: arranjar forma de publicar a obra. Não teve qualquer sucesso nos seus cursos e conferências em Buffalo. Mais tarde, contudo, veio a fixar-se em Columbus (Ohio).

Permaneceu diversos meses nesta cidade, onde as suas conferências e ensinamentos encontraram um eco favorável; foi aí que veio a formar-se o primeiro círculo rosa-cruciano. Partiu seguidamente para Seattle (W.), onde um amigo fez editar o seu livro. Mas a sua ordem rosa-cruciana só veio a adquirir um carácter definitivo quando comprou, em 1911, um terreno, ao qual deu o nome de *Mount Ecclesia*, e onde mandou construir um *templum* em que vieram a ter lugar cerimónias mágicas.

Mount Ecclesia situa-se nos limites de Oceanside, a 120 km ao sul de Los Angeles. É um local encantador do Sul da Califórnia, situado num promontório que, do alto do seu planalto, domina toda a região.

Eis uma abordagem da mensagem do Mount Ecclesia:

«... Existem nove graus nos mistérios menores da ordem rosa-cruciana. O primeiro corresponde ao período de Saturno, e os exercícios que lhe são destinados devem ser feitos no sábado à meia-noite. O segundo grau corresponde ao período solar, e este rito é celebrado no domingo à meia-noite. O terceiro grau corresponde ao período lunar e tem lugar na segunda-feira à meia-noite, e assim sucessivamente. Cada um deles corresponde a um período e tem lugar no dia que lhe for adequado. O oitavo grau celebra-se durante a Lua Nova e a Lua Cheia; o nono grau, nos solstícios do Verão e do Inverno.

«Quando um discípulo se torna num irmão ou numa irmã leigos, pode assistir ao rito que tem lugar no sábado à noite.

«Deve notar-se que, ainda que todos os irmãos ou irmãs tenham acesso ao

templo, seja em que dia for, no seu corpo espiritual, não podem lá entrar durante os serviços dos graus que ainda não tiverem atingido.

«E, no entanto, não há lá qualquer guarda visível, mas existe uma muralha invisível e impenetrável que impede a entrada a todos aqueles que ainda não tenham recebido a palavra de passe.»

Max Heindel precisa que a verdadeira iniciação não é uma cerimônia exterior, mas sim uma experiência interior. É um segredo, na falta de termos apropriados para descrever esta experiência espiritual.

Desde os primórdios do Mount Ecclesia, Max Heindel fundou igualmente uma escola de instrutores de filosofia e de curandeiros místicos.

Depois de 1913, os cursos que eram dados no Mount Ecclesia eram ministrados do seguinte modo: um dos membros ensinava a arte de convencer, um outro a astrologia elementar, e outros ainda os cursos superiores de astrologia.

Max Heindel dava igualmente um curso de anatomia relacionado com o seu ensinamento místico.

Assim, Max Heindel fundou uma escola em que a ciência e o misticismo se encontram. Para os estudantes que moram longe de Mount Ecclesia, os cursos são dados por correspondência.

Alguns anos depois, uma casa de repouso veio a ser anexada ao *templum* central.

OS IRMÃOS PRIMOGÉNITOS DA ROSA-CRUZ

As associações rosa-crucianas que acabámos de enumerar eram conhecidas do mundo profano. Mas já não sucede o mesmo em relação àquela que vamos agora evocar.

Ela intitula-se *Ordem dos Irmãos Primogénitos da Rosa-Cruz*. O único membro cuja identidade é conhecida chama-se Roger Caro, residente em Saint-Cyr-sur-Mer (Var). Acaba de editar (numa tiragem extremamente reduzida) uma *Legenda*⁰⁹⁶ da sua ordem, onde começa por afirmar a existência dos *Irmãos Primogénitos*. Mas trata-se de um livro ao qual se aplica o adágio taoista: «Tudo aquilo que pode ser dito não merece ser conhecido.» Aplicando-se *conhecido* ao conhecimento integral, inexprimível e informal.

A obra relaciona, histórica e iniciaticamente, os Irmãos Primogénitos à tradição templária, da qual seriam, desde o século XV, os únicos depositários. Eles teriam recolhido aquilo que os processos de 1307 a 1314 tinham pretendido fazer desaparecer.⁰⁹⁷ Os Irmãos Primogénitos confirmariam igualmente ser os depositários de uma tradição alquímica.

Eis como a *Legenda* explica a ligação existente entre a Ordem do Templo e a Rosa-Cruz; explicação cuja responsabilidade lhe pertence exclusivamente.

Após a dissolução da sua ordem em 1309, os templários foram perseguidos, aprisionados, mortos. Contudo, alguns deles conseguiram escapar, quer refugiando-se no seio de algumas ordens religiosas, quer ainda exilando-se para Espanha, para a Alemanha ou para a Inglaterra.

Entre os cavaleiros que desembarcaram em Inglaterra, encontravam-se alguns capelães e homens de armas. Refugiaram-se por algum tempo numa comendadoria situada em Londres, mas, quando o rei de Inglaterra quis aproveitar-se da sua situação de proscritos para se apoderar de todos os seus bens, emigraram para a Escócia, onde foram recebidos de braços abertos.

Entre eles encontrava-se o barão Guidon de Montanor, que soube convencer o único homem que considerou capaz de voltar a reunir os seus

irmãos caídos em desgraça: chamava-se esse homem Gaston de la Pierre Phoebus.

Durante longos e longos meses, o primeiro instruiu o segundo em alquimia. Em 1316, estes dois «filósofos» conseguiram convencer vinte e cinco companheiros a regressar a França, a fim de levarem a cabo uma missão excepcional. Reagruparam-se sob um novo estandarte e tomaram a denominação de Irmãos Primogénitos da Rosa-Cruz. Sendo a filosofia alquímica uma filosofia universal, a sua única missão foi a de a perpetuar. Contudo, a sabedoria e a prudência exigiam que a Ordem e os seus membros permanecessem totalmente secretos...

Donde a *Legenda* deduz o seguinte:

- a. Os fundadores da Ordem da Rosa-Cruz são antigos templários que, tendo sido desbaratados e perseguidos, começaram por refugiar-se em Inglaterra e seguidamente na Escócia.
- b. Entre estes refugiados havia um alquimista que, em alguns meses, instruiu um templário exilado.
- c. Tendo em conta a filosofia ensinada, o mais absoluto segredo impunha-se a todos eles.

À questão: onde é que os templários tinham ido buscar a sua ciência hermética, responde a *Legenda*:

«... Os templários, sob Hassan e Saladino, estudaram todo o tipo de filosofias numa casa da Sapiência à qual tinham acesso. Mas nem todos os cavaleiros do Cristo frequentavam esta casa da ciência. A maioria mantinha-se mais soldado do que intelectual; o número dos investigadores era restrito: alguns senescais e capelães.

Mais tarde, quando o acesso à via real oriental lhes foi fechado, os templários instruídos na arte da alquimia perpetuaram este ensino começando por distinguir e, seguidamente, por instruir aqueles dos seus pares aptos a suceder-lhes.

Foi assim que Guidon de Montanor e, depois, Gaston de la Pierre Phoebus, vieram a encontrar-se na posse do segredo hermético e puderam, por seu turno, vir mais tarde a instruir alguns dos seus companheiros na fraternidade.

Desde o início que o número dos irmãos da Ordem foi fixado em trinta e três. São dirigidos por um *imperator*. O actual *imperator* é o último elo de uma cadeia iniciática que, nos tempos modernos, compreende os nomes de Eliphas Lévi e de William Wynn Westcott, o qual também era membro da *Societas Rosicruciana in Anglia* (SRIA). Westcott transmitiu os seus poderes a Lidell Mathers (Mac Gregor), que era simultaneamente imperator da *Golden Dawn*. Sucedeu-lhe um erudito, sir Leigh Gardner; e, seguidamente, o fundador da *Sociedade Antroposófica*, o Dr. Rudolf Steiner.

No próprio seio deste grupo antroposófico, Steiner estabeleceu um círculo interior, dividido em três graus. Pratica-se aí um ritual que vem parcialmente reproduzido na obra de Eliphas Lévi: *Dogma e Ritual de Alta Magia*.

O 56.º *imperator* foi um irlandês, A. Crowey.⁰⁹⁸ Casado com uma francesa, Caroline Faille, veio para França e alistou-se em 1915 na Legião Estrangeira, a fim de tratar os feridos. Em 1916, morreu na frente de batalha.

O 57.º *imperator* foi Jean-Jacques d'Ossa. Bispo missionário, ia para onde havia sofrimento, miséria e lágrimas. A sua vida foi um autêntico sacerdócio de altruísmo e de amor.

O actual *imperator* (o 59.º) tem por hierónimo Pierre Phoebus.

A alquimia dos Irmãos Primogénitos da Rosa-Cruz é simultaneamente espiritual e material. Ou seja, tem por objecto transmutar o homem vulgar, o *profano*, num verdadeiro *iniciado*; e, para o dito iniciado, transmutar o chumbo, metal vil, em ouro, substância divina. Com este duplo fim, os adeptos e os seus discípulos meditam e põem em prática os seguintes quarenta e dois axiomas:

- I. Tudo aquilo que podemos levar a cabo por meio de métodos simples não deve ser tentado por meio de métodos complicados. Pois porque é que havemos de nos servir da complexidade para buscar aquilo que é simples?
- II. Não há nenhuma substância que possa ser aperfeiçoada sem passar por um longo período de sofrimento. Grande é, pois, o erro daqueles que imaginam que a pedra dos filósofos pode ser endurecida sem ter sido previamente dissolvida.
- III. A natureza deve ser ajudada pela arte sempre que a energia lhe falte. A arte pode servir a natureza mas não suplantá-la.
- IV. A natureza só em si mesma pode ser aperfeiçoada.
- V. A natureza serve-se da natureza, compreende-a e vence-a. Não existe qualquer outro conhecimento para além do conhecimento de si mesmo.

- VI. Aquele que não conhece o movimento, não conhece a natureza. A natureza é o produto do movimento. No momento em que cessar o eterno movimento, a natureza inteira cessará de existir. Aquele que não conhece os movimentos que se produzem no seu corpo é como um estranho na sua própria casa.
- VII. Tudo aquilo que produz um efeito análogo àquele que é produzido por um elemento composto é igualmente um composto.
O *Um* é maior do que todos os outros números, porque ele produziu a infinita variedade das grandezas matemáticas; mas nenhuma alteração é possível sem a presença do *Um*, que penetra todas as coisas, e cujas faculdades estão presentes nas suas manifestações.
- VIII. Nada pode passar de um extremo a outro sem a ajuda de um meio termo. Um animal não pode chegar ao celeste sem ter passado pelo homem. Aquilo que é antinatural deve tornar-se natural antes de a sua natureza poder tornar-se espiritual.
- IX. Devemos tornar-nos semelhantes a crianças, para que a palavra da sabedoria possa ressoar-nos no espírito.
- X. Aquilo que ainda não está maduro deve ser ajudado por aquilo que já alcançou a maturidade. Assim se inicia a fermentação.
- XI. Na calcinação, o corpo não se reduz, ao contrário, aumenta de quantidade.
- XII. Na alquimia, nada pode dar fruto sem ter sido previamente macerado. A luz não pode luzir através da matéria se a matéria não se tiver tornado suficientemente subtil para deixar passar os seus raios.
- XIII. Aquilo que mata produz a vida; aquilo que é causa de morte traz a ressurreição. Aquilo que destrói cria. A criação de uma nova forma tem por condição a transformação antiga.
- XIV. Tudo aquilo que encerra uma semente pode ser aumentado, mas não sem a ajuda da natureza. Pois só por intermédio da semente é que o fruto contendo um maior número de sementes pode nascer.
- XV. Todas as coisas se multiplicam e aumentam por meio de um princípio masculino e de um princípio feminino. A matéria nada produz se não for penetrada pela Força. A natureza nada cria se não for impregnada pelo Espírito. O pensamento permanece improdutivo se não for tornado activo pela Vontade.
- XVI. Todo o germen pode unir-se àquilo que faz parte do seu reino. Todo o ser é atraído pela sua própria natureza representada noutros seres. As cores e os sons de natureza análoga formam acordes harmoniosos; os animais da mesma espécie associam-se entre si, e as potências espirituais unem-se aos gérmens com os quais possuem afinidade.
- XVII. Uma matriz pura dá origem a um fruto puro. Só no santuário da alma é que pode revelar-se o mistério do Espírito.
- XVIII. O fogo e o calor só podem ser produzidos pelo movimento. A estagnação é a morte. A alma que não sente petrifica-se.
- XIX. Todo o método começa e acaba por um único método: a *cozedura*. Eis o grande arcano: é um espírito celeste oriundo do Sol, da Lua e das estrelas, e que foi tornado perfeito no objecto saturnino por meio de uma cozedura contínua, até ter finalmente

atingido o estado de sublimação e a potência necessária para transformar os metais vis em ouro. Esta operação executa-se pelo fogo hermético. A separação do subtil a partir do espesso deve ser feita juntando-lhe continuamente água; porque quanto mais terrestres são os materiais, tanto mais diluídos eles devem ser. Deve continuar-se até que a alma esteja unida ao corpo.

- XX. Toda a obra se executa empregando unicamente água. É a mesma água em que se movia o Espírito de Deus no princípio, quando as trevas cobriam a face do abismo.
- XXI. Todas as coisas devem voltar àquilo que as produziu. Aquilo que é terrestre vem da Terra; aquilo que pertence aos astros provém dos astros; aquilo que é espiritual procede do Espírito e retorna a Deus.
- XII. Onde os verdadeiros princípios faltam, os resultados são imperfeitos.
- XIII. A arte começa onde a natureza cessa de agir. A arte executa por meio da natureza aquilo que a natureza é incapaz de executar sem a ajuda da arte.
- XIV. A arte hermética não se alcança através de uma grande variedade de métodos. *A pedra é una*. Não há mais do que uma só *verdade* eterna, imutável. Ela pode surgir sob muitos e variados aspectos; mas, num tal caso, não é a verdade que muda, somos nós que mudamos a nossa forma de concepção.
- XV. A substância que serve para preparar o Arcanum deve ser pura, indestrutível e incombustível. Ela deve estar isenta de elementos materiais grosseiros, e ser inatacável à dúvida e à prova do fogo das paixões.
- XVI. Não procureis o gérmen da pedra dos filósofos no seio dos elementos. Pois é só no centro do fruto que pode ser encontrado o gérmen.
- XVII. A substância da pedra dos filósofos é mercurial. O sábio procura-a no mercúrio; o louco procura criá-la na vacuidade do seu próprio cérebro.
- VIII. Emprega só metais perfeitos. A sabedoria do mundo é simples loucura aos olhos do Senhor.
- XIX. Aquilo que é grosseiro e espesso deve ser tornado subtil e fino pela calcinação. Isso é uma operação bastante penosa e lenta; mas ela é necessária para arrancar a própria raiz do mal.
- XX. Uma ciência desprovida de vida é uma ciência morta; uma inteligência desprovida de espiritualidade não passa de uma falsa luz, de uma luz de empréstimo.
- XXI. Na solução, o dissolvente e a dissolução devem permanecer juntos. O fogo e a água devem ser tornados aptos a combinarem-se. A inteligência e o amor devem permanecer para sempre unidos.
- XII. Se a semente não for tratada pelo calor e pela humidade, torna-se inútil. A frialdade contrai o coração e a sequeidão endurece-o, mas o fogo do amor divino dilata-o.
- XIII. A terra não produz quaisquer frutos sem uma contínua humidade. Nenhuma revelação pode ter lugar nas trevas, a não ser por intermédio da luz.
- XIV. A humificação tem lugar por meio da água, com a qual possui muitas afinidades.
- XV. Todas as coisas secas tendem naturalmente a chamar a si a humidade de que necessitam para se tornarem completas na sua constituição.
O Um, donde saíram todas as outras coisas, é perfeito; e é por isso que as coisas contêm em si a tendência para a perfeição e a possibilidade de a alcançarem.

- XVI. Uma semente, só por si, é inútil, se não for colocada numa matriz apropriada.
- XVII. O calor activo produz a cor negra naquilo que é húmido; em tudo o que é seco, a cor branca; e em tudo o que é branco, a cor amarela.
Em primeiro lugar vem a maceração, depois a calcinação e, seguidamente, o brilho dourado produzido pela luz do fogo sagrado que ilumina a alma purificada.
- XVIII. O fogo deve ser moderado, ininterrupto, lento, igual, húmido, quente, branco, suave, abrasando todas as coisas, contido, penetrante, vivo, inexaurível. É o fogo que desce dos céus para abençoar toda a humanidade.
- XIX. Todas as operações devem ser feitas num único vaso e sem o retirar do lume. A substância empregue para a preparação da pedra dos filósofos deve ser reunida num só local e não dispersa por vários locais.
- XL. O vaso deve ser hermeticamente selado, porque, se o espírito encontrasse uma fenda por onde se escapar, a força estaria perdida.
Deve haver sempre à porta do laboratório um guarda armado de um gládio de fogo, a fim de examinar todos os visitantes, expulsando os indignos.
- XLI. Não abrais o vaso antes de a humedificação se ter completado.
- XLII. Quanto mais a pedra é alimentada, tanto mais a vontade se avoluma. A sabedoria divina é inesgotável; apenas a nossa faculdade de receptividade é limitada.

OS ROSA-CRUZ PERANTE O FUTURO DO MUNDO

As três partes desta obra analisaram e evocaram sucessivamente as diversas etapas da Rosa-Cruz: a que precedeu a reorganização da Europa aquando da Guerra dos Trinta Anos; a que, no século das Luzes, preparou essa revolução que, de francesa, veio a tornar-se ocidental; e a que anunciou a alvorada do século XX. Será que a Rosa-Cruz contemporânea prepara já o futuro, futuro oculto mas que já nos fascina ou aterroriza? Assim, em três instantes cruciais dos ciclos históricos, a Rosa-Cruz ressuscitou como a Fénix da Fábula.

De cada vez, usando diferentes linguagens, mas sempre com a mesma base ontológica, a mensagem da Rosa-Cruz desempenhou um papel a que chamaríamos, em linguagem moderna, contestatário e construtivo.

Esta mensagem adivinha-se simbolicamente, mas ela é facilmente decifrável desde os primeiros manifestos da fraternidade e, mais exactamente, desde a biografia simbólica do *Pai*, de Christian Rosenkreuz.

A *Fama* adverte-nos de que o seu ensino está condensado em três textos, o primeiro dos quais se intitula *Axiomata*.

Se se tomar este termo filosófico na acepção que lhe dava o mundo dos sábios e eruditos dos inícios do século XVIII, ele torna-se na chave, no arcano da Rosa-Cruz.

Axiomata, revela-nos Bernard Gorceix,⁰⁹⁹ designa o esforço espiritual que permite ir buscar ao conjunto das faculdades, das ciências, das artes, na própria natureza (macrocosmo), uma axiomática precisa e infalível, isto é, um conjunto de proposições indiscutíveis, susceptíveis de resolverem todos os problemas que se colocam e possam vir a colocar-se à inteligência humana. Este sistema é esboçado pelo autor da *Fama* através da imagem do círculo e da esfera. Ele orienta-o, tal como a esfera, segundo um único centro. «Todos os elementos do sistema devem concordar, porque a verdade é única, sucinta, sempre idêntica a si mesma.»

E esta outra passagem é igualmente essencial, no sentido em que assinala simultaneamente a originalidade e a perenidade da mensagem rosa-cruciana:

«Ela (esta mensagem) realiza a síntese da filosofia tradicional e da teologia, da ciência antiga e da revelação neotestamentária... Institui o acordo das duas Luzes: a Matemática, por um lado, e o Evangelho, por outro... Implica o conhecimento das *Rotae mundi* (das voltas do mundo), isto é, de períodos cíclicos da História. Finalmente, agrupa a ciência do microcosmo (o Homem) e do macrocosmo (o Universo).»

Mas, tal como o pudemos ver nas diversas mensagens, a Rosa-Cruz não se situa apenas no plano das abstracções. Coloca (e tende mesmo a resolver) os problemas humanos.

Segundo os grandes rosa-cruz, a fome, a doença, a velhice, serão banidas se a sociedade se «rosacruzificar». O rosa-cruz é o novo Orfeu, cujo canto atrai as pedras preciosas e *mobiliza os príncipes*.

A confraria, em todas as épocas da sua história, chamou a si os homens «verdadeiros», aqueles que *querem* realmente ver e ouvir. Não estabeleceu quaisquer distinções de raças ou de classes; pois só anatematiza os cúpidos, os orgulhosos e os tolos.

No século XVIII, muito antes do aparecimento da franco-maçonaria especulativa, ela foi a primeira sociedade secreta a traduzir as aspirações não formuladas das novas camadas da sociedade. Tal como profetiza Comenius:

«Por um sistema de congressos, de encontros permanentes, os sábios obstarão à estagnação dos conhecimentos. As elites, morais e eruditas, tornar-se-ão naturalmente nas conselheiras dos príncipes. Quanto mais a verdade for sendo desvendada, tanto mais felizes serão os homens.»

Ideias que hoje em dia nos são já familiares, mas que surgiram como sendo terrivelmente revolucionárias na época em que foram enunciadas.

Como seria possível que, construída em tais bases, a Rosa-Cruz não fosse tão durável quanto o ciclo da História no qual evoluímos? As suas actuais modalidades podem, por vezes, parecer algo bizarras. Mas possuem, contudo, um denominador comum: todo o conhecimento é incompleto, coxo, nocivo mesmo, se não passar de «ciência sem consciência», isto é, se for puramente, secamente intelectual.

Aproximamo-nos da verdade, que é fonte de serenidade, logo, de felicidade, por um movimento de síntese dialéctica entre a Ciência e o Amor, a Matemática e a Arte, a Razão e a Intuição, numa palavra, entre o Cérebro e o Coração. E sem dúvida que é no ritual do décimo oitavo grau da franco-

maçonaria escocesa que melhor pode discernir-se o verdadeiro rosto eterno da Rosa-Cruz, daquela que foi, que é e que será, e que, tal como a Lua com as suas fases lunares, sofre periódicas ocultações.

ANEXOS

QUADRO SINÓPTICO DA HISTÓRIA DOS ROSA-CRUZ E DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS E RELIGIOSOS QUE LHE CORRESPONDEM

ANO	HISTÓRIA GERAL	HISTÓRIA DOS ROSA-CRUZ
1617	Assassínio de Concini	
	Defenestração de	
1618	Praga	
	Início da Guerra dos	
	Trinta Anos	
1622	Maria de Médicis regressa a Paris	
1623		Manifesto da Rosa- Cruz, em Paris
1624	Richelieu, ministro	
1626		Morte de Francis Bacon
1627	Cerco de La Rochelle	
1632		<i>O Discurso do Método</i> , de Descartes
1637		

		Morte de Robert Fludd
1644		Elias Ashmole iniciado na franco-maçonaria
1643-1651	Regência de Maria de Médicis	
1648	Paz de Munster; fim da Guerra dos Trinta Anos	
1650	A Fronda	
1654		Morte de Valentin Andreae
1657	<i>Os Provinciais</i> , de Pascal	
1662	Fundação da Royal Society	
1671		Morte de Comenius
1685	Revogação do édito de Nantes	
1687		A franco-maçonaria stuartista em Saint-Germain-en-Laye
1710		Nascimento de Martines de Pasqually
1710 (?)		Sincerus Renatus divulga a Rosa-Cruz de Ouro

1715	Morte de Luís XVI	
1730		Nascimento de J.-B. Willermoz
1737		O discurso de Michel de Ramsay
1738	Clemente XII condena as sociedades secretas	
1743		Nascimento de Louis-Claude de Saint-Martin Nascimento do conde de Cagliostro
1749		Nascimento de Goethe
1750		J.-B. Willermoz é iniciado na franco-maçonaria
1760		Martines de Pasqually funda em Toulouse o primeiro templo dos Eleitos Cohens
1763	Tratado de Paris, que põe fim à Guerra dos Sete Anos	
1768		L.-C. de Saint-Martin franco-mação
	Nova condenação das sociedades secretas,	

1773	por Clemente XIV	
1782		Frederico II da Prússia iniciado rosa-cruz (?) Morte do conde de Saint-Germain
1789	14 de Julho. Tomada da Bastilha	
1804		Fundação do Rito Escocês Antigo e Aceite
1851	Golpe de Estado do 2 de Dezembro	Nascimento de L. Mathers, que fundará a Golden Dawn
1854	Guerra da Crimeia	
1858		Nascimento de Péladan
1861	Guerra do México	Nascimento de Stanislas de Guaita
1865		Fundação em Londres da Societas Rosicruciana in Anglia
1870-1871	Guerra Franco-Alemã A Comuna	
1873		Morte de Bulwer Lytton Morte de Eliphas Lévi

1888		Fundação por Guaïta da Rosa-Cruz cabalística Fundação da Golden Dawn
1890		Fundação por Péladan da Rosa-Cruz católica
1897		Morte de Guaïta
1905		Aleister Crowley funda o Astrum Argentinum Spencer Lewis cria o A. M. O. R. C.
1909		Max Heindel funda a associação rosa-cruciana
1914-1918	Primeira Guerra Mundial	
1916		Morte de Papus
1917		Morte de Péladan
1918		Morte de Max Heindel
1923		W. B. Yeats recebe o prémio Nobel
1934	Hitler no poder	
1947		Morte de Crowley

RITUAL DE INVESTIDURA DE UM CAVALEIRO ROSA-CRUZ DA ÁGUIA NEGRA E DO PELICANO (1785)

*Este ritual está ainda em uso em certos capítulos dos países
escandinavos*

O grau de Rosa-Cruz é conferido em capítulo. O chefe do capítulo chama-se Supremo G.:. M.:. (Grão-Mestre); o seu primeiro vigilante, príncipe grão-prior; o segundo, príncipe grão-vigilante. Os oficiais, tais como o orador, o secretário, o tesoureiro, o ecónomo, são todos qualificados de príncipes comendadores, e os outros irmãos simplesmente de príncipes ou de cavaleiros. O fim do capítulo neste grau é, para todos os cavaleiros, esperarem pela chegada do Sol nas doze casas ou figuras do Zodíaco e tirarem dos quatro elementos e dos três reinos da natureza, conjuntamente reunidos, o famoso *alkaest* dos alquimistas.

A sala em que tem lugar o capítulo é de forma rectangular, mais comprida do Oriente ao Ocidente do que do Sul ao Norte, devido ao facto de o Sol iluminar mais desse lado. No centro, é figurado um grande círculo, em torno do qual estão representadas as doze figuras do Zodíaco, as quais encerram o cadáver de Hiram-Abif, símbolo da natureza morta que a Grande Obra deve fazer reviver. Por cima encontra-se o grande «pentáculo» de Salomão, lâmina de ouro de forma triangular, capaz de tudo vivificar devido à sua virtude divina; de um lado, uma chave, do outro, uma balança. O Zodíaco está rodeado de nuvens. Aí podem ver-se, de um lado, uma enorme águia que designa um terrível guardião e, do outro, um sol que marca o termo do grau de Rosa-Cruz e a busca do sol da vida. A Ocidente está o Monte Ébron, onde, em princípio, está o corpo de Hiram. A prancha de desenho do mestre está aí figurada; é a imagem do primeiro trabalho dos filósofos, que opera a vida ao produzir a verdadeira pedra cúbica, dita pedra bendita ou dos

filósofos.

À entrada, duas grandes colunas, Jackin e Booz, simbolizam a aprendizagem na Grande Obra; um galo representa a vigilância e a força nas operações; uma estrela chamejante indica o início da obra ganhando cor; a Lua é o símbolo dos sagrados mistérios da Ordem. Uma pedra bruta designa a matéria informe e uma pedra cúbica piramidal essa mesma matéria desenvolvida pelo sal e pelo enxofre. Além disso, há também um esquadro, um nível, um nível de pedreiro, e um malhete. Pode ainda ver-se um grande altar iluminado pelo fogo elementar tirado do céu; uma grande bacia para purificar os três reinos da natureza; um castor, imagem do trabalho contínuo do verdadeiro filósofo, e, finalmente, uma coruja, emblema do segredo e do silêncio no qual deve operar-se.

Para proceder à recepção de um rosa-cruz, a sala do conselho deve ser forrada de negro e decorada com doze colunas coríntias, de mármore branco com veios negros, com capitéis e socos em ouro (duas a Oriente, duas a Ocidente, quatro a Norte e quatro a Sul). A meio de cada coluna é dependurada uma cártula, rodeada de festões e de grinaldas de folhas, de flores e das pedras preciosas atribuídas a cada palavra na Grande Obra. Estas doze cártulas representam as doze casas celestes correspondentes aos doze nomes de Deus, que não passam de um só. Escrever-se-ão igualmente nas cártulas, em letras de ouro, os doze nomes do ser Supremo e dos espíritos que, sob o seu poder, presidem a cada um dos meses do ano, e, finalmente, os doze signos do Zodíaco que lhe correspondem. O total será disposto da seguinte forma:

1. A Oriente do lado do Norte: Marchidiel, Jehovah, Março, o Carneiro;
2. A Oriente do lado do Sul: Asmodel, Emmanuel, Abril, o Touro;
3. A Ocidente do lado do Norte: Ambriel, Tétragrammaton, Maio, os Gémeos;
4. A Ocidente do lado do Sul: Mariel, Jeha, Jesus, Junho, o Caranguejo;
5. A Sul do lado do Oriente: Verchiel, Messias, Julho, o Leão;
6. A Sul: Kormaliel, Orpheton, Agosto, a Virgem;
7. A Sul: Zurriel, Anasbona, Setembro, a Balança;
8. A Sul: Barbiel, Erigion, Outubro, o Escorpião;
9. A Norte do lado do Ocidente: Adnakiel, Jersemon, Novembro, o Sagitário;
10. A Norte: Hamdel, Eloyim, Dezembro, o Capricórnio;
11. A Norte: Gabriel, Agla, Janeiro, o Aquário;
12. A Norte: Acchiel, Meleek, Fevereiro, os Peixes.

O trono do soberano grão-mestre está colocado entre as duas colunas do Oriente e eleva-se sobre três degraus. O dossel, de tapeçarias vermelhas guarnecidas a ouro, é encimado por uma grande águia de ouro, de bico, patas e coroa de cor negra, segurando nas garras, de um lado, uma balança e, do outro, uma chave de ouro. O trono é negro e ouro. Ao fundo do dossel, vê-se uma estrela chamejante de ouro decorada com o desenho do Yoth. À esquerda do trono, um altar triangular de ouro com uma Bíblia pousada, um compasso, uma chave e um malhete. No meio do soalho, a balança cabalística de Salomão e, por cima desta, uma verdadeira balança.

A sala do conselho é iluminada nos seus quatro lados por dez placas de luzes de metal dourado, tendo cada uma delas três ramos, situadas entre as colunas, duas a Oriente, duas a Ocidente, três a Sul e três a Norte.

O pavimento é igualmente iluminado a Oriente do lado do Sul e de cada lado do Ocidente por um candelabro de dois braços, tendo ainda ao centro um candelabro de um só braço. Todas as velas são amarelas e só serviram uma vez, porque todos os materiais empregues na Grande Obra devem ser virgens.

O príncipe grão-prior e o príncipe grão-vigilante estão sentados em pequenas poltronas douradas assentes em cima de um degrau, tendo diante deles uma pequena mesa triangular coberta com um pano de mesa dourado para poderem bater com o malhete.

O orador e o secretário estão sentados do mesmo modo, mas com uma ornamentação apropriada aos seus cargos.

Todos os príncipes estão sentados em cadeiras azuis com filetes negros; cada uma delas possui o brasão do seu titular. Dever-se-á fazer uso de malhetes negros com filetes amarelos.

Os príncipes estão vestidos de negro, de chapéu liso na cabeça, ornado com uma pluma branca, e espada à cintura, de copos decorados com um rubi cor de fogo em vez da faixa costumeira. O seu avental branco é bordado e forrado a vermelho; possui um bordado ou um desenho, tendo ao centro a representação de uma grande águia negra semelhante àquela que ornamenta a sala; sobre o peitilho, na circunstância dobrado para a frente, está inscrita a negro a letra «J». Trazem na terceira botoeira do fato uma roseta de fita vermelha, da qual pende uma águia de ouro. As luvas devem ser bordadas e forradas a vermelho; nas costas da mão direita está bordada a negro uma balança, e nas da mão esquerda uma chave.

Os príncipes possuem três jóias ornamentais: um compasso coroadado,

apoiado, através da sua abertura, num quarto de círculo, tendo ao meio uma cruz tirada da balança cabalística de Salomão e na base um pelicano com sete filhotes e uma águia de asas abertas, um de cada lado. Um ramo de acácia corre por entre estes ornamentos. Esta jóia é o emblema dos três reinos da natureza que entram no trabalho da verdadeira ciência. A segunda jóia é um triângulo equilátero, também chamado pentáculo do rei Salomão. Esta jóia encerra em si toda a ciência cabalística em que cada letra contém uma potência na operação da Grande Obra; a última jóia é a águia negra que já falámos. Ela é o símbolo do grau supremo da Ordem em que é empregue.

No capítulo, para se estar numa postura correcta, levam-se os três dados do meio da mão direita ao coração, segurando o polegar e o mindinho na palma da mão.

Para a recepção de um aspiração rosa-cruz, a câmara de reflexão está despojada de todo e qualquer ornamento; tão escura quanto possível, será apenas iluminada por uma pequena luzinha pousada numa mesa preta, na qual foi colocada uma bilha de água, um pão e um bocado de enxofre. Por cima da mesa, está suspenso da parede um quadro representando um galo e uma ampulheta e tendo escrito por cima, em grandes caracteres: *Paciência e perseverança*. Diante da mesa, um trípode com um buraco no fundo serve de assento ao recipiendário.

Eis como tinha lugar a recepção de um aspirante rosa-cruz:

O soberano G.: M.:, após se ter assegurado de que as portas estavam bem fechadas e do valor maçónico dos ff.:, presentes, dava uma pancada no altar com o malhete. Imediatamente, todos os príncipes se levantavam, prontos a receber as ordens. Após os dois vigilantes terem, por seu turno, batido com o malhete, o soberano G.: M.: tomava a palavra:

«Príncipes cavaleiros da águia negra, príncipe grão-prior, príncipe grão-vigilante e oficiais dignitários, ajudai-me a abrir o capítulo.»

Trocava-se, então, o sinal, e, depois, o príncipe grão-prior e o príncipe grão-vigilante apresentavam ao Soberano G.: M.: a ponta das suas espadas, pondo-se então todos os príncipes em posição; o Soberano G.: M.: retomava então a palavra:

P. «Príncipe grão-prior, que horas são?

R. «Soberano G.: M.:, surge já a estrela da manhã.

P. «Príncipe grão-prior, que devemos fazer?

R. «Devemos retomar os nossos trabalhos.

P. «Príncipe grão-vigilante, qual é o vosso dever?

R. «S.: G.: M.:, é o de ver se o capítulo está hermeticamente selado, se os materiais estão prontos, se os elementos se distinguem, se o negro dá lugar ao branco e o branco ao vermelho.

P. «Príncipe grão-vigilante, vede, pois, se tudo está pronto.

R. «S.: G.: M.:; tudo está pronto, podeis iniciar a obra; tudo está pronto, o fogo começa já a ganhar cor, tudo está pronto.

P. «Príncipe grão-prior e príncipe grão-vigilante, deixai os ferros, pegai nos vossos malhetes e colocai os príncipes nos seus devidos lugares.

R. «Príncipes cavaleiros que habitais o Zodíaco, observai nos vossos trabalhos a maior exactidão na busca dos três reinos da natureza, isto é: os animais, os vegetais e os minerais, subordinados a cada signo e a cada mês do ano, e encerrai todos os vossos metais na casa do Sol.

P. «Príncipes, que o ruído dos vossos instrumentos ressoe de um pólo a outro e que o Oriente e o Ocidente dirijam doravante o curso dos planetas.»

O Soberano G.: M.: bate seguidamente três vezes com o malhete, duas pancadas de cada vez, e os dois vigilantes imitam-no.

P. «Príncipes cavaleiros, o capítulo está aberto, façamos o nosso dever.

Os dois vigilantes repetem estas palavras e todos os assistentes fazem os sinais; aplaude-se por sete vezes (seis e uma), dizendo três vivas *Vivat*, e, depois, todos tomam os seus lugares, procedendo-se, então, à recepção.

O padrinho, assistido por um cavaleiro preparador, vai buscar o recipiendário à câmara de reflexão e pergunta-lhe se continua a desejar ardentemente fazer-se aceitar como cavaleiro. Perante a sua resposta afirmativa, o preparador, após lhe ter vendado os olhos, introdu-lo, levando-o pela mão, num apartamento forrado a negro, no qual se encontra, deitado de costas numa mesa, o último cavaleiro aceite, fingindo-se de morto; leva-se o recipiendário a tocar no corpo, e, enquanto o fazem dar algumas voltas em torno do quarto, o cavaleiro estendido sobre a mesa retira-se silenciosamente, colocando-se então em seu lugar um coração de boi ou de carneiro, uma caveira e uma luz.

Pergunta-se ao recipiendário se continua decidido a prosseguir na sua viagem e a executar tudo aquilo que lhe for ordenado. Depois de ele ter respondido afirmativamente, conduzem-no, armado de um punhal, até junto do coração de boi e dizem-lhe:

«Golpeai e não hesiteis; ai de vós se vos arrependerdes do golpe que tereis dado.»

O aspirante trespassa o coração, mantendo o punhal nele mergulhado.

«Sabeis o que acabais de fazer?», pergunta-lhe o preparador.

«Não sei nada. Tudo aquilo que posso adivinhar é que trespassei um corpo, seja ele qual for, mas não me arrependo, e, para prova daquilo que afirmo, estou pronto a recomeçar.»

É então retirada a venda que cobria os olhos do aspirante, a fim de que ele possa contemplar a luz, o coração e a caveira. Ao fim de alguns instantes, o preparador torna a falar:

«Trazei esse coração na ponta do vosso punhal e segui-me.»

Chegados à porta do capítulo, o padrinho bate duas pancadas irregulares, às quais o príncipe grão-vigilante responde do mesmo modo, e, dirigindo-se, então, ao seu colega, diz:

«Príncipe grão-prior, batem à porta do capítulo à maneira dos profanos.»

Este previne de tal facto o Soberano G.:M.:, que ordena ao príncipe grão-vigilante para ir tomar conhecimento de quem bate. Após ter parlamentado com o preparador, o príncipe grão-vigilante assegura ao Soberano G.: M.: que o troféu que o aspirante lhe vai apresentar será uma garantia suficiente a seu favor.

Pergunta-se, então, ao padrinho qual o nome e idade do candidato, e quais os graus pelos quais já passou para ousar pretender ascender ao sublime grau de rosa-cruz.

Este é seguidamente introduzido a Ocidente do capítulo, acompanhado pelo padrinho e pelo preparador, que vão entregar o recipiendário ao soberano G.: M.:, após o que retomam os seus lugares. Após ter colocado ao aspirante algumas perguntas sobre o seu passado maçónico, o soberano G.: M.: explica-lhe que o troféu representado pelo coração tem por fim lembrar-lhe que, após ter sido recebido como aprendiz, prestou o juramento solene, tendo, pois, consentido em que lhe arrancassem o coração caso viesse a tornar-se perjuro perante os seus compromissos. E como, além do mais, no grau de rosa-cruz são precisos homens resolutos com os quais se possa contar em caso de necessidade, quiseram assim experimentar a sua coragem. O aspirante aproveita a ocasião para assegurar que está pronto a executar as ordens do Soberano G.: M.:, sejam elas de que natureza forem.

Após ter recebido essa garantia, o Soberano G.: M.: autoriza o aspirante a vir até junto do seu trono, seguindo o percurso dos quatro elementos, o qual é feito pelos quatro pontos cardeais, partindo do Ocidente, passando pelo Centro, indo depois para Norte, atravessando de novo o Centro a fim de alcançar o Sul e depois o Oriente, para chegar, finalmente, aos pés

do Soberano G.:. M.:, diante do qual se ajoelha, colocando a mão direita sobre a capa da Bíblia.

O recipiendário presta então o seu juramento.

«Prometo e juro, diz, perante o Supremo e Grande Arquitecto do Universo e perante o soberano capítulo aqui reunido, selar, guardar e nunca revelar os segredos dos cavaleiros da Águia negra, ditos rosa-cruz, a nenhum profano ou mação inferior a este grau, seja sob que pretexto for; só falar deles no capítulo e aquando do trabalho. Se a tal faltar e me tornar perjuro, consinto e perdoo a minha morte àqueles dos cavaleiros que tiverem de me dar, seja de que maneira for, pelo ferro, pelo fogo ou pelo veneno; que a minha memória seja maldita entre os rosa-cruz e os mações espalhados pelo mundo inteiro; orai por mim, meus irmãos, para que Deus me ajude e me preserve de faltar às minhas obrigações.»

Prestado o juramento, o grão-prior faz levantar o candidato e apresenta-o ao Soberano Grão-Mestre, que o manda passar para a sua direita e o ornamenta de imediato com as jóias, as luvas e o avental da ordem; seguidamente, transmite-lhe os sinais, palavras de passe e toques particulares.

«O sinal, diz, é feito, aquando da saudação, levando o indicador da mão direita à base do nariz, depois ao longo da face até à orelha e, finalmente, descendo-o ao longo do pescoço até à clavícula, a fim de formar o esquadro. Responde-se com o mesmo sinal, mas feito com a mão esquerda. O toque particular é dado mediante um abraço recíproco; ambos avançam o pé direito e batem com os calcanhares um no outro. A palavra sagrada é *Messias*, que quer dizer tesouro dos filósofos. A palavra de passe ou de entrada é *Och*, que significa *semente* de todos os metais.»

O candidato vai então dar-se a conhecer a todos os príncipes, sendo, depois, recebido pelo soberano Grão-Mestre, que lhe diz:

«Pelo poder que recebi e com o unânime consentimento desta augusta assembleia, aceito-vos como príncipe franco-mação com o grau de *Cav. da Águia negra da Rosa-Cruz da Alemanha*, do qual estais revestido e vos tornastes membro.»

O orador desvenda-lhe, então, nos seguintes termos, os mistérios do grau:

«A figura desta loja, tal como está traçada, é um rectângulo mais comprido de Oriente a Ocidente do que de Sul a Norte, visto que o Sol ilumina mais o Globo terrestre no primeiro sentido do que no segundo, já que ele nunca vai além dos trópicos.

«Vedes aqui, ao centro, um grande espaço circular composto de nuvens, que encerra os círculos do Zodíaco onde estão contidas as doze casas do Sol, cada uma delas ocupada por um dos doze meses do ano; todos os meses deveis entrar na câmara que o representa para aí trabalhardes e atraírdes a visita do astro luminoso que vivifica toda a natureza e toda a matéria.

«O Sol deve ser recebido pelos quatro elementos que convidareis a fazer-vos companhia, pois, sem eles, a casa ficaria muito triste; dareis um banquete ao Sol com iguarias tiradas dos animais e dos frutos, que são alimentados no interior de cada casa celeste. Se observardes todos estas condições, operareis frutuamente.

«No decurso do nosso trabalho, é preciso considerar a matéria como morta; o cadáver de Hiram é o seu emblema. É necessário vivificá-lo e fazê-lo renascer das suas cinzas, o que obtereis por intermédio da vegetação da árvore da vida representada pelo ramo de acácia; mas não podereis operar frutuamente se vos afastardes do esquadro e do compasso, que deveis ter sempre diante de vós.»

Em seguida, o Soberano Grão-Mestre ensina o seguinte:

«Cavaleiros, príncipes recém-admitidos na Ordem dos cavaleiros rosa-cruz, quando vos puseram em reflexão, pudestes aperceber-vos do pão, da água, do sal, do enxofre, do galo e da ampulheta com as seguintes palavras: "Paciência e perseverança"; trata-se de matérias simbólicas, fáceis de explicar.

«Pelo pão e pela água, é-vos indicada a sobriedade que deveis respeitar nas vossas refeições; pelo sal, os bons costumes que deveis manter para vos conservardes entre os homens; pelo enxofre, o *ardor secreto* que deveis possuir de querer alcançar a ciência cabalística, formando o vosso espírito de modo a que este tome pronto conhecimento de todas as alturas em que a luz vos vier a iluminar; pelo galo, a vigilância em todas as vossas obras, e, quanto à ampulheta, ela designa o tempo que deve ser empregue no trabalho, o qual deve ser contado por horas e por minutos. Ajudem os, pois, os novos cavaleiros a descobrir o *princípio* da vida contido no âmago da matéria-prima conhecida sob o nome de Alkaest.»

Em seguida, o Soberano G.:. M.:. procede à instrução do grau através de um diálogo com os vigilantes. Deste diálogo, conclui-se que o Soberano G.:. M.:. se encontra postado a Oriente a fim de aí esperar pela chegada do Sol e de o acompanhar nas suas doze casas celestes, cujas honras são feitas pelo Grande Arquitecto do Universo em pessoa, sob doze nomes sagrados, cada

um deles extraído das doze letras do grande nome de Deus em hebraico: Getimoaljeam. As doze casas estão divididas em quatro partes iguais que são as quatro estações do ano, as quais explicam a utilidade do trabalho. Nesse trabalho, devem empregar-se os quatro elementos e os três reinos da natureza que, para serem convenientemente usados, devem ser apanhados nas suas verdadeiras estações, a fim de que o género humano aí possa encontrar imensos tesouros.

Adonai, o mais poderoso nome de Deus, põe todo o universo em movimento; o cavaleiro que fosse suficientemente feliz para conseguir pronunciá-lo cabalisticamente teria à sua disposição as potências que habitam os quatro elementos e os espíritos celestes; possuiria assim todas as virtudes úteis ao homem e alcançaria, com o seu concurso, a descoberta do primeiro dos metais que é o *Sol*, o qual provém da íntima aliança dos seis metais inferiores, cada um dos quais *contém a semente, fornecendo-a no leito nupcial*.

Os seis metais inferiores, o chumbo, o estanho, o ferro, o cobre, o mercúrio e a prata, são simbolizados por Saturno, Júpiter, Vénus, Mercúrio e a Lua; o ouro-sol, o primeiro dos metais, está colocado no seu centro, ainda que fisicamente ele não seja um metal, visto que todo ele é espírito e, desse modo, incorruptível, sendo por estas razões que ele é o emblema da Divindade, incapaz de sofrer quaisquer alterações.

Para conseguir reunir os seis metais e torná-los num só elemento que já não seja um metal, servimo-nos da régua e da balança que Salomão deixou no seu precioso tratado das suas Clavículas cabalísticas. A Cabala é a prática secreta das altas ciências ou *conhecimento dos segredos da natureza* e da grandeza de Deus.

Para a sua balança, Salomão serviu-se de 25 números, subdivididos do seguinte modo: 1, 2, 3, 4, 5, que contém 25 vezes a unidade; 12 vezes 2, 8 vezes 3, 6 vezes 4 e 5 vezes 5.

Sete filósofos forneceram a chave desta balança: Albumasaris, Pitágoras, Ptolomeu, Antidonis, Platão, Aristóteles e Hali. Cada um deles dedicou-se a um metal, com ele constituiu um tratado e forneceu a sua medida, régua e balança para se poder pô-los em prática, estando cada um dos tratados sob a dominação de um génio elementar. Os metais e os génios correspondentes são: chumbo, Aratron; estanho, Retor; ferro, Phalech; ouro, Och; cobre, Hagit; mercúrio, Aphiel; prata, Hali.

Para fabricar o Alkaest, espírito ou dissolvente, inventado por Van

Helmont, é preciso começar por trabalhar na aliança dos quatro elementos simples de que todos os seres se compõem, assim como os três reinos da natureza, cada um na sua casa, encerrados em cada uma das casas do Sol, começando pela de Março, porque é por ela que começa o ano na filosofia hermética e em astronomia. Preparam-se misteriosamente as três produções da natureza, misturando-as com o fogo elementar tirado da matéria-prima por atracção e força centrípeta dos mistos, sendo depois postas a macerar no forno económico aceso pelos quatro ventos. Este tesouro produz imensos tesouros para a humanidade, os quais durarão enquanto durar o mundo. Só os verdadeiros maçons podem participar na Grande Obra, e, mesmo assim, bem poucos dentre estes conseguem ser bem sucedidos...

O CONDE DE GABALIS, POR N. MONTFAUCON DE VILLARS OU DE COMO OS ROSA-CRUZ INSPIRARAM ANATOLE FRANCE

*Extracto da obra LE COMTE DE GABALIS, introdução e notas por
Pierre Mariel, La Colombe, Paris, 1931.*

Foi em 1635 que nasceu, no domínio de Villars, na diocese de Aleth, Nicolas-Pierre-Henri de Montfaucon.

Descendia de uma nobre família da Gasconha, família, aliás, de muito boa reputação. O seu avô era Jean-François de Montfaucon-Casnillac, que se distinguira ao serviço dos exércitos do rei. A sua mãe era uma Montgaillard, e ele virá a ser tio de Dom Bernard de Montfaucon, aquele mesmo que publicou na abadia de Saint-Germain-des-Près essa *Antiguidade Explicada*, que ainda hoje é consultada com interesse.

Os Montfaucon usavam armas anagramáticas. Eis o seu brasão, esquartelado: *um* e *quatro* de goles num monte branco encimado por um falcão da mesma cor; *dois* e *três* de goles em três chaveirões brancos.

Nicolas, sendo o mais novo, foi destinado à vida religiosa. Levou a cabo brilhantes estudos teológicos em Toulouse. Apesar da sua ainda tenra idade, foi admitido como pregador em Saint-Sernin, onde logo se fez notar.

Sem dúvida que estes primeiros sucessos lhe deram um pouco volta à cabeça, pois deixou a sua província para ir tentar a sorte em Paris, por volta de 1660, quando tinha, portanto, vinte e cinco anos. Quando é que foi ordenado sacerdote? Não há nenhum documento autêntico que o precise. Aquilo que é absolutamente certo, em contrapartida, é que arranjou em Paris algumas deploráveis amizades. O abade de Villars (como se chamava a si mesmo) deixou-se imediatamente atrair por um bando de espíritos fortes, de «libertinos», que frequentavam a Porta de Richelieu, taberna que se situava na actual localização de uma das esquinas das ruas Saint-Marc e Richelieu.

Mesmo às portas da morte, Mazarino mantinha ainda em Paris toda uma rede de espiões e informadores. E, entre eles, um certo Paul Spicq, que não teve qualquer dificuldade em ganhar as boas graças do jovem abade frondista. Encorajou-o a escarnecer do primeiro-ministro e denunciou-o depois ao Châtelet.

O *dossier* foi enviado para Vincennes, onde o cardeal estava agonizante. Mas ainda possuía forças suficientes para assinar, como assinou, uma ordem de prisão contra o abade de Villars e consócios, acusados de terem «distribuído novas e libelos contra o rei e o Estado».

O abade Montfaucon de Villars pouco tempo permaneceu na Bastilha. Em Março de 1661, Mazarino rendeu a alma ao Criador e os seus inimigos foram libertados. Voltamos depois a encontrar o libertino eclesiástico na região de Toulouse, a dar crédito a uma ordem de prisão da câmara criminal do Parlamento da Gasconha.

É acusado de ter sido cúmplice -- com a irmã, o irmão e um criado -- no assassinio de um seu tio, Pierre de Ferroul, ou de Ferrovil, senhor de Montgaillard!

Antepassado dos nossos actuais bodes expiatórios, o criado foi o único a ser preso. Acabou na roda. A família Montfaucon escapou aos esbirros policiais e, condenados à morte por contumácia, irmãos e irmã dispersam-se pelo Reino.

Em 1668, a respeito do mesmo caso, nova ordem de prisão, mas desta feita incompreensível para nós. Com efeito, o auto judiciário precisa: «...ordem de prisão pela qual Henri de Montfaucon, que se faz chamar de abade de Villars e que passa por ser o autor do *Conde de Gabalis*... foi condenado a ser morto na roda juntamente com os seus cúmplices, por crime de assassinio, homicídio e incêndio...».

Ora, foi só em 1670 que surgiu a obra-prima do nosso irascível abade: *O Conde de Gabalis ou Diálogos sobre as Ciências Secretas*. Visto que a ordem de prisão de 1668 já faz menção desta obra, será preciso admitir que ela já então circulava clandestinamente, sob a forma de manuscrito, como então era hábito frequente?

1668? É o ano de *O Avarento* e dos *Litigantes*. Alguns meses depois, o Senhor de Meaux pronuncia o elogio fúnebre de Henriqueta de Inglaterra, que «passou tão célere como a erva dos campos». Quase ao mesmo tempo, é a revelação das *Cartas da religiosa portuguesa*¹⁰⁰ que, entre duas poetisas, Louise Labbé e Marceline, asseguram a presença no lirismo francês do

profundo grito de amor feminino, o grito monótono do dilaceramento. A este amor profano de uma freira, faz eco a obra-prima laica do amor divino: os *Pensamentos*, publicados oito anos depois da morte de Pascal.

Em 1670, *Zaïde*, de Mme. de la Fayette, passa quase despercebida, e só um ano depois é que uma pedante literária, a marquesa de Sévigné, virá a escrever as suas primeiras letras.

Mas, em Março de 1670, surge o *best-seller* (se assim nos ousamos exprimir) da estação literária: o abade de Villars publica anonimamente a sua primeira obra: *O Conde de Gabalis ou Diálogos sobre as Ciências Secretas*.

Só que, entre as gentes de letras, ninguém se deixa enganar por este anonimato. Tudo se resume a saber quem elogia ou quem inveja Montfaucon de Villars. A sua voga alcança a Corte e a cidade. Os exemplares da edição são avidamente disputados. O autor toma ares de importância e o livreiro esfrega as mãos de contente.

Como explicar este sucesso?

O Conde de Gabalis começou por ser uma obra polémica -- polémica tanto mais temível quanto é certo que se apresentava sob uma forma jocosa.

Nessa época tenazmente afeiçoada ao sobrenatural e à magia, em que, e isto só em Paris, «existiam quatrocentas mulheres que viviam bastante bem apenas à custa de passarem o tempo a ler nas mãos», em que os curiosos empiristas tratavam (e matavam) mais doentes do que a Faculdade, em que era feito o horóscopo de cada criança na mesma altura em que lhe era dado o baptismo, começou-se por pensar que Montfaucon tinha por única intenção ridicularizar as «ciências secretas», troçando daqueles que acreditavam na existência de Salamandras, de Ondinas, de Elfos e de Gnomos, vivendo uma existência quase corporal no seio dos quatro elementos.

Ele afirma que se divertiu a «expensas dos loucos». Não quer -- e proclama-o alto e bom som -- que desconfiem de que ele dê crédito às ciências secretas, a pretexto de as ridicularizar. Escarnece, dizendo: «Não é verdade que todos os dias se consultam oráculos aquáticos nos copos de água ou nas bacias, assim como oráculos aéreos nos espelhos e nas mãos das virgens? Não é verdade que assim se ficam a saber novas dos países longínquos e se podem ver aqueles que andam ausentes?»

Por outras palavras, a acreditar naquilo que nos diz, Montfaucon chamara a si a missão de «desintoxicar» (como nós diríamos) a opinião pública. Combatia os exploradores da credulidade pública rindo-se deles. *Castigat ridendo mores*.

Só que, depois, olhou-se para a sua obra com maior atenção. E alguns aperceberam-se de que este Gascão tinha intenções totalmente opostas ao simples ridicularizar. O seu riso não passava de prudência. Diríamos, hoje em dia, que ele anunciava o *rictus* de Voltaire.

Como tão justamente escreveu Constantin Bila:

«Aquilo que o abade de Villars empreendeu foi a crítica da superstição. E talvez que, sob este termo *superstição*, venha a englobar-se, pura e simplesmente, a religião. F. Rabbe demonstrou com profunda acuidade que "o abade bem podia atacar a cabala e os cabalistas, denunciar as Sílides e as Salamandras: para nós, que olhamos a sua obra à distância, isso não nos pode enganar, pois vemos claramente aquilo de que os seus contemporâneos se limitavam a suspeitar". Os seus golpes atingiam directamente o príncipe das potências deste mundo, a superstição sob todas as suas formas, mas sobretudo sob a sua forma mais perversa e ridícula: a forma teológica.

«É evidente que, se lermos atentamente *O Conde de Gabalis*, este romance perde o seu estilo jocoso e descobrimos aí uma autêntica lição de cepticismo. Ora ouçamos o personagem que desempenha o papel do mago iniciador. Diz ele: "Nós desdenhamos informar-nos acerca daquilo em que consistem as diferentes seitas e as diversas religiões com que os ignorantes se deleitam."

«É preciso ser bastante ousado para assim falar num século em que a teologia exercia um império soberano e em que só era possível atacar de través, tal como o faz o abade de Villars; mas ainda era mais ousado acrescentar: "Quanto à obscuridade de certos oráculos, a que vós chamais charlatanice, não é verdade que as trevas são o manto usual da verdade? Não é verdade que o próprio Deus se compraz em ocultar-se por detrás do seu manto sombrio e não será também verdade que o eterno oráculo que deixou aos seus filhos, a Sagrada Escritura, está envolta numa adorável obscuridade que confunde os soberbos tanto quanto a sua luz guia os humildes?"

E, ao opor-se directamente ao Diabo e aos demónios, Montfaucon sabotava todo o edifício teológico, construído (quer se queira quer não) na base do dualismo.

Mas um outro perigo ameaçava Montfaucon de Villars, perigo bem mais temível ainda, pois permanecia na sombra, *oculto*, no sentido mais preciso do termo: o ódio dos rosa-cruz, que o acusavam de divulgar os seus mistérios, depois de ter captado a sua confiança.

Em Março de 1675, voltamos a encontrar a pista de Montfaucon. E desta

feita na estrada de Lyon. Que nova fortuna irá ele tentar na confluência do Saône e do Reno? Ignoramo-lo.

A única coisa que sabemos é que não passou de Mâcon. Foi assassinado no caminho.

Morto, dizem uns, à punhalada, morto, afirmam outros, com um tiro de pistola. Aquilo que é certo é que o pobre homem pereceu e que os seus assassinos nunca foram encontrados.

Quando a funesta notícia chegou a Paris, deu grande brado. Willars reencontrou uma enorme voga póstuma que, desde há alguns anos, o abandonara.

Só nos resta perdermo-nos em todo um labirinto de hipóteses a respeito do crime impune... Vingança da rosa-cruz, executando, como o dirá Guaïta, uma sentença vémica? Porque não? Vingança de uma Salamandra ciumenta? Tendo sucumbido aos encantos de uma dessas filhas do Fogo, Montfaucon teria seguidamente cometido a imprudência de regressar aos amores humanos? Tal como o aconselhava M. d'Astarac: «Ficai a sabê-lo, meu filho: as Salamandras nunca se deixam trair impunemente. Elas tiram sempre uma terrível vingança do perjuro...»

Sem dúvida que *A Casa de Assados da Rainha Pédauque* é o único romance de Anatole France que «perdurará», tal como se diz. Devê-lo-á ele ao *Conde de Gabalis*? É provável...

Porque há páginas inteiras de *A Casa de Assados* que foram «retiradas» de *Gabalis*. Ao ponto de, logo desde os primeiros parágrafos, o pai de Jacques Tournebroche julgar útil de tal nos avisar. Alguns críticos, como F. Rabie, René-Louis Doyon ou Constantin Bila, coligiram as inumeráveis passagens que Anatole France recopiou quase textualmente e pôs seguidamente na boca de M. d'Astarac. Para aí remetemos os nossos leitores, contentando-nos em apresentar em anexo alguns extractos de *A Casa de Assados*, a título de exemplo. Mas, na verdade, é toda a obra que seria necessário retomar.

O CONDE DE GABALIS

É preciso prestar este

A CASA DE ASSADOS DA RAINHA PÉDAUQUE

«Existem três espécies de
gente, meu filho, a quem o

testemunho à sua memória, de que ele (Gabalis) era um grande zelador da Religião dos seus pais, os Filósofos, e de que teria sofrido a morte pelo fogo de preferência a profanar a sua santidade fazendo confidências a um qualquer Príncipe indigno, a um qualquer ambicioso ou a um qualquer incontinente, três espécies de gente que em todos os tempos foram excomungadas pelos sábios. Por felicidade, eu não sou Príncipe, poucas ambições tenho e ver-se-á pelo que se segue que até tenho um pouco mais de castidade do que a que é necessária a um sábio.

filósofo deve esconder os seus segredos. São os príncipes, porque seria imprudente aumentar-lhes o poder; os ambiciosos, cujo génio implacável devemos evitar fortalecer, e os debochados, que encontrariam na ciência oculta os meios para dar satisfação às suas más paixões. Mas a vós posso-me abrir, que não sois debochado, porque não dou qualquer importância ao erro de há pouco, em que estivestes prestes a lançar-vos nos braços dessa rapariga, nem ambicioso, visto que vos contentastes até aqui em virar os assados do espeto paterno...

Se se quiser recuperar o império sobre as

Este balão está cheio de uma poeira solar que, pela sua própria pureza, escapa ao vosso olhar. Porque ela é

Salamandras, é preciso purificar e exaltar o elemento do fogo que está em nós; e fazer ressoar o som desta corda lassa. Para tal, basta concentrar o fogo do mundo, por meio de espelhos côncavos, num globo de vidro; e é aqui que reside o artifício que todos os Antigos tão religiosamente ocultaram e que o divino Théophraste descobriu. Forma-se nesse globo uma poeira solar, a qual, tendo-se purificado a si mesma da mistura dos outros Elementos, e sendo preparada de acordo com a arte, se torna, em muito pouco tempo, soberanamente apta a exaltar o fogo que está em nós; e a fazer-nos passar a ser, por assim dizer, de natureza ígnea. E a partir dessa altura os habitantes da esfera do fogo tornam-se demasiado fina para se patentear aos grosseiros sentidos dos homens. É assim, meu filho, que as mais belas partes do universo se furtam à nossa vista, só se revelando ao sábio munido de aparelhos próprios para as descobrir. Os rios e os campos do ar, por exemplo, ainda que, na realidade, o seu aspecto seja mil vezes mais rico e variado do que o da mais bela paisagem terrestre. Ficai, pois, a saber que neste balão se encontra uma poeira solar soberanamente apta a exaltar o fogo que está em nós. E o efeito dessa exaltação não se faz esperar. Ele consiste numa subtileza dos sentidos que nos permite ver e tocar as figuras aéreas que flutuam à nossa roda. Assim que tiverdes rompido o selo que fecha o orifício desse balão e respirado a

nossos inferiores; e felizes por verem restabelecer-se a nossa mútua harmonia, e por nós nos termos aproximado deles, têm por nós tanta amizade como a que têm pelos seus semelhantes, tanto respeito como aquele que devem à Imagem e ao Lugar-Tenente do seu Criador, e tantos cuidados quantos aqueles que lhes aconselhar o seu desejo de obterem de nós a imortalidade que não possuem. É certo que, como são mais subtis do que os dos outros Elementos, vivem durante muito tempo; assim, não se apressam a exigir dos Sábios a imortalidade. Poderíeis adaptar-vos a qualquer um dentre eles, meu filho; se a aversão de que me destes testemunho vos durar até ao fim: talvez que ele nunca vos fale daquilo que tanto receais.

poeira solar que dele se escapará, descobrireis neste quarto uma ou várias criaturas que, pelo sistema de linhas curvas que forma o seu corpo, se assemelham a mulheres, mas que são muito mais belas do que mulher alguma alguma vez o foi, e que são efectivamente as Salamandras. Não é de espantar que aquela que eu vi no ano passado, na casa de assados do vosso pai, seja a primeira a aparecer-vos, pois ela gosta de vós, e aconselho-vos a satisfazer-lhe, com a maior brevidade, os seus desejos. Assim, ponde-vos, pois, à vontade, sentado nessa poltrona, diante desta mesa, destapai o balão e respirai docemente o seu conteúdo. Dentro em breve vereis realizar-se, ponto por ponto, tudo aquilo que vos anunciei. E, agora,

deixo-vos. Adeus.»

Notas

001

Este é o título completo em português: *O Bem Supremo, ou o Verdadeiro Assunto da Verdadeira Magia, da Verdadeira Cabala e da Verdadeira Alquimia dos Verdadeiros Irmãos da Rosa-Cruz.*

002

Robert Fludd, médico e hermetista inglês (1574-1637).

003

Cf. capítulo seguinte.

004

Londres, 1870.

005

Ed. de La Colombe, trad. de R. Labzine.

006

Em 1662.

007

O termo «substância» entendido aqui na sua acepção escolástica.

008

Émile Magne: *La Vie Quotidienne au temps de Louis XIII* (Hachette, 1942).

009

Escrevia-se indiferentemente Roza ou Rosa.

010

O *condottieri* Ernst von Mansfeld (1580-1626) que, após ter sido vencido pelos Espanhóis, oferecia simultaneamente os seus serviços aos reis de França e de Inglaterra.

011

A ofensiva diplomática conduzida por Mansfeld.

012

A Companhia de Jesus, os jesuítas.

013

Act. II, X-XIX; I *Cor.* XII.

014

Transcrevemos em português moderno.

015

Cf. o capítulo seguinte.

016

«Facínoras armados»: a expressão é de Pascal.

017

Cf. as obras de Alexandre Koyré.

018

Paris, PUF, 1950.

019

Este personagem continua a ser-nos misterioso; talvez seja mesmo mítico.

020

Ed. Rhea, 1921.

021

Histoire et doctrine des rose-croix, por Paul Arnold (Paris, Mercure de France, 1955).

022

Cf. C.G. Jung: *Psychologie et alchimie*, trad. Roland Cohen (Paris, Buchet-Chastel, 1970).

023

Cf. Von Hencke: *Allgemeine Deutsche Biographie* (Leipzig, 1855), e Mrs. E. Jouin et Descreux: *Bibliographie occultiste et maçonnique* (Paris, RISS, 1930).

024

Cf. Guy Bechtel: *Paracelso* (CAL, 1970).

025

Sobre os *nobres viajantes*, cf. *Dictionnaire des Sociétés Secrètes* (CAL, 1971).

026

(1618): Menippe ou centúria de diálogos mostrando a futilidade dos nossos contemporâneos.

- 027**
Expressão que veio a ser retomada por Louis-Claude de Saint-Martin.
- 028**
Apoc., VI.
- 029**
Na actual Baviera.
- 030**
Logo, de 21 de Maio a 20 de Junho.
- 031**
Denominação protestante substituída por Jean Huss.
- 032**
Estas ideias vieram a ser retomadas por Goethe e Rudolf Steiner.
- 033**
Jean Marquès-Rivière: *Histoire des doctrines ésotériques*, (Paris, Payot, 1940).
- 034**
Adrien Baillet: *Vie de Monsieur des Carlès*, 2 vol. (Paris, 1691).
- 035**
Paris, 1937.
- 036**
Annales maçonniques universelles, Junho de 1938.
- 037**
Poèmes, traduzidos por Maurice Betz (Émile-Paul, 1938).
- 038**
Elégies de Duino, traduzidas por Suzanne Bianquis (Aubier, s.d.).
- 039**
Traduzido do alemão.
- 040**
Traduzido do alemão.
- 041**
Ed. des Amitiés Spirituelles (Bihorel e Paris, 1928).

- 042**
Cf. *La Théosophie*, de Jacques Cantier (CAL, 1970).
- 043**
Geschichte der Freimaurerei (Leipzig, 1878).
- 044**
Robert Fludd também exigia o celibato dos seus discípulos, mas celibato não deve ser confundido com castidade.
- 045**
A Pedra filosofal ou Pedra dos Sábios, cuja «projecção», segundo os alquimistas, transmutava o chumbo em ouro.
- 046**
Tratar-se-á de diluição homeopática?
- 047**
Ver a tradução na p. 74.
- 048**
La Franc-Maçonnerie occultiste et templière, por R. le Forestier (Paris, Perrin, 1932).
- 049**
Op. cit.
- 050**
Pseudo-inventado pelo patriarca bíblico Enoch ou Henoc (*Gén.* V. 24 -- *Jud.* XIV).
- 051**
Ou Elias Artista ou Helias Artista. (Literalmente, no original.) -- (*N. do T.*)
- 052**
Cf. III parte, cap.: «A Rosa-Cruz em finais do séc. XIX», p. 139.
- 053**
A corrente de ouro de Homero.
- 054**
Goethe et l'occultisme, tese de Christian Lepinte (Estrasburgo, 1957).
- 055**
Christian Lepinte, *op. cit.*

- 056**
La Philosophie de Jacob Böhme, por Alexandre Koyré (Vrin, 1929).
- 057**
O Yin e o Yang do taoísmo.
- 058**
Reinos mineral, vegetal e animal.
- 059**
Op. cit.
- 060**
Zacharias Werner et l'ésotérisme maçonnique (2 vol.). Tese de doutoramento em letras, de Louis Guinet (La Haye, Mouloir, 1965).
- 061**
A expansão para leste.
- 062**
Wenn du willst die Welt ergründen / Nur in Dir kannst du sie fiden / Doch, wer sehe will, must erblinden.
- 063**
O cavaleiro do Leão ressurgente.
- 064**
Episodes de la vie ésotérique, por G. van Rijnberk (Lyon, Derain, 1948).
- 065**
Cf. *Personnages énigmatiques*, por Frédéric Bulau, trad. francesa (Paris, Poulet-Malassis, 1861).
- 066**
O vale das rosas, jardim público.
- 067**
Mes six époques, memórias de Caron de Beaumarchais (Paris, 1796).
- 068**
Constant Chevillon foi assassinado por milicianos a 25 de Março de 1944. Cf. *Dictionnaire des société secrètes* (CAL, 1971).
- 069**
Cf. *Histoire des francs-maçons*, de Pierre Mariel (CAL, 1967).

- 070**
Escreve-se indiferentemente Coëns ou Cohens.
- 071**
Cf. *Dictionnaire des sociétés secrètes* (CAL, 1971).
- 072**
Cf. *Dictionnaire des sociétés secrètes* (CAL, 1971).
- 073**
Dictionary of National Biography, por Leslie Stephen e Sidney Lee (Londres, 5 vol., 1885-1901).
- 074**
Sir John Dee: *A Mónada hieroglífica*, trad. de Grillot de Givry (Paris, Chacornae, s.d.).
- 075**
Histoire de la Franc-Maçonnerie en France, por Gustave Bord (T. 1) (Paris, Liv. francesa, 1914).
- 076**
Rituels des sociétés secrètes, por Pierre Mariel (Paris, La Colombe, 1961).
- 077**
Defronte da Rua dos Ciseaux-d'Or.
- 078**
Ou Perneti, ou Pernetti.
- 079**
O pai do marquês, o «amigo dos homens».
- 080**
Alusão aos alquimistas.
- 081**
Um dos seus descendentes virá a tornar-se príncipe consorte da Dinamarca.
- 082**
Ou Elias Artista. (Literalmente, no original.) -- (*N. do T.*)
- 083**
Cota 3990.

- 084**
Palatinado do Reno.
- 085**
Hoje em dia rua Joseph Vernet.
- 086**
Cf. *Dictionnaire des sociétés secrètes* (CAL, 1971).
- 087**
Cf. *Eliphas Levi* por Paul Chacornae (Paris, Charconae, 1928).
- 088**
Alusão à «orientalização» que devia vir a resultar na fundação da Sociedade Teosófica.
- 089**
Cf. *Dictionnaire des sociétés secrètes* (CAL, 1971).
- 090**
Os *Livros do Aprendiz, do Companheiro e do Mestre*, reeditados em Laval: «Le Symbolisme».
- 091**
Les Compagnons de la Hiérophanie, por Victor-Émile Michelet (Paris, Dorbon-aîné, 1928).
- 092**
Inúmeras edições publicadas, uma das quais em «Livre de Poche» (A. 167-8-9).
(Publicado em Portugal pela Livraria Bertrand.) -- (N. do T.)
- 093**
Sprengel significa «hissope» em alemão.
- 094**
Todos estes nomes são os dos *Sephiroth* da árvore cabalística. Cf. *Dictionnaire des sociétés secrètes* (CAL, 1971).
- 095**
Nada há que permita precisar se estes «Irmãos Primogénitos» são ou não aqueles de que falaremos em breve.
- 096**
Legenda, palavra latina que pode ser traduzida por «anais».

097

Processos que vieram a culminar na dissolução da Ordem do Templo e na condenação à morte (ou ao exílio) de numerosos cavaleiros desta ordem cavaleiresca.

098

Não confundir com Aleister Crowley.

099

La Bible des rose-croix, por Bernard Gorceix (Paris, PUF, 1970).

100

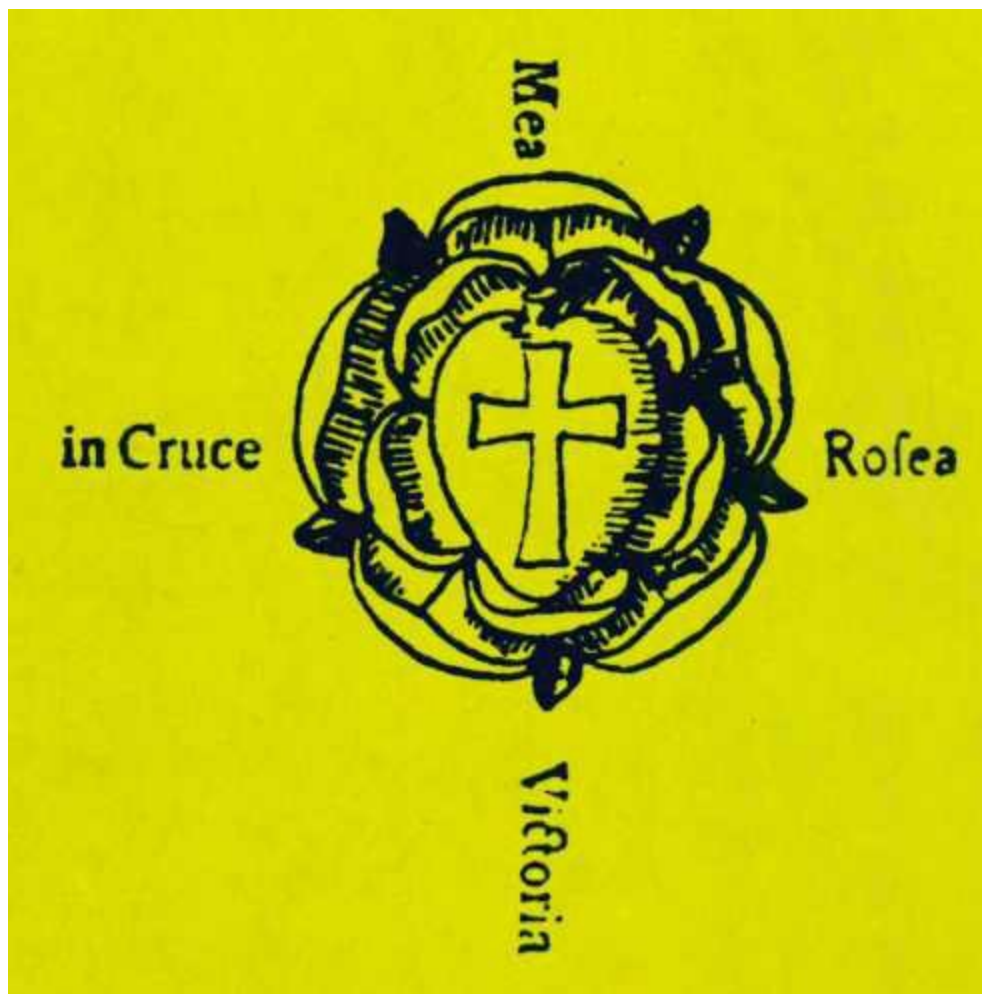
Referência às *Cartas Portuguesas*, de Soror Mariana Alcoforado. -- (*N. do T.*)

Terão os rosa-cruz sido realmente seres quase sobre-humanos, possuidores de tanta ciência como virtude? Terão exercido de facto uma profunda influência na evolução dos homens e das ideias? E donde lhes viria tanta sapiência?

Mais: será que ainda existem hoje em dia rosas-cruzes que pratiquem uma autêntica filiação iniciática?

E -- última e insidiosa pergunta -- os rosa-cruz, tal como são evocados por Naudé, Hargrave Jennings, Bulwer Lytton, terão realmente existido?

É a estas interrogações, e a algumas outras, colaterais e conexas, que este livro pretende dar resposta.



Título original: *Les Rose-Croix ou le complot des sages*

© Culture, Art, Loisirs, Paris, 1971

Tradução de Emanuel Lourenço Godinho

Capa: Edições 70

Depósito legal n.º 140845/99
ISBN 972 - 44 - 1017 - X
Direitos reservados para a língua portuguesa por Edições 70

EDIÇÕES 70, LDA.
Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2.º Esq.º - 1069-157 LISBOA / Portugal
Telefs: (01) 3158752 - 3158753
Fax: (01) 3158429



Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor. Qualquer transgressão à lei dos Direitos do Autor será passível de procedimento judicial.

Impressão e acabamento
da
LATGRAF -- Artes Gráficas, Lda.
para
EDIÇÕES 70, Lda.
Agosto de 1999
V3.0